

Angélica Pall Oriani

ENTRE CARTILHAS E LIVROS DE LEITURA:

por uma história da alfabetização no Brasil –
a Série “Leituras Infantis” (1908-1919), de Francisco Vianna



CULTURA
ACADÊMICA
Editora



**ENTRE CARTILHAS E LIVROS DE LEITURA:
POR UMA HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO
NO BRASIL - A SÉRIE “LEITURAS INFANTIS”
(1908-1919), DE FRANCISCO VIANNA**

Angélica Pall Oriani

Angélica Pall Oriani

**ENTRE CARTILHAS E LIVROS DE LEITURA:
POR UMA HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL -
A SÉRIE “LEITURAS INFANTIS” (1908-1919),
DE FRANCISCO VIANNA**



Marília/Oficina Universitária
São Paulo/Cultura Acadêmica

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS – FFC
UNESP - campus de Marília

Diretora: Dra. Claudia Regina Mosca Giroto
Vice-Diretora: Dra. Ana Cláudia Vieira Cardoso

Conselho Editorial

Mariângela Spotti Lopes Fujita (Presidente)
Célia Maria Giacheti
Cláudia Regina Mosca Giroto
Edvaldo Soares
Franciele Marques Redigolo
Marcelo Fernandes de Oliveira
Marcos Antonio Alves
Neusa Maria Dal Ri
Renato Geraldi (Assessor Técnico)
Rosane Michelli de Castro

*Conselho do Programa de Pós-Graduação em
Educação - UNESP/Marília*

Henrique Tahan Novaes
Aila Narene Dahwache Criado Rocha
Alonso Bezerra de Carvalho
Ana Clara Bortoleto Nery
Claudia da Mota Daros Parente
Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto
Daniela Nogueira de Moraes Garcia
Pedro Angelo Pagni

Auxílio Nº 0039/2022, Processo Nº 23038.001838/2022-11, Programa PROEX/CAPES

Parecerista: Claudia Panizzolo, professora Associada IV da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo - EFLCH/UNIFESP.

Capa: Imagem gratuita Freepik

Ficha catalográfica

P164e Pall Oriani, Angélica.
Entre cartilhas e livros de leitura: por uma história da alfabetização no Brasil – a série
“Leituras infantis” (1908-1919), de Francisco Vianna / Angélica Pall Oriani. –
Marília : Oficina Universitária ; São Paulo : Cultura Acadêmica, 2024.

199 p. : il.

Apoio: CAPES

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5954-521-6 (Impresso)

ISBN 978-65-5954-525-4 (Digital)

DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-525-4>

1. Educação - História. 2. Cartilhas. 3. Alfabetização. 4. Educação de crianças.
5. Livros e leitura. I. Título.

CDD 370.109

Catálogo: André Sávio Craveiro Bueno – CRB 8/8211

Copyright © 2024, Faculdade de Filosofia e Ciências

Editora afiliada:



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

Cultura Acadêmica é selo editorial da Editora UNESP
Oficina Universitária é selo editorial da UNESP - Campus de Marília

Para Alcides e Caetano.

A pesquisa histórica, se não for unicamente motivada pela atração do achado ocasional, tem essa consequência benéfica de aumentar a informação pela qual um mundo se acrescenta a uma obra – um mundo talvez exterior a ela, um mundo em que, face ao objetivo alcançado, multiplicam-se as palavras frustradas, as tentativas inacabadas: nesse terreno estranho a obra lança raiz e declara-nos a sua riqueza dependente; ela se revela por meio de suas ligações, e desarma a esperança de uma definição excessivamente fácil. (Starobinski, 1976, p. 134).

Sumário

Francisco Vianna na História da Alfabetização: Suas Obras e Contribuições.....	11
<i>Vera Teresa Valdemarin</i>	
O Ivo Viu a Uva ou o Começo de uma História.....	15
Francisco Vianna: Professor e Autor de Livros Didáticos.....	31
O Ensino da Leitura nos Livros da Série “Leituras Infantis”	79
Série “Leituras Infantis” e o Método Analítico para o Ensino da Leitura nas Décadas Iniciais do Século XX.....	151
Francisco Vianna entre Cartilhas e Livros de Leitura.....	181
Referências.....	183

FRANCISCO VIANNA NA HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO: SUAS OBRAS E CONTRIBUIÇÕES

Para se referir ao seu trabalho intelectual, Aristóteles escolheu a palavra *theoría* e o verbo correspondente *theoreîn*, que em grego aludem ao ato de olhar alguma coisa. Essa escolha é muito reveladora: o ofício de pensar o mundo só existe graças aos livros e à leitura, ou seja, no momento em que podemos ver as palavras e refletir com calma sobre elas, em vez de somente ouvi-las na correnteza veloz do discurso.

Vallejo, Irene. *O infinito em um junco*. A invenção dos livros no mundo antigo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022. p. 121

Saúdo a iniciativa da professora Angelica Pall Oriani de publicar sua dissertação de Mestrado transcorrida mais de uma década após a obtenção do título. O tempo é aliado do ofício intelectual e cria oportunidade para revisitar abordagens, entendimentos e inserir-se no curso de discussões que não se esgotam porque dizem respeito a temas candentes do conhecimento educacional.

A análise que faz das cartilhas, livros de leitura e outras produções do professor Francisco Vianna contribuíram com os estudos sobre uma temática que então se adensava em diferentes grupos de pesquisa e hoje constituem área dinâmica e consolidada: a história da alfabetização no Brasil.

A escolha desse autor revela-se possibilidade interessante para o exame realizado devido a algumas singularidades da trajetória profissional desse professor, conforme se acompanha na descrição da autora. Diplomado pela Escola Normal de São Paulo em 1895, iniciou, como outros companheiros, a carreira no magistério primário: professor na Escola Modelo da Luz na cidade

<https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-525-4.p11-14>

de São Paulo e diretor escolar em cidade do interior do estado. No entanto, passou a atuar no magistério secundário no Ginásio de Campinas e, mudando-se para o Rio de Janeiro, em 1912, estabeleceu-se como Inspetor Escolar desse mesmo nível de ensino. Assim, diferenciava-se de outros profissionais que lhe eram contemporâneos e que produziram materiais para o ensino no próprio nível escolar em que exerciam o magistério o que, provavelmente, ampliava tanto sua rede de sociabilidade profissional quanto o alcance de sua produção escrita.

A relação entre autores e editores, bastante problematizada nas pesquisas sobre livros didáticos, também é exemplificada aqui. A editora que publicava a série de livros “Leituras Infantis”, de Francisco Vianna, parece ter sido fator relevante, aliado à competência do autor, para sua longa permanência no mercado de livros escolares. Estabelecida desde meados do século XIX no Rio de Janeiro, a editora Francisco Alves, tinha capacidade econômica para ampliar os negócios por meio da aquisição de outras casas impressoras, de origem nacional e estrangeira, e da abertura de livrarias ou pontos de vendas em vários estados. Valia-se do desenvolvimento das técnicas de impressão disponíveis na Europa para melhorar a qualidade e diminuir os custos das obras oferecendo-as ao público leitor que se ampliava na medida em que se expandiam as oportunidades escolares; evidenciava também deferência ao autor permitindo que ele supervisionasse a impressão do material na França, em 1911.

Oferecia, portanto, condições técnicas e estratégias para dispor as obras ao público, o que se mostrou aposta acertada no caso de Francisco Vianna, pois a produção permaneceu mesmo após sua morte tendo os filhos como curadores do espólio. O prestígio angariado no mercado de livros didáticos parece ter sido de mão dupla, trazendo benefícios tanto para o autor e como para a casa editora.

A análise da materialidade dos livros escolares de autoria de Francisco Vianna é sustentada por acuidade metodológica que, simultaneamente, embasa os resultados da pesquisa e permite a comparação entre a série “Leituras Infantis” e outras em circulação no período analisadas por diferentes pesquisadores.

Nessa série, o ensino da leitura parece desdobrar-se em mais etapas como a demandar transições suaves para seu desenvolvimento. A série é

constituída pela *Cartilha: leituras infantis*, que é seguida de *Primeiros passos na leitura* e de *Leitura preparatória*. Após essa sequência vêm os quatro livros destinados às quatro séries do curso primário.

É interessante observar que a elaboração/publicação dos volumes não obedeceu a sequência acima descrita, embora no conjunto, pareça ao leitor de hoje um arranjo adequado ao processo didático. Vieram a público, primeiramente, os volumes destinados à leitura preparatória e às três séries escolares subsequentes, em 1908. Depois, em 1912[?] foi publicada a cartilha, seguida dos *Primeiros passos na leitura*, em 1915 e quarto livro, em 1919. Mesmo sem obter respostas definitivas, é possível indagar se a ordem da produção dos livros foi atendimento de demandas da prática escolar, de revisões do autor, de injunções editoriais ou da combinação desses e de outros motivos. Pode-se tomar como indícios desses motivos, o fato de que *Primeiros passos na leitura*, *Leitura preparatória* e *Primeiro livro de leitura* foram editados até o final da década de 1950, validando a pertinência das publicações.

A reprodução das capas da série de leitura oferece a oportunidade para observar a mudança de padrão gráfico e estético, uso das cores e preço dos exemplares, numa combinação de fatores técnicos, artísticos e econômicos que só se apresentam em obras tão duradouras. Acompanhar o cotejamento do conteúdo dos livros, das edições e das lições feito pela autora, permite identificar alterações que tinham por objetivo a adequação linguística e cultural; a supressão e o acréscimos de lições indicam revisões do autor para acompanhar mudanças sociais, do desenvolvimento infantil e aprimoramentos em diversos aspectos.

Embora se saiba que nos processos de leitura o controle está com o leitor e não com o autor, uma das características dos livros escolares é a tentativa dos autores ou editores de dirigir a leitura que deles fazem os professores e os estudantes por meio de diferentes dispositivos textuais. Para isso, podem ser utilizadas a organização das lições, a proposição de exercícios e atividades a serem realizadas pelos estudantes, a obediência ao currículo e aos programas escolares vigentes, entre outros elementos, implícitos ou explícitos. Em seus livros, Francisco Vianna faz uso de orientações aos pais e aos professores. Esse tipo de prescrição, frequentemente presente em manuais didáticos para uso em cursos de formação de professores, é adotado pelo autor em sua série. Tais

orientações, que aproximam o autor de seus leitores preferenciais, podem ser entendidas como precursoras do “livro do professor” que, expandidas, acompanham os livros didáticos até os dias de hoje; podem funcionar como recursos auxiliares ao trabalho docente, como modelos de lições que constroem a autonomia docente ou como diferencial editorial.

A minuciosa análise desses e de outros aspectos da materialidade das fontes selecionadas fundamentam a discussão sobre as contribuições de Francisco Vianna na história da alfabetização no Brasil, como filiado de modo próprio ao método de alfabetização de molde analítico. Num período em que esta era a tendência predominante para o ensino da leitura, não era pequena a tarefa enfrentada: destacar-se num acirrado mercado editorial.

Da pesquisa apresentada por Angélica Pall Oriani sobressaem as contribuições de um autor que, com livros destinados ao ensino da leitura, fez com que várias gerações de crianças pudessem ver a palavras e, quem sabe, refletir sobre elas. Tarefa árdua a qual continuamos a nos dedicar.

Vera Teresa Valdemarin

O IVO VIU A UVA OU O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA

Este livro foi apresentado originalmente como dissertação de mestrado em Educação¹, intitulada *Série “Leituras Infantis” (1908-1919), de Francisco Vianna, e a história do ensino de leitura no Brasil*. O objetivo da pesquisa era compreender as contribuições desse professor para o ensino da leitura, para o que foi necessário analisar a série de livros que ele escreveu.

Como um tipo de pesquisa mais recente no Brasil se comparado às demais, a abordagem histórica da alfabetização vem ganhando espaço e prestígio, à medida que acompanha o crescimento da pesquisa histórica em educação, campo com o qual dialoga diretamente, oferecendo possibilidades investigativas aos pesquisadores nele inseridos.

A respeito do tema, é importante destacar o livro *Os sentidos da alfabetização: São Paulo/1876-1994*, de Mortatti (2000)². Nesse livro, a autora apresenta resultados de pesquisa histórica sobre o ensino de leitura e escrita em São Paulo, no período de 1876 a 1994. A autora classificou o farto conjunto de documentos reunidos em “tematizações”, “normatizações” e “concretizações”³ sobre esse ensino e elegeu quatro momentos que considera

¹ A pesquisa de Mestrado foi desenvolvida entre 2009 e 2010 com Bolsa CAPES (01/07/2009 - 28/02/2010) e com Bolsa FAPESP - Processo 09/04376-0 (31/03/2009 - 31/12/2010) no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Marília, sob orientação da Prof^{fa} Dr^a Maria do Rosário Longo Mortatti.

² Esse livro resulta da tese de livre-docência da autora (Magnani, 1997).

³ Quanto aos termos “tematização”, “normatização” e “concretização”, utilizo-os de acordo com o sentido proposto por Mortatti (2000). Quando da categorização das fontes documentais que localizou, reuniu e analisou, essa autora considerou os documentos de acordo com “[...] o conteúdo, finalidade e forma de veiculação [...]”, tendo os classificado como: “[...] a) tematizações – contidas especialmente em artigos, conferências, relatos de experiência, memórias livros teóricos e de divulgação, teses acadêmicas, prefácios e instruções de cartilhas e livros de leitura; b) normatizações

cruciais na história da alfabetização em São Paulo, no período mencionado, enfocando a questão dos métodos de alfabetização. Esses quatro momentos são assim caracterizados pela autora:

- *primeiro momento* — “Metodização do ensino da leitura” – 1876 a 1890: caracteriza-se pela disputa entre os defensores do “método João de Deus⁴” e os dos métodos sintéticos: alfabético, fônico e silábico. O “método João de Deus”, baseado na palavração e contido em *Cartilha maternal ou Arte da leitura* (1876), escrita pelo poeta português João de Deus, foi divulgado no Brasil, a partir de 1880, por Antonio da Silva Jardim, positivista militante e professor de Português na Escola Normal de São Paulo;

- *segundo momento* — “Institucionalização do método analítico” – 1890 a meados dos anos 1920: caracteriza-se pela disputa entre os defensores do método analítico em oposição aos dos “tradicionais” métodos sintéticos para o ensino da leitura. As discussões em torno dos métodos de alfabetização, nesse momento, envolviam, também, disputas entre os “modernos” e os “mais modernos” defensores do método analítico sobre o modo por meio do qual se deveria processar o método: a palavração, a silabação ou a “historieta”;

- *terceiro momento* — “Alfabetização sob medida” – meados de 1920 ao final de 1970: caracteriza-se pela disputa entre os defensores do método misto (analítico-sintético ou vice-versa) e os defensores do método analítico, mas com “[...] diluição gradativa do tom de combate dos momentos anteriores [...]” (Mortatti, 2000, p. 26, grifos da autora). A partir das ideias de M. B. Lourenço Filho, contidas em *Testes ABC* – para verificação necessária ao aprendizado da leitura e escrita (1934) “[...] vão conquistando hegemonia as práticas de medida do nível de maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita e de classificação dos alfabetizandos [...]” a partir das quais “[...] a importância do método é sistematicamente relativizada e considerada tradicional.” (Mortatti, 2000, p. 26).

- *quarto momento* — “Construtivismo e a desmetodização” – início da década de 1980 a 1994: caracteriza-se pela disputa entre os defensores da

– contidas em legislação de ensino (leis, decretos, regulamentos, portarias, programas e similares); e c) concretizações – contidas em cartilhas e livros de leitura, ‘guias do professor’, memórias, relatos de experiências e material produzido por professores e alunos no decorrer das atividades didático-pedagógicas.” (MORTATTI, 2000, p. 29)

⁴ Segundo Mortatti (2000), João de Deus de Nogueira Ramos (1830-1896) foi um poeta português, cuja proposta para o ensino da leitura se “concretizou” em *Cartilha maternal*. A respeito desse autor e dessa cartilha, ver, especialmente, Mortatti (2000).

“revolução conceitual” proposta por Emília Ferreiro “[...] de que resulta o chamado *construtivismo* [...]” e os defensores dos “[...] *tradicionais métodos* (sobretudo o misto), das *tradicionais cartilhas* e do *tradicional diagnóstico do nível de maturidade com fins de classificação dos alfabetizandos.*” (Mortatti, 2000, p. 26-27, grifos da autora).

Mortatti (2000, p. 23,) conclui que, ao longo dessa história:

[...] pode-se observar a recorrência discursiva da mudança, marcada pela tensão constante entre modernos e antigos — ou entre mais modernos e modernos —, no âmbito de disputas de hegemonia de projetos políticos, educacionais e pedagógicos. Para esses sujeitos a mudança exige uma operação de diferenciação qualitativa, mediante a reconstituição sintética de seu passado (e, em particular, de seu passado recente, sentido como presente, porque operante no nível das concretizações), a fim de homogeneizá-lo e esvaziá-lo de qualidades e diferenças, identificando-o como portador do antigo — indesejável, decadente, obstáculo ao progresso —, buscando-se definir o novo — melhor e mais desejável — ora contra, ora independente em relação ao antigo, mas sempre a partir dele.

Além de Mortatti (2000), outros pesquisadores também investiram no desenvolvimento de pesquisas sobre a temática e, mais de duas décadas após a publicação da tese da autora sob a forma de livro, é possível afirmar que a história da alfabetização se constituiu como um campo de pesquisa, tal como problematizei em Oriani (2012).

Neste livro, apresento um sujeito que participou da construção da história da alfabetização no Brasil, e sua produção permite situá-lo dentro do segundo momento dessa história, conforme caracterizado por Mortatti (2000). Trata-se do professor Francisco Furtado Mendes Vianna (1876-1935). Sobre sua formação e atuação profissional, pouco se falava quando desenvolvi a pesquisa de mestrado; atualmente, além da dissertação que defendi em 2010, há, também, a pesquisa de Paulino (2019), que explora a representação da infância em seus escritos.

Pouco se sabe a respeito de Francisco Vianna, mas uma frase de sua cartilha é bastante comum aos ouvidos de professores e profissionais da educação: *O Ivo viu a uva*. A frase, que é parte de uma das lições da *Cartilha*: leituras infantis, publicada pela primeira vez presumivelmente em 1912,

acabou sendo associada a um passado indesejado; e a expressão passou a carregar junto de si a imagem do velho, daquilo que não funciona e que deve ser abolido nas escolas.

A despeito das interpretações produzidas sobre a sentença que compunha a lição da cartilha, Francisco Vianna teve uma atuação intensa e representativa como autor de livros didáticos destinados ao ensino da leitura. A Série “Leituras Infantis” foi publicada pela Livraria Francisco Alves (RJ) e é composta por sete livros, cujos títulos são: *Cartilha: leituras infantis* [1912?]⁵, *Primeiros passos na leitura* (1915), *Leitura preparatória* (1908); *Primeiro livro de leituras infantis* (1908); *Segundo livro de leituras infantis* (1908); *Terceiro livro de leituras infantis* (1908); e *Quarto livro de leituras infantis: apanhados e factos históricos* (1919). Destaco, também, o folheto intitulado *Considerações sobre a aprendizagem da leitura* [1912], veiculado como complemento às indicações contidas no prefácio de *Cartilha: leituras infantis*.

Os livros da Série foram utilizados em vários estados brasileiros e não apenas em São Paulo, onde Francisco Vianna atuava. Durante a pesquisa documental que realizei, localizei registros que indicam o envio de seus materiais para o Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso e Santa Catarina. Do mesmo modo, é importante destacar que seus livros circularam para além do momento histórico em que as primeiras edições foram publicadas.

A partir do exposto, com este livro questiono qual o processo de ensino da leitura apresentado por Francisco Vianna na Série “Leituras Infantis” e qual a contribuição desse professor para a história desse ensino no Brasil? Para responder essa questão, precisei formular outras, a saber: quem foi Francisco Vianna, qual sua formação e atuação profissional? Com que propósitos foram escritos os livros que integram a Série “Leituras Infantis” e o folheto? A quem se destinavam? Como e o que se propunha nesses livros para o ensino da leitura pelo método analítico? Em que contexto histórico-educacional foram publicados e utilizados? Com quais outros livros de leitura dialogam? Qual a repercussão dessa série de livros no ensino da leitura no Brasil?

⁵ Em relação à data de publicação da 1ª edição da cartilha, até o momento não localizei informações precisas. Presumo que seja 1912, mas Paulino (2019) presume 1911. Pelo fato de não ter precisão, nesta e nas demais menções a cartilha indico a data presumida, conforme consta no documento NBR-6023, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT): entre colchetes e com sinal de interrogação após a data.

A hipótese que conduziu as reflexões aqui apresentadas são a de que a Série “Leituras Infantis” apresenta um processo para o ensino da leitura que se inicia com duas cartilhas, nas quais Francisco Vianna “concretiza” sua proposta de aplicação do método analítico, com a finalidade de ensinar a leitura como “decifração” e que tem continuidade com cinco livros de leitura, nos quais a finalidade é ensinar a “leitura corrente”.

O objetivo deste livro é, portanto, contribuir para a produção de uma história do ensino de leitura no Brasil a partir da análise dos livros da Série “Leituras Infantis” (1908-1919), escrita por Francisco Vianna.

As fontes documentais que elegi para a investigação são:

Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura [1912] (exemplar da 3ª. edição, de 1925);

Cartilha: leituras infantis [1912?] (exemplares da 48ª. edição, de 1945 e da 54ª. edição, de 1949);

Primeiros passos na leitura (1915) (exemplar da 44ª. edição de 1958);

Leitura preparatória (1908) (exemplares da 69ª. edição, de 1937 e da 97ª. edição, de 1960);

Primeiro livro de leituras infantis (1908) (exemplares da 2ª. edição, de 1909 e da 62ª. edição de 1958);

Segundo livro de leituras infantis (1908) (exemplares da 2ª. edição, de 1909, da 50ª. edição, de 1926, da 60ª. edição, de 1941 e sem edição e sem data);

Terceiro livro de leituras infantis (1908) (exemplares da 2ª. edição, sem data; da 37ª. edição, de 1928; da 42ª. edição, de 1937 e da 44ª. edição, de 1941); e

Quarto livro de leituras infantis: apanhados e factos históricos (1919) (exemplar da 3ª. edição, de 1923 e da 5ª. edição, de 1928).

Para localizar os exemplares dos livros, consultei bibliotecas universitárias, o Arquivo Público do Estado de São Paulo, o Arquivo do Centro de Referência em Educação “Mário Covas”, o Arquivo da Escola “Caetano de Campos”, a Biblioteca do Livro Didático, a Seção de Obras Raras da Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo, a Biblioteca Infantojuvenil “Monteiro Lobato”, a Biblioteca Professor “Sólon Borges dos Reis” do Instituto de Estudos Pedagógicos “Sud Mennucci” (Centro do Professorado Paulista – CPP), o acervo da Biblioteca do Instituto de

Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, a Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, o Acervo bibliográfico da Francisco Alves no Lihed – Núcleo de Pesquisa sobre livro e história editorial no Brasil na Biblioteca da Faculdade de Educação, na Universidade Federal Fluminense e a Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro-RJ.

* * *

Com as escolhas feitas em relação às fontes documentais, cabe esclarecer os conceitos que mobilizei para analisar os livros e a trajetória de Francisco Vianna. Destaco: “alfabetização”; “métodos de alfabetização”; “método de ensino intuitivo”; “livro de leitura”; “cartilha de alfabetização”; “séries graduadas de leitura”; “pesquisa histórica”; e “documento”.

O termo “alfabetização” é aqui utilizado no sentido proposto por Mortatti (2000, p. 17): “[...] ensino e aprendizagem da língua escrita na fase inicial da escolarização de crianças [...]”.

Sobre esse conceito, destaco que, segundo Mortatti (2004), no caso paulista, o termo “alfabetização” foi “inaugurado” (Mortatti, 2004, p. 60) no Relatório elaborado por Oscar Thompson⁶ e publicado no *Anuário do ensino* do ano de 1918 (apud Mortatti, 2004), quando esse professor, na condição de diretor da Instrução Pública, utiliza esse termo “[...] para designar ‘oficialmente’ o ensino inicial da leitura (e escrita), ao se referir ao ‘insucesso da alfabetização’ evidenciado pelos dados estatísticos relativos às taxas de reprovação no 1º. ano.” (Mortatti, 2004, p. 60).

Pelo motivo de abordar neste texto um momento histórico no qual há variações terminológicas para se referir ao processo de ensino da leitura na fase inicial de escolarização, em alguns momentos utilizo o termo “alfabetização”, em outros, o termo “ensino da leitura” e, em outros, “ensino da leitura

⁶ Segundo Gonçalves (2002), Oscar Thompson diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo, tendo atuado na Escola-Modelo do Carmo até 1893, quando assumiu direção dessa escola. Nesse cargo permaneceu até 1898, ano em que passou a atuar na administração do magistério paulista. Nessa função, atuou intensivamente para a implementação de reformas, com destaque para a oficialização do método analítico para o ensino da leitura neste estado. A respeito da atuação profissional de Oscar Thompson, ver, especialmente, Nery (2009) e Gonçalves (2002).

e da escrita”. A fim de evitar os possíveis anacronismos, busquei utilizar as designações terminológicas de acordo com os momentos nos quais foram utilizadas, para com isso “[...] ser fiel à denominação da época em que se registra sua ocorrência” (Mortatti, 2000, p. 51).

Sobre os “métodos de alfabetização”, segundo Grisi (1946), esses são divididos em três tipos, assim caracterizados:

Método sintético – Considerado historicamente como o primeiro – é o que consiste no ensino ou aprendizado da leitura e da escrita segundo a ordem de complexidade crescente do material gráfico, a partir dos “elementos” alfabéticos. [...] **Método analítico** – É o que consiste no ensino ou aprendizado da leitura e da escrita segundo a ordem de decomposição progressiva do material, a partir portanto de “todos” gráficos, isto é, sentenças ou palavras. [...] **Método misto ou analítico-sintético** – [...] tende a reunir as simpatias gerais. Teoricamente, duas são as suas modalidades: a primeira consiste no ensino prévio das letras ou sílabas⁷, seguido imediatamente de suas combinações em palavras e sentenças; a segunda, na apresentação de frases e vocábulos que são imediatamente decompostos em sílabas e letras. (p. 3-4, grifos do autor)

Braslavsky (1971) classifica os métodos de alfabetização em dois tipos básicos — sintéticos e analíticos —, os quais define como apresentados a seguir.

[...] um desses métodos começa pelo estudo dos sinais ou pelo dos sons elementares; e o outro, pelo contrário, busca obter o mesmo resultado, colocando de repente a criança em face da linguagem escrita. O primeiro é geralmente conhecido com o nome de “método sintético”, em razão do trabalho psicológico que demanda da criança para o ato de ler. Desde que tenha aprendido a ler cada sinal, a criança deve, com efeito, condensar essas diferentes leituras em uma leitura única que, geralmente, para cada agrupamento particular desses sinais, é diferente de sua leitura isolada [...] Trata-se, pois, de uma operação de síntese. O outro método parte dos agrupamentos mesmos. Parte das palavras. Chamar-se-á *analítico*, quando se deseje recordar o trabalho psicológico que se exige do menino ao aprender, segundo esses agrupamentos, as denominações de suas partes ou sonoridades de suas sílabas. A mesma maneira de proceder se designará

⁷ Por se tratar de pesquisa histórica, nesta e nas demais citações e títulos de livros mantivei a ortografia de época.

sob o nome de método *global*, se deseja recordar unicamente a sua origem: pôr a criança em presença de frases, ou de palavras, tais como as lemos. (Th. SIMON apud Braslavsky, 1971, p. 44, grifos do autor).

Assim como Braslavsky (1971), Mortatti (2004) define “método sintético” como a:

[...] maneira de se iniciar o ensino da leitura pelas partes ou elementos das palavras; no *método alfabético* ou *método da soletração* inicia-se esse ensino com a identificação das letras do alfabeto pelos seus nomes, formando-se depois sílabas e, com elas, palavras, até se chegar à leitura de sentenças ou histórias; no *método fônico*, enfatizam-se, inicialmente, as relações entre sons e símbolos gráficos, completando-se com a seqüência anteriormente descrita. (Mortatti, 2004, p. 123, grifos da autora).

O “método analítico”, por sua vez, é definido por Mortatti (2004) como a:

[...] maneira de se iniciar o ensino da leitura com unidades completas de linguagem, para posterior divisão em partes ou elementos menores; no *método da palavrção* inicia-se esse ensino com palavras, que depois são divididas em sílabas e letras; no *método da sentencição* inicia-se com sentenças inteiras, que são divididas em palavras, e estas, em sílabas e letras; no *método das histórias* (ou de *contos* ou da *historieta*) inicia-se com histórias completas para depois se orientar a atenção para as sentenças, palavras, sílabas, letras; no *método global*, enfatiza-se inicialmente o imediato reconhecimento de palavras ou sentenças inteiras, e, ocasionalmente, pode ser identificado com os métodos da palavrção, da sentencição ou das historietas. (p. 123, grifos da autora).

O “método de ensino intuitivo”, ou “lição de coisas”, como explica Valdemarin (2006b), surge em meados do século XIX, “[...] entendido por seus propositores europeus e americanos como um instrumento pedagógico capaz de reverter a ineficiência do ensino escolar [...]” (p. 103). De acordo com essa autora, com esse método de ensino é ordenada seqüência gradativa de passos encaminhados para que a aprendizagem ocorra. Ainda segundo Valdemarin (2004)

O caminho a ser seguido é progredir da “percepção à idéia, do concreto ao abstrato, à inteligência por meio dos sentidos, ao julgamento por meio de provas.” A lição intuitiva, posta em prática numa linguagem apropriada aos alunos, assume a forma de diálogo, com perguntas e respostas que provocam e dirigem a atividade das faculdades intelectuais. “Sua característica distintiva, que é a própria característica geral do método, é partir da observação direta e imediata, para fazer as crianças raciocinarem na presença do fato observado” [...] Imagens, desenhos ou moldes são materiais auxiliares que o método intuitivo emprega com bom proveito para realizar seus objetivos. (p. 107).

Essa autora sintetiza que

[...] pode-se dizer que o método intuitivo em sua pretensão de ser racional, concreto e ativo, caracteriza-se pela tentativa de prescrever os passos metódicos para a formação das idéias, regulando com esse procedimento os sentidos e o intelecto, estabelecendo uma igualdade de propósitos entre o método filosófico e o método de ensino, desenvolvendo estratégias e meios de efetivá-los, balizados pelas características próprias da clientela escolar. Método de conhecimento e método de ensino confluem na busca da clareza das idéias obtidas e num conhecimento extensível e generalizável. (Valdemarin, 2004, p. 133).

No âmbito da prática pedagógica, segundo Valdemarin (2004), isso significa o

[...] uso de objetos didáticos, conhecidos ou semelhantes àqueles conhecidos pelos alunos para promover a aprendizagem. Esta prática baseia-se numa concepção sobre o conhecimento humano segundo a qual todas as noções do espírito têm sua origem na percepção da existência de semelhanças e diferenças entre objetos proporcionada pelos sentidos, ou, dito de outro modo, o conhecimento das coisas que nos rodeiam é possível pelo fato de termos sentidos que fazem a ligação entre o objeto a ser conhecido e o sujeito que o conhece, criando idéias. (p. 171).

Mais especificamente sobre o ensino da leitura, com o método de ensino intuitivo as palavras são focalizadas como “unidades de sentido” (Valdemarin, 2004), nas quais estão centradas as ideias (Valdemarin, 2004) e a partir das

quais o ensino da leitura deve partir. Considerando esses aspectos e relacionando-os com o método de marcha analítica, Valdemarin (2004) explica

Se é mais natural aprender primeiro o concreto e depois o abstrato e o todo antes das partes, como postula o método intuitivo, as palavras são consideradas aqui como sendo a unidade e os sons e as letras suas partes; os vocábulos impressos são sinais de objetos, atos e pensamentos, devendo ser associados à idéia que representam [...]. (Valdemarin, 2004, p. 137).

Sobre o conceito de “livro de leitura”, segundo Mortatti (2000) “um tipo particular de livro didático”, é preciso considerar, como indica Chopin (2004; 2009), a diversidade de conceitos empregados para denominá-lo, que variam de acordo com o suporte, a função e a destinação. Para Chopin (2004), essa diversidade resulta, dentre outros aspectos, principalmente, da:

diversidade do vocabulário e da instabilidade dos usos lexicais. Na maioria das línguas, o “livro didático” é designado de inúmeras maneiras, e nem sempre é possível explicitar as características específicas que podem estar relacionadas a cada uma das denominações, tanto mais que as palavras quase sempre sobrevivem àquilo que elas designam por um determinado tempo. (p. 549).

Para Chopin (2009), todavia, essa diversidade não pode ser considerada como aspecto negativo para a pesquisa sobre o “livro didático”, pois, segundo esse autor, “Como todo objeto de pesquisa, o livro escolar não é um dado, mas o resultado de uma construção intelectual: não pode então ter uma definição única. É, ao contrário, indispensável explicitar os critérios que presidem esta elaboração conceitual [...]” (Chopin, 2009, p. 74).

Essa “instabilidade” e “complexidade” (Batista, 1999) de conceitos sobre o livro didático é também indicada por Batista (1999), pois, ao problematizar a formulação do conceito de livro didático como objeto de investigação, esse autor ressalta que essa resulta de “[...] um conjunto de decisões controladas, tendo-se em vista aquelas dimensões do livro que se revelaram, ao longo da análise, problemáticas.” (Batista, 1999, p. 567).

Para Batista (1999), para construir essa formulação, portanto, é preciso considerar diversos aspectos, a saber: os suportes materiais dos textos e impressos didáticos, o processo de produção e reprodução dos textos, suas

finalidades, seus destinatários e usuários, suas diferentes dimensões e os diferentes interesses sociais em nome dos quais esses livros são produzidos, são veiculados, circulam e são pesquisados.

Apesar dessa complexidade de aspectos a serem considerados para a definição desse conceito, “cartilha de alfabetização”, como um tipo de livro didático, é aqui compreendida no sentido apresentado por Mortatti (2000), segundo a qual se trata de um tipo particular de livro didático em que se apresenta um método a ser seguido e a matéria a ser ensinada, de acordo com certo programa oficial estabelecido previamente. Trata-se, portanto, de uma sequência de passos predeterminados para o ensino e a aprendizagem iniciais de leitura.

As “séries graduadas de leitura”, segundo Oliveira e Souza (2000, p.27), são compostas por “[...] três, quatro e até cinco livros (primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto livros de leitura), nos quais estão distribuídos todos os conhecimentos a serem ensinados desde o primeiro até o último ano da escola primária”. Ainda segundo Oliveira e Souza (2000, p.27), cada um dos livros de leitura “[...] equivale a um ano letivo. Os conteúdos estão divididos por lições ou títulos. As lições são apresentadas com grafias variadas nas formas e nos tamanhos e, geralmente, possuem gravuras”.

Conforme analisa Oliveira (2004)

Na construção de um saber escolar específico, as séries graduadas de leitura ocupam um lugar de destaque. Para cada ano era utilizado um livro da série, de acordo com a idade e o grau de conhecimento da criança. Os assuntos nelas abordados seguiam-se gradualmente, de acordo com o nível de dificuldade. (p. 1-2).

Essa autora constata, portanto, que

[...] essas séries, pela sua constituição e forma de organização, podem ser consideradas como fator importante para o estabelecimento de práticas escolares e pedagógicas, para a instituição e implementação dos programas de ensino na escola primária do final do século XIX, início do século XX, tendo contribuído também para a regulamentação do tempo escolar, para o disciplinamento das crianças por intermédio das lições moralizantes. (Oliveira, 2004, p. 4).

A essas contribuições, acrescento as de Valdez (2004), para quem “[...] os *Livros de leitura*, assim como outros livros didáticos, apresentam-se como parte essencial de uma determinada formulação política e de um determinado contexto cultural.” (p. 7, grifos da autora). Por esse motivo, segundo essa autora, é preciso compreender os livros de leitura “[...] em suas várias dimensões para se perceber as análises sobre o imaginário escolar e suas representações políticas.” (Valdez, 2004, p. 7).

Um dos aspectos a ser considerado quando da pesquisa sobre o livro didático, segundo Bittencourt (2004), é a questão da autoria. Para Bittencourt (2004)

A história dos autores de obras didáticas possibilita uma maior reflexão sobre a função do autor nessa produção específica e bastante diversa dos demais sujeitos. O problema da autoria da obra didática não é recente, confluindo em sua confecção muitos sujeitos. (p. 490).

Além desses aspectos, essa autora indica, também, que a compreensão da produção didática de autores brasileiros “[...] possibilita identificar algumas das características das relações entre autor, editor e Estado. Permite constatar as especificidades do texto didático e a complexa teia de interferências a que o livro é submetido.” (Bittencourt, 2004, p. 489). Essa autora ressalta a importância dos primeiros autores brasileiros de textos didáticos, os quais auxiliaram no processo de “[...] configuração de uma produção nacional, com características próprias. [...] que buscava atender as condições de trabalho dos professores das escolas públicas que se espalhavam pelo país.” (p. 489).

Quanto ao método para o desenvolvimento da pesquisa, optei pela abordagem histórica, no âmbito da pesquisa em educação. Segundo Boto (1994),

[...] o trabalho historiográfico [é] objeto construído mediante um leque de questões apresentadas ao conjunto documental que, por meio desse filtro, será interpretado. Isso pressupõe, na interlocução do historiador acerca do tema, uma reconstituição do tema, perante critérios anteriores que circunscrevem sujeito e objeto de enunciação do discurso. Na ambivalência da relação entre passado e presente, há inevitavelmente a tensão entre distância e familiaridade. (p. 31).

Utilizo-me, também, de aspectos relacionados com a “história cultural”

que, conforme indica Chartier (2002) “[...] tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (Chartier, 2002, p. 16-17). No que se refere especificamente à análise de fontes documentais, destaco também as contribuições de Chartier (2002), quando critica as abordagens que:

[...] consideram o acto de ler como uma relação transparente entre o “texto” — apresentado como uma abstracção, reduzido ao seu conteúdo semântico, como se existisse fora dos objectos que o oferecem à decifração — e o “leitor” — também ele abstracto, com se as práticas através das quais ele se apropria do texto não fossem histórica e socialmente variáveis. (p. 25).

Especificamente sobre o tema “alfabetização”, considerando-o sob a abordagem da história cultural, compreendo, assim como Chartier (2007)⁸ que “De todas as obras escolares, a mais divulgada é aquela que faz os iniciantes entrarem nos ‘rudimentos da leitura’” (p. 67), as quais são consideradas “Testemunhos privilegiados das evoluções institucionais”, assim, “eles se situam no ‘corredor da cultura, da pedagogia, da edição e da sociedade’”. (p. 69).

Apesar de se referir especificamente ao caso francês, destaco as problematizações desta pesquisadora a respeito dos livros utilizados para o ensino inicial da leitura e escrita.

Que vantagem documental específica o livreto de alfabetização fornece? Livro de iniciação cultural, ele colocava em cena o “mundo da escrita” proposto como referência aos leitores principiantes. Livro introdutório à língua escrita [...] apresentava um conjunto de saberes (mais ou menos explicitados) sobre as normas da língua e as relações entre a escrita e o oral. Ele impunha certa divisão silábica, regras de correspondência entre sons emitidos e signos escritos, mas legislava também sobre as pronúncias, as ligações, as marcas de pontuação e as regras ortográficas. Livro de uso, repertório ordenado de exercícios, ele pode ser considerado, ao lado dos

⁸ Além das contribuições de Anne-Marie Chartier para a história da alfabetização e da influência das pesquisas que vêm desenvolvendo e cujos resultados têm sido divulgados entre os pesquisadores brasileiros, destaco, especialmente as contribuições das pesquisas desenvolvidas sobre o tema na França por François Furet e Jacques Ozouf (1977), por Jean Hébrard (1990), na Espanha, por Antonio Viñao Frago (1993), nos Estados Unidos, por Harvey Graff (1994) e em Portugal, por Justino Magalhães (1996; 2001) e por Rogério Fernandez (1994).

livros de rezas e das partituras musicais para iniciantes, como um guia de trabalho mais para ser utilizado no dia-a-dia do que para ser lido. A principal dificuldade, para o pesquisador, é justamente a de reconstruir os gestos desaparecidos para compreender como o mestre e o aluno se serviam do mesmo livro. (Chartier, 2007, p. 69-70).

Além desses aspectos, para o desenvolvimento da abordagem histórica do fenômeno educativo, é necessária a utilização de fontes documentais. A partir de Le Goff (2003), entendo documento como:

[...] uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (Le Goff, 2003, p. 538).

Coerentemente com o quadro teórico-metodológico apresentado, optei pela pesquisa documental e bibliográfica, a qual desenvolvi mediante a utilização de procedimentos de: localização, recuperação, reunião, seleção, ordenação e análise de fontes documentais; e de leitura de bibliografia especializada sobre o tema, em especial com abordagem histórica, sobre alfabetização, métodos de alfabetização, cartilha de alfabetização, livro de leitura e aspectos correlatos, tais como, características do momento histórico-educacional, características das editoras dos livros em análise e sua relação com a expansão da instrução pública.

Os livros didáticos que integram a série “Leituras Infantis” e o folheto mencionado, escolhidos como *corpus* da pesquisa foram considerados fontes documentais privilegiadas. Como fontes auxiliares para a análise, utilizei outros textos de Francisco Vianna e textos produzidos por outros autores que citam e/ou mencionam esse professor, sua produção escrita e atuação profissional.

Para apresentação dos documentos, optei por manter a ortografia de época tanto nos títulos dos documentos, quanto nas citações que apresento. Todo esse esforço por compreender os documentos que são “[...] portadores de uma intenção própria, que se declara, mas não se integra inteiramente, provocando a obstinação de nossa espera, e o desejo dobrado de um melhor saber.” (Starobinski, 1976, p. 135) se caracterizam como uma tentativa de utilizar de modo mais rigoroso os procedimentos científicos para as discussões que aqui apresento.

Considero, todavia, que a forma com que lido com esses documentos e as escolhas que fiz na seleção e na descrição dos aspectos que considere relevantes para a compreensão do sentido dos textos não se caracterizam como totalmente distanciadas ou “neutras”, mas se configuram como tais movidas por determinado modo de pensar, agir frente ao documento e representá-lo, considerando, também, que: “A subjetividade do pesquisador está presente na seleção dos dados mas essa escolha não é arbitrária; ela resulta da relação entre a postura teórica do pesquisador e o objeto pesquisado.” (Vieira; Peixoto; Khoury, 2005, p.49).

Por essa razão, devo destacar que ao apresentar os livros que compõem a Série “Leituras Infantis” optei por conferir um tom marcadamente descritivo, buscando fornecer ao leitor a experiência detalhada dos materiais, explorando as diferenças entre as edições que localizei, apresentando detalhes sobre as lições e as gravuras e perscrutando detalhes a respeito das orientações fornecidas por Francisco Vianna aos professores. Sempre que possível, também inclui imagens dos livros da Série a fim de aproximar visualmente os leitores dos materiais que localizei.

Em vista do exposto, este livro está organizado em três capítulos. No capítulo 1, apresento a formação, a atuação profissional de Francisco Vianna e discuto questões sobre a edição e circulação dos livros da Série “Leituras Infantis”; no capítulo 2, apresento as cartilhas e os livros de leitura da Série; no capítulo 3 problematizo o método analítico conforme proposto por Francisco Vianna em seus escritos e situo este autor na história do ensino da leitura em São Paulo. Após os capítulos, têm-se as considerações finais e as referências.

CAPÍTULO 1

FRANCISCO VIANNA: PROFESSOR E AUTOR DE LIVROS DIDÁTICOS

1.1 Formação e atuação profissional de Francisco Vianna⁹

Figura 1 - Francisco Furtado Mendes Vianna



Fonte: Acervo pessoal.

⁹ As informações contidas neste tópico foram localizadas em: Mortatti (2000); Silva (1935); Vianna (1903; 1926; 1928) e em dois documentos: ([1894]); e ([1896]).

As informações sobre a vida, formação e atuação profissional de Francisco Vianna são poucas e esparsas. A partir da pesquisa documental e bibliográfica que realizei, não localizei informações relacionadas aos livros que esse professor teve publicados e, durante a escrita da dissertação, não havia nenhum texto abordando aspectos de sua vida, formação e atuação profissional. Atualmente, como mencionei anteriormente, a pesquisa de Paulilo (2019) o menciona ao analisar as representações de natureza infantil em seus escritos.

Mediante esse quase “silenciamento” a respeito da formação e atuação profissional desse professor nos locais aos quais tive acesso, busquei compreender tais aspectos a partir dos textos que esse autor teve publicados.

Francisco Furtado Mendes Vianna nasceu em 1876. Casou-se com Helena Ribeiro Mendes Vianna¹⁰, professora adjunta no Primeiro Grupo Escolar de Campinas¹¹ e teve cinco filhos: Euclides, Paulo, Heloísa, Rubens e Rosália Ribeiro Mendes Vianna¹².

A partir do ano de 1888, contando 12 anos de idade, Francisco Vianna passou a estudar com seu tio, Godofredo José Furtado¹³ (Vianna, 1926), professor da Escola Normal de São Paulo, positivista e presidente da Sociedade Positivista de São Paulo – fundada nos anos iniciais da década de 1880.

Segundo Monarcha (1999), junto com os professores Antonio da Silva Jardim e Cypriano José de Carvalho¹⁴, Godofredo José Furtado formou o trio

¹⁰ Localizei o nome dessa professora no *Anuário de Ensino* do ano de 1908 e presumo que seja o nome da esposa de Francisco Vianna, pois além de ela ter por sobrenome “Mendes Vianna”, ela tem o sobrenome “Ribeiro”, o qual os filhos desse professor têm. Não localizei, todavia, maiores informações a respeito da formação e atuação profissional dessa professora.

¹¹ Segundo informações localizadas no *site* do Centro de Referência em Educação (CRE) “Mário Covas”, o Primeiro Grupo Escolar de Campinas foi instalado no ano de 1907, atendendo a 401 estudantes, dentre os quais 216 eram meninos e 185 eram meninas – distribuídos em três classes de 1º, 2º e 3º anos de cada sexo. Informações disponíveis em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1897-Primeiro_Grupo_Escolar_de_Campinas.pdf.

¹² Segundo Paulino (2019), Francisco Vianna se casou com Helena Ribeiro Mendes Viana em 1898, mas até o momento não localizamos as datas de nascimento dos filhos desses professores.

¹³ Segundo Monarcha (1999), Godofredo José Furtado diplomou-se engenheiro civil pela Escola Central do Rio de Janeiro. Na capital paulista, ingressou como professor no ano de 1883, na Escola Normal da Capital, ocupando a 2ª. cadeira de Aritmética e Geometria.

¹⁴ Segundo Monarcha (1999), Cypriano José de Carvalho diplomou-se, assim como Godofredo José Furtado, engenheiro civil pela Escola Central do Rio de Janeiro. Em São Paulo, ingressou como professor no ano de 1884, na Escola Normal da Capital, ocupando a 5ª. cadeira de Noções de Física e Química.

de professores “positivistas ortodoxos” (Monarcha, 1999) que difundiram e defenderam arduamente essa filosofia comtiana na Escola Normal da Capital. A influência do professor Godofredo José Furtado na escola Normal de São Paulo foi comparada à de Benjamin Constant¹⁵, na Escola Militar do Rio de Janeiro (Morse, 1954, apud Monarcha, 1999).

Mediante disputas acirradas e proposição de novos encaminhamentos didáticos e ideológicos, esses professores passaram a ter divergências com outros professores dessa escola, de que decorreu o pedido de exoneração de Silva Jardim, em 1886, de Godofredo José Furtado e de Cypriano José de Carvalho, em 1888.

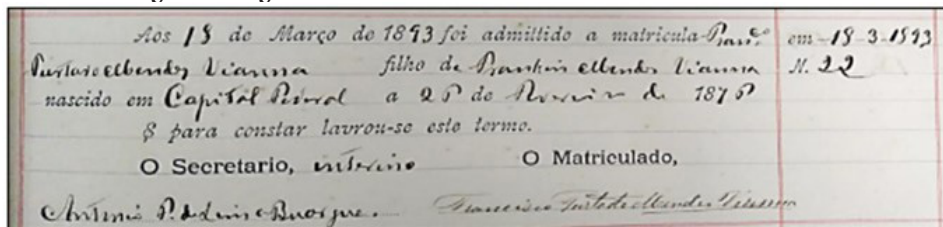
Presumo que a partir da exoneração do cargo de professor da Escola Normal da Capital, Godofredo José Furtado acolheu o sobrinho Francisco Vianna para educá-lo, assim como esse autor indica na dedicatória de *Quarto livro de leituras infantis...* (1926): “À venerada memória de seu tio Dr. GODOFREDO JOSÉ FURTADO ao qual deve sua educação após os 12 anos de idade.” (Vianna, 1923, p. 3). A partir da educação recebida de seu tio, presumo que Francisco Vianna tenha recebido grande influência da filosofia positivista, como é possível observar em diversas menções a Augusto Comte¹⁶ e ao positivismo nos textos que Francisco Vianna teve publicados posteriormente à sua formação na Escola Normal.

Francisco Vianna estudou na Escola Normal de São Paulo, tendo ingressado no curso no ano de 1893 e se diplomado no ano de 1895, quando o curso nessa escola tinha a duração de três anos.

¹⁵ Segundo informações localizadas em *sites* de busca, Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1836-1891) foi um militar, professor e engenheiro fluminense, que se diplomou pela Escola Militar do Rio de Janeiro. Como defensor e divulgador do positivismo, esse professor influenciou grande parte de seus alunos na Escola Militar do Rio de Janeiro. Informações disponíveis em: http://www.e-biografias.net/biografias/benjamin_constant.php.

¹⁶ Segundo informações localizadas em *sites* de busca na Internet, Augusto Comte (1798-1857) foi um filósofo francês que fundou a Sociologia e o Positivismo, tendo diversos livros publicados nos quais apresenta e defende a filosofia positivista. Informações disponíveis em: <http://www.culturabrasil.pro.br/comte.htm>.

Figura 2 - Registro de Matrícula de Francisco Vianna na Escola Normal



Fonte: Paulino (2019)

Diplomou-se na mesma turma que René de Oliveira Barreto¹⁷ e Carlos Alberto Gomes Cardim, sendo que nesse ano de 1895, na seção masculina dessa escola, diplomaram-se nove normalistas e, na seção feminina, 15, e, no total, 24 normalistas. No ano de 1898, como prática comum aos estudantes normalistas que se formaram em turmas com duração de três anos, Francisco Vianna voltou a frequentar a Escola Normal de São Paulo, tendo cursado o 4º. ano e completado seus estudos nessa escola.

No início do ano de 1894, quando Francisco Vianna prestaria os exames para ingressar no 2º. ano do curso normal, ele teve de viajar ao Rio de Janeiro. Mediante essa situação, ele requisitou junto ao Diretor da Escola Normal o direito de realizar esses exames em outra data para se matricular no 2º. ano. Nessa requisição, Francisco Vianna informa que

[...] vem por meio deste pedir que o mandeis prestar os ditos exames a fim de habilitar-se para matricular-se no segundo ano. Attendendo a que o requerente prestava nesta ocasião serviço em defesa da Republica e que achava-se no Rio de Janeiro, torna-se tão justo o seu pedido que espera deferimento. – Francisco Furtado Mendes Vianna. (Instituto Caetano de Campos, [1919], [s. p.]).

A decisão do Diretor foi em favor de Francisco Vianna, tendo sido assim indicada: “São Paulo 20 de fevereiro de 1894 – Foi a petição apos ligeira

¹⁷ Até o momento, não localizei informações a respeito da atuação profissional de René de Oliveira Barreto, tendo localizado apenas o título de manual de história da educação que esse professor teve publicado cujo título é *História da pedagogia*: compilada por um professor de acordo com o programa (1914) e alguns artigos que esse professor publicou no impresso periódico educacional paulista *Revista de Ensino*, nos anos iniciais da década de 1900. É importante destacar o intenso diálogo estabelecido entre esses dois professores por meio de artigos publicados neste impresso periódico educacional.

discussão deferida – devendo o cidadão director interino designar dia para exames.” ([1894], [s. p.]).

No mês de abril do ano de 1895, quando cursava o último ano da Escola Normal, conforme decreto da Secretaria do Interior do Estado de São Paulo, Francisco Vianna, foi nomeado professor da Escola Modelo¹⁸. Conforme localizei em documento intitulado *Instrução publica*: nomeações de professores (provisórios, adjunctos, nocturnos, preliminares) 1894-1895:

Francisco Furtado Mendes Vianna normalista nomeado para o cargo de professor na Escola Modelo preliminar, anexa à da Capital. Palácio... em 18 de abril de 95: decreto da mesma data: secretaria do Interior: 4 de janeiro de 96: directoria da Instrução 6 de janeiro de 96 – Reg. L. 20 e fs. 75v. (Instrução Publica..., [1896], [s. p.]).

Na Escola Modelo, lecionou para as turmas do 3º. ano, presumo que alguma disciplina relacionada à área biológica, pois em artigo publicado, no ano de 1903, no periódico *Revista de Ensino* e intitulado “Physiologia: uma particularidade sobre a visão. Phenomeno desconhecido?”, Francisco Vianna informa: “Há uns três annos, dando uma aula sobre o aparelho visual na escola Complementar, quando tratava da desigual sensibilidade visual da retina, tive que me referir á *papilla branca* e á *papilla amarella*.” (Vianna, 1903, p. 520, grifos do autor).

A partir das informações que localizei, presumo que esse professor tenha atuado na Escola Modelo “Prudente de Moraes” desde 1895 até 1904, pois, conforme constatei, ele foi diretor do Grupo Escolar “Dr. Cardoso de Almeida” em Botucatu-SP¹⁹, antes de ingressar no Ginásio de Campinas, o que ocorreu no ano de 1906.

¹⁸ Segundo informações localizadas no *site* do CRE “Mário Covas”, a Escola Modelo da Luz foi criada em 23 de setembro de 1893, tendo sido instalada no Bairro da Luz, na Avenida Tiradentes, na cidade de São Paulo-SP. Anos mais tarde, a escola primária passou a ser denominada Grupo Escolar “Prudente de Moraes”, sendo atualmente, Escola Estadual “Prudente de Moraes”. Informações localizadas em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18251896/1895_Escola_Modelo_da_Luz.pdf.

¹⁹ Segundo informações localizadas em Godoi (2009), o Grupo Escolar “Dr. Cardoso de Almeida” foi criado por decreto no ano de 1896, tendo sido instalado no mesmo ano. A construção do prédio e as tramitações a respeito de sua fundação na cidade de Botucatu-SP, todavia, foi iniciada no ano de 1895. A respeito da história desse grupo escolar, ver, especialmente, Godoi (2009).

Na Escola Modelo “Prudente de Moraes”, Francisco Vianna atuou no mesmo período em que Miguel Carneiro Junior, presumivelmente de que decorre a posterior elaboração em coautoria do livro *Leitura preparatória*, cuja 1ª. edição foi publicada em 1908.

A respeito desse cargo no Grupo Escolar “Dr. Cardoso de Almeida”, devo destacar que presumo que esse professor tenha ocupado esse cargo devido à sua amizade com José Cardoso de Almeida, que era, nesse momento, Secretário dos Negócios do Interior e da Justiça, de que decorre que *Terceiro livro de leituras infantis*, escrito por Francisco Vianna e publicado em 1908, tenha sido dedicado, dentre outros nomes, a José Cardoso de Almeida²⁰.

No ano de 1906, com a exoneração do professor Dr. Francisco da Paula Magalhães Gomes²¹, que ocupava a 12ª. cadeira de “História Natural” no Ginásio do Estado em Campinas-SP²², foi aberto concurso nessa escola, para o qual Francisco Vianna se inscreveu. Sobre esse aspecto, em *Monografia histórica do Colégio Culto à Ciência*, de Paula (1946)²³, estão apresentadas as seguintes informações:

Com a exoneração, a pedido, do dr. Francisco da Paula Magalhães Gomes, ficou vaga a cadeira de história natural e noções de antropologia²⁴, sendo então posta em concurso. Apresentaram-se 3 candidatos, havendo obtido melhor classificação o professor Francisco Furtado Mendes Viana, cuja

²⁰ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação de José Cardoso de Almeida.

²¹ Até o momento não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional de Francisco da Paula Magalhães Gomes.

²² Segundo informações localizadas no *site* do CRE “Mário Covas”, o Colégio “Culto à Ciência” foi fundado, no ano de 1874, pelos membros da Sociedade Culto à Ciência. Esse colégio passou a ser estadual no ano de 1895, conforme lei de 14 de março deste ano, tendo sido instalado e inaugurado no ano de 1896, como Ginásio do Estado de Campinas. No ano de 1942, devido à reorganização do ensino secundário, esse colégio passou a ser denominado Colégio Estadual de Campinas. No ano de 1947, após as comemorações do cinquentenário do colégio, a Associação dos alunos solicitou a volta do nome “Culto à Ciência”, o que ocorreu em julho deste ano, com decreto do governador do Estado. Informações disponíveis em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1874_Colegio_Culto_a_Ciencia.pdf. A respeito da história desse colégio, ver, especialmente, Moraes (2006).

²³ Essa monografia histórica foi escrita por Carlos Francisco de Paula, professor de Matemática no Ginásio Estadual de Campinas, no ano de 1946; encontra-se, atualmente, disponível em *site* na Internet que foi elaborado por seu neto Carlos Francisco de Paula Neto. Disponível em: http://www.francisco.paula.nom.br/Culto/pag_monografia.htm.

²⁴ Até o momento, não localizei informações a respeito da cadeira de noções de antropologia nesse ginásio.

nomeação para a referida cadeira se deu a 2 de julho de 1906. O professor Mendes Viana acumulou a direção interina do Ginásio, durante o afastamento por licença do diretor Arnaldo de Oliveira Barreto, não tendo conseguido eliminar certas dissensões entre alguns membros do corpo docente. Foi posto à disposição do Ministério da Agricultura por ofício do Governo de 12 de março de 1913, sendo exonerado, a pedido, por Decreto de 5 de abril de 1915. (p. 37-38).

No concurso para provimento da cadeira de “História Natural” nesse Ginásio, Francisco Vianna se destacou e seus contemporâneos o elogiaram pelo “brilhantíssimo” (SILVA, 1935) processo avaliativo e resultados alcançados.

Os inscritos no concurso, a constituição da banca examinadora, os pontos das provas escrita e prática e os resultados das provas foram divulgados no impresso periódico educacional paulista *Revista de ensino*²⁵, sendo enfatizada, principalmente, a conquista desse professor “[...] pelo lustre do saber e por fecunda erudição [...]” (Professor Mendes Vianna, 1906, p. 38).

Presumivelmente, entre os anos de 1910 e 1911, Francisco Vianna viajou à Europa e, em Paris auxiliou no processo de revisão tipográfica e na ilustração de novas edições dos livros de leitura da Série “Leituras Infantis”, conforme é possível constatar no prefácio de *Terceiro livro de leituras infantis* (1928): “Quando, no anno de 1911, superintendi pessoalmente, em Pariz, á illustração e á revisão desta série, que pelo menos no aspecto material, se manteve até 1918, como a melhor das nacionaes [...]” (Vianna, 1928a, p. 6).

Em 1912, Francisco Vianna voltou ao Brasil, instalando-se no Rio de Janeiro, no bairro de Copacabana. Nesse estado, a pedido do Dr. Alvaro Baptista²⁶, conforme consta na dedicatória de *Quarto livro de leituras infan-*

²⁵ Segundo Mortatti (2000), a *Revista de ensino* foi publicada entre os anos de 1902 e 1918 pela Associação Beneficente do Professorado Público Paulista. Nessa revista foram publicados “[...] documentos oficiais — contendo programas de ensino e lista de livros indicados para as escolas primárias —, conferências, críticas de livros didáticos, traduções de textos teóricos, relatos de experiências didático-pedagógicas ou divulgação das polêmicas sobre ensino da leitura.” (Mortatti, 2000, p. 135). A respeito desse periódico, ver, especialmente Catani (2002) e sobre as polêmicas divulgadas neste periódico sobre os métodos de ensino da leitura, ver, especialmente Mortatti (2000).

²⁶ Até o momento, não localizei informações sobre a formação e a atuação profissional de Alvaro Baptista. Presumo, a partir do que Francisco Vianna informa na dedicatória de *Quarto livro de leituras infantis...*, que Alvaro Baptista tenha sido político carioca, pelo motivo de ter escolhido esse professor para ser diretor da instrução pública do então Distrito Federal.

tis..., passou a ocupar o cargo de Inspetor Escolar do Ensino Secundário: “[...] Ao Dr. ALVARO BAPTISTA, a cuja espontanea escolha deve o cargo que ora ocupa [...]” (Vianna, 1923, p. 3).

Como afirma Paulino (2019), como inspetor de ensino do Rio de Janeiro, Francisco Vianna desfrutava de prestígio devido ao fato de o cargo de inspetor ter como tarefa a produção de relatórios acerca da realidade escolar brasileira. A autora recupera as informações relacionadas às atribuições dos inspetores, conforme apresentado pela Comissão de 1919, incumbida pelo então Diretor Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro, visando organizar um projeto de regulamento geral para a Reforma do Ensino Primário Municipal, o qual foi aprovado no mesmo ano. Por essa razão, Paulino (2019) destaca que, conforme orientava o artigo 95 do regulamento desta Comissão, competia ao inspetor:

- a) - orientar, sob o ponto de vista pedagogico, o corpo docente do ensino primario; b) - estimular ou corrigir a applicação dos methodos de ensino, fiscalizar a execução dos programmas e o cumprimento dos deveres funcioneas de ordem administrativa do pessoal docente; c) - estar em permanente contacto com as classes das escolas de seu districto (...) d) - visitar cada escola de seu districto, diurna ou nocturna, pelo menos duas vezes ao mez, de modo a poder formar juizo seguro, não quanto á competencia dos professores e adjuntos, como quanto ao preparo das classes e alumnos; (...) f) - convocar os professores e adjuntos para tratar de questões de interesse do ensino, devendo essas reuniões realizar-se em uma escola do districto; g) - propor a localização das escolas do seu districto; h) - remetter á Directoria de Instrucção os attestados de exercicio do pessoal docente e administrativo, os boletins e os mappas de matricula e frequencia e todos os dados estatisticos, dentro dos prazos marcados pelo Director Geral; (...) k) - apresentar annualmente ao Director Geral um relatorio sobre as occurrencias do seu districto, contendo as suggestões que lhe parece, oportunas (...) (A Escola Primaria, 1919, p. 187 Apud Paulino, 2019, p. 60).

Nesta função, portanto, Francisco Vianna acompanhava a execução de exames, inspecionava escolas e práticas pedagógicas de professores e participava de festas cívicas.

Outro registro também recuperado por Paulino (2019) acerca da trajetória de Francisco Vianna no Rio de Janeiro foram os cursos preparatórios

para os exames da Escolas Normais. Juntamente com outras professoras, Francisco Vianna ofertava aulas de Aritmética, Português, Francês, Geografia e Caligrafia, Ginástica e Música para os futuros candidatos às Escolas Normais. Tal atuação pode ser explicada pelo presumível prestígio que Francisco Vianna gozava devido aos cargos que ocupava e à experiência que acumulava. Como exemplo, ele passou a proferir palestras, a ser noticiado pelos seus feitos em jornais cariocas e a circular entre outros indivíduos expoentes na defesa da educação de seu momento.

Francisco Vianna faleceu em 4 de abril 1935, no Rio de Janeiro, após “intensa batalha em defesa da instrução pública brasileira” (Silva, 1935, p. 33). Sua morte foi noticiada em jornais e revistas da época. Foi homenageado de diversas formas e uma delas foi a indicação de seu nome como patrono de uma escola do Rio de Janeiro.

Sobre a atuação de Francisco Vianna no magistério, destaco que foi considerado excelente professor por seus alunos e ilustre e distinto erudito por seus contemporâneos. Conforme Ernestino Silva²⁷, para quem Francisco Vianna lecionou na Escola Modelo da Luz, “[...] em todas as partes deu ele provas, cabais de grande competencia tecnica e intelectual, de forte amôr ao trabalho, a par da esmerada educação e de fino trato pessoal.” (Silva, 1935, p. 33).

Como também constata Paulino (2019), Francisco Vianna entendia as “regras do jogo educacional”: formou-se na Escola Normal de São Paulo, uma das instituições mais importantes da época; foi professor e diretor em instituições de ensino de grandes cidades do interior paulista – Escola Prudente de Moraes, Grupo Escolar Dr. Cardoso de Almeida e Gymnasio de Campinas –; ocupou cargos burocráticos e de importância (Inspetor de Ensino do Rio de Janeiro); ofereceu conferências versando sobre assuntos educacionais; ofertou cursos preparatórios; publicou diversos materiais escritos, dentre os quais materiais destinados ao ensino da leitura, o que mostra a sua tentativa de legitimar o que produziu a partir dos lugares que ocupou.

Por fim, os vínculos políticos, familiares e sociais de Francisco Vianna com seu tio, Godofredo José Furtado e posteriormente com René Barreto e sua família podem ter sido significativos para os posicionamentos de Francisco Vianna em relação à filosofia positivista e a sua inserção em cargos

²⁷ Até o momento, não localizei informações a respeito da formação e atuação profissional de Ernestino Silva.

importantes e desejados da administração da educação, tal como o de inspetor distrital no Rio de Janeiro, para o qual Francisco Vianna foi convidado após ter substituído Arnaldo de Oliveira Barreto por um curto espaço de tempo na direção do Grupo Escolar de Campinas.

1.2 Os escritos de Francisco Vianna

Concomitantemente à sua atuação profissional, Francisco Vianna escreveu diversos livros didáticos, artigos que foram publicados em periódicos pedagógicos de destaque no momento histórico no qual atuou e, também poemas. Mesmo décadas após a sua morte, no ano de 1935, seus textos e livros didáticos continuaram a ser publicados, sendo também mencionados e/ou citados em textos escritos por seus contemporâneos e por pesquisadores.

Os livros didáticos escritos por Francisco Vianna foram editados por diferentes casas editoriais. Os livros de leitura e de história foram publicados pela Livraria Francisco Alves; os cadernos de caligrafia pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), atualmente Editora Melhoramentos²⁸ e o livro para o ensino de trigonometria pela Typographia da Industrial de São Paulo²⁹ e depois pela Espíndola, Siqueira & Co.³⁰.

Destaco também a intensa circulação dos livros escritos por Francisco Vianna nas escolas primárias no estado de São Paulo, no Rio de Janeiro e em diversos outros estados, a saber: Minas Gerais, Mato Grosso, Santa Catarina, Amazonas, Bahia, Pará e Rio Grande do Sul, o que permite constatar que esses livros formaram diversas gerações de brasileiros.

A respeito da produção didática de Francisco Vianna, esse professor teve publicada a série destinada ao ensino da leitura, que é objeto de investigação deste livro, mas também escreveu e teve publicados outros livros didáticos. Presumivelmente no ano de 1908 ou de 1909, Francisco Vianna teve publicada série com um caderno preliminar e mais seis cadernos de caligrafia,

²⁸ Segundo informações localizadas em Hallewell (1985), a Companhia Melhoramentos de São Paulo foi responsável pela publicação de diversos livros didáticos e outros materiais escolares, nas décadas iniciais do século XX. A respeito dessa editora, ver, especialmente Donato (1990), Hallewell (1985) e Razzini (2007).

²⁹ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito dessa editora.

³⁰ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito dessa editora.

intitulados *Novo methodo de caligraphia vertical* e editados pela Companhia Melhoramentos (SP).

Sobre a data de publicação da 1ª. edição dessa série, localizei informações distintas. Conforme Razzini (2007) a série de cadernos de caligrafia foi publicada “a partir de 1909”; todavia Vidal (1998) afirma que a série foi publicada em 1908. Mediante as duas informações, fica impreciso afirmar qual é a data correta de publicação dos cadernos. Para indicar essa imprecisão em relação à data de publicação da 1ª. edição dessa série de cadernos de caligrafia, optei por utilizar-me de recurso, conforme consta no documento NBR-6023, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), de indicar a data presumida entre colchetes seguida de parênteses, tendo as formulado do seguinte modo: [1908?]; [1909?].

A respeito dessa série de cadernos de caligrafia, localizei informações de que foram publicadas edições novas até, pelo menos o ano de 1989, “[...] com tiragens anuais, já na década de 40, superiores a 600.000 exemplares. Segundo informou a editora, até 1997 havia vendido mais de 110 milhões de exemplares.” (Heitlinger, 2009, p. 43).

É também Razzini (2007, p. 7) quem informa a intensa circulação desses cadernos: “[...] o material didático que mais teve sucesso foi a coleção de cadernos de caligrafia de Francisco Viana, lançada a partir de 1909 e constantemente reeditada até 1999, um recorde de longevidade.”³¹

Destaco, além desse aspecto, a alteração dos títulos dessa série de cadernos de caligrafia. A primeira edição desses cadernos foi intitulada *Novo methodo de calligraphia vertical*. A 69ª. edição desses cadernos se intitula *Caligrafia vertical: livro ilustrado*; e a 90ª. edição se intitula *Exercícios de caligrafia vertical*.

No exemplar da 69ª. edição deste caderno, que mede 22,8x15,4 cm, na quarta capa, há algumas indicações destinadas aos professores que presumo serem de autoria de Francisco Vianna, com caráter de orientação aos professores para a utilização dos cadernos de caligrafia com a finalidade de manter a qualidade nas atividades de ensino da caligrafia. Essas orientações estão apresentadas abaixo de alfabeto com letras manuscritas e de imprensa,

³¹ Apesar de serem mencionadas edições dessa série de cadernos de caligrafia com data de 1989, conforme Heitlinger (2009) e 1999, conforme Razzini (2007), não localizei referências dessas edições.

maiúsculas e minúsculas, números, alguns símbolos, sinais gráficos (“ã” e “ç”) e dois sinais de pontuação (“?” e “!”). Apresento, abaixo, essas orientações:

Prezado Professor

Apresenta a caligrafia vertical, vantagens incontestáveis: uniformidade, por haver uma única posição; clareza, pois a posição das letras não origina confusões; facilidade, porquanto tudo fica reportado a uma direção fixa, perpendicular à pauta. Sua principal qualidade esta em ser mais legível, como é fácil constatar. (Viana, [1973], [s. p.]).

São apresentadas, então, algumas instruções relativas à melhor forma de se encaminhar o processo de ensino para atingir melhores resultados

I) A altura do banco e da cadeira serão proporcionais à criança, que ficará sentada com o tronco quase ereto. II) O braço direito ficará apoiado nos músculos roliços do antebraço e o esquerdo sobre a carteira, segurando o trabalho. As pautas ficarão inclinadas 30° graus para a direita na direção do rebordo inferior da carteira. A mão esquerda fará subir gradativamente o trabalho, paralelamente à pauta. III) O aluno deve segurar a caneta apoiando a mão exclusivamente sobre o dedo mínimo, devendo haver, porém, complacência para com os alunos refratários. A caneta deve ter 7 mm de diâmetro. IV) Usar boa pena, mata-borrão e limpa penas de pano. V) Nenhuma lição deve exceder uma página. VI) O professor escreverá a norma no quadro negro, chamará a atenção para os sentidos das palavras e a maneira como devem ser escritas. VII) O primeiro trabalho deve ser feito pela primeira vez a lápis.

O professor irá apontando os defeitos. A uniformidade do feito e do talho das letras deve merecer especial atenção. Quando o professor notar que o aluno, sem se afastar sensivelmente do tipo caligráfico, já tem a letra desembaraçada, não deverá exigir que siga o modelo com toda perfeição, pois do contrário obrigá-lo-á a desenhar e não a escrever. (Viana, [1973], [s. p.]).

Na 90ª. edição deste caderno, que mede 22x16,7 cm, também na quarta capa, há algumas indicações destinadas aos professores que presumo serem de autoria de Francisco Vianna, com conteúdo bastante semelhante ao das orientações que constam na 69ª. edição, todavia com alguns aspectos alterados. Essas orientações também estão abaixo de alfabeto com características idênticas ao da 69ª. edição. Apresento, abaixo, essas orientações:

Prezado Professor

A caligrafia vertical apresenta inúmeras vantagens para as crianças que começam a aprender a escrever:

uniformidade das letras;

clareza devida à posição das letras;

facilidade na escrita graças a uma direção a ser mantida.

Entretanto sua principal qualidade é ser mais legível. Para conseguir resultados efetivos, siga as seguintes instruções:

A carteira e o banco devem ser proporcionais à altura da criança;

Destra ou canhota, a criança deve ter o cotovelo e o antebraço apoiados sobre a carteira, enquanto com a outra mão segura o caderno, que deve estar ligeiramente inclinado.

Nenhuma lição deve ter mais do que uma página e o lápis deve ser usado sempre na sua execução.

Cabe ao professor orientar os alunos no sentido das palavras e na maneira como devem ser escritas, bem como chamar a atenção para a uniformidade das letras.

Se a criança apresentar uma letra bem desembaraçada, sem se afastar sensivelmente do tipo caligráfico, deixe-a continuar, pois se a forçar a seguir o modelo estará obrigando-a a desenhar e não a escrever. (Viana, 1984, [s. p.]).

Relacionado, ainda, a cadernos de caligrafia, presumivelmente no início da primeira década do século XX, Francisco Vianna teve publicada série com seis cadernos de caligrafia americana, intitulados *Novo methodo de Calligrafia Americana (inclinada)*, também editados pela Companhia Melhoramentos (SP).

Além da série de caligrafia, presumivelmente na primeira década do século XX, Francisco Vianna teve publicada série com dez cadernos de linguagem “[...] com gravuras para descrições e composições.” (Vianna, 1928, p. 4), intitulados *Novos cadernos de linguagem* pela Companhia Melhoramentos (SP) e, em apenas um número, *Caderno de escripta*, livro auxiliar a cartilha, publicado pela Francisco Alves (RJ).

No ano de 1901, Francisco Vianna teve publicado livro para ensino de trigonometria, pela Typographia da Industrial de São Paulo, intitulado *Elementos de trigonometria*: compreendendo a resolução de triângulos esfericos. Disposto em 93 páginas, esse livro está dividido em quatro partes, intituladas, respectivamente: “Definição e objecto”; “Taboas trigonometricas”; “Resolução dos triangulos”; e “Exercicios e problemas” (Vianna, 1901).

A proposta do autor é apresentar didaticamente, os principais aspectos necessários para compreender e aprender a trigonometria e, especialmente, os triângulos esféricos³².

A partir das informações que localizei em artigo no periódico *Revista de Ensino*, de autoria de René Barreto (1903), no qual esse autor analisa *Elementos de trigonometria*, de Francisco Vianna, tendo indicado que havia sido publicada 2ª. edição deste livro, a qual ele acessou para a elaboração do artigo.

Localizei, também, referência desse livro com data de publicação de 1903 e tendo sido publicado pela Espíndola, Siqueira & Co. Presumo que seja dessa data a 2ª. edição do livro, tendo sido modificada também a editora pela qual o livro foi publicado.

Presumivelmente no ano de 1912, Francisco Vianna teve publicado pela Livraria Francisco Alves (RJ) folheto intitulado *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura*. Complemento das indicações do prefácio “Aos Professores” da Cartilha da série “Leituras Infantis”. Nesse folheto de 16 páginas, Francisco Vianna apresenta os fundamentos teóricos a partir dos quais elaborou *Cartilha: leituras infantis*.

É também presumida a data de 1922 como a que Francisco Vianna teve publicado livro destinado ao ensino de história do Brasil, escrito com a colaboração de seu filho Euclides Ribeiro Mendes Vianna, intitulado *Pequena historia do Brazil*, editado pela Francisco Alves (RJ).

Com 174 páginas, neste livro, escrito “A pedido dos editores Srs. Paulo de Azevedo & Cia., proprietários da Livraria Alves, tentei dar, nas poucas páginas que seguem, uma idéa succinta e, tanto quanto possível, fácil e amena, da evolução de nossa Patria.” (Vianna, 1931, p. 3), Francisco Vianna apresenta os principais aspectos relativos à história do Brasil.

Sobre a colaboração de seu filho, quando da elaboração do livro Francisco Vianna (1931) informa: “Ainda que o plano e a orientação geral sejam exclusivamente meus, utilizei-me principalmente para *as leituras*, da colaboração de meu filho EUCLIDES RIBEIRO M. VIANNA, que vae revelando grande amor ao estudo de nossa Historia.” (p. 3).

³² Segundo informações disponíveis em *site* de busca na Internet, triângulo esférico é obtido a partir da união de três elementos geodésicos de uma esfera. Dessa forma, os ângulos do triângulo esférico têm forma de arcos, grandes círculos ou arcos esféricos. Informações localizadas em: <http://www.mat.ufrgs.br/~portosil/passa2a.html>.

No ano de 1930, Francisco Vianna teve publicado pela Livraria Francisco Alves (RJ), o livro *Modernas directrizes no ensino primário: escola activa do trabalho ou nova*. A partir de informações que localizei em base de dados, nesse livro, Francisco Vianna aborda alguns princípios da escola nova.

Esse livro resulta de conferências proferidas pelo autor e está dividido em “Apresentação” e três partes, assim intituladas: “As modernas directrizes no ensino primário”; “Ilusões, exageros e confusões no ensino primário”; e “A conflagração universal apreciada sob o ponto de vista dos meios e dos fins da educação”.

Na “Apresentação”, o autor informa o seguinte:

Enfeixando em livro as cinco conferências que se seguem, entendi que poderia dar-lhe- o título. [...] Embora aparentemente sobre assuntos diversos e pronunciados dentro de um período de 10 anos, todas elas, como se verá, referem-se à necessidade de uma reforma nos meios, nas bases e nos objetivos da educação e apresentam um grau de coerência e uma uniformidade de direção que é inútil acentuar. [...] Ficarei contente se, com esta publicação, conseguir facilitar ou tornar mais clara para alguns mestres a concepção do sentido geral das múltiplas modalidades de escola ativa surgidas por toda parte e se lograr evitar desvios que poderiam tornar-se muito graves, pois prejudicariam somente a formação de gerações futuras. (Vianna, 1930, p. 9).

Sobre esse livro, é importante mencionar que na pesquisa de mestrado intitulada *História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos “manuais pedagógicos” brasileiros (1930-1971)*, Silva (2001) tem como objetivo contribuir para a construção de uma história das leituras destinadas aos professores em formação, analisando, para isso, 44 manuais de ensino que localizou e que foram publicados entre 1930 e 1971, dentre os quais está *Modernas directrizes no ensino primário: escola activa do trabalho ou nova*, de Francisco Vianna e publicado em 1930.

Informo, porém, que apesar de ter desenvolvido análise de livro de Francisco Vianna, essa autora enfocou os aspectos relativos ao conteúdo veiculado no livro, não sendo mencionadas a formação e a atuação profissional desse professor.

Dentre o conjunto da produção bibliográfica didática escrita por Francisco Vianna, destaco e apresento abaixo no Quadro 1, a relação de seus

livros que tiveram mais de uma edição, o número das edições que localizei e as respectivas datas da 1ª. edição e data da edição mais recente que localizei.

Quadro 1 - Número das edições localizadas dos livros de Francisco Vianna e respectivas datas da 1ª. edição e data da edição mais recente

Títulos de livros de Francisco Vianna	Edições localizadas	Data da 1ª. edição	Data da edição mais recente
<i>Cartilha: leituras infantis</i>	48ª., 54ª.	[1912?]	1949
<i>Primeiros passos na leitura</i>	42ª., 44ª.	1915	1958
<i>Leitura preparatória</i>	69ª., 95ª., 97ª.	1908	1960
<i>Primeiro livro de leituras infantis</i>	2ª., 5ª., 10ª., 62ª.	1908	1958
<i>Segundo livro de leituras infantis</i>	2ª., [s. ed.], 50ª., 60ª.	1908	1941
<i>Terceiro livro de leituras infantis</i>	2ª., 7ª., 37ª., 42ª., 44ª.,	1908	1941
<i>Quarto livro de leituras infantis...</i>	3ª., 5ª.	1919	1928
<i>Pequena historia do Brazil</i>	3ª.	[1922]	1931
<i>Elementos de trigonometria</i>	1ª.	1901	1901
<i>Considerações geraes sobre apprendizagem da leitura</i>	3ª.	[1912]	1925
<i>Modernas directrizes no ensino primário...</i>	1ª.	1930	1930
<i>Novo methodo de caligraphia vertical</i>	69ª., 90ª.	1909	1984
<i>Novo methodo de calligraphia americana (inclinada)</i>	--	[19--?]	--
<i>Novos cadernos de lingua-gem</i>	--	[19--?]	--
<i>Caderno de escripta</i>	--	[19--?]	--

Fonte: Produzido pela autora.

Por meio das informações apresentadas no Quadro 1, é possível compreender que os livros e que os cadernos de caligrafia intitulados *Novo methodo de caligraphia vertical* e os livros que integram a Série “Leituras Infantis”

foram os que tiveram maior número de edições publicadas, chegando, em alguns casos à 90ª. edição, publicada quase seis décadas após a 1ª. edição. Destaco que nos casos dos cadernos intitulados *Novo methodo de calligraphia americana (inclinada)*, *Novos cadernos de linguagem* e *Caderno de escripta*, apesar de ter localizado informações a respeito dessas publicações, não localizei data em que a 1ª. edição foi localizada, assim como não localizei nenhum exemplar.

Além de livros didáticos ou livros relacionados à educação e ao ensino, Francisco Vianna teve publicados também, diversos artigos no impresso periódico educacional paulista *Revista de ensino*, abordando temas variados. Os artigos publicados, que localizei até o momento, estão compreendidos no período entre 1903 e 1904.

No artigo “Physica e Chimica: phenomenos physicos e chimicos”, publicado no ano de 1903, nesse periódico, Francisco Vianna apresenta algumas reflexões sobre as relações entre as ciências física e química e as relações que se estabelecem entre as duas áreas, mencionando as reflexões de Augusto Comte sobre a relação entre as duas ciências, contidas no livro *Philosophia positiva*. Esse autor problematiza a distinção entre a Física e a Química, argumenta em favor da relação próxima entre as duas ciências e conclui afirmando que

[...] é justamente do facto dos phenomenos physicos poderem determinar a producção dos chimicos e destes serem habitualmente acompanhados daquelles, que resultam as relações tão intimas que há entre a Physica e a Chimica.

Das considerações que acabamos de fazer resulta que devemos dar as seguintes definições:

Physica é a sciencia que tem por fim estudar as leis que regem as propriedades geraes dos corpos, ordinariamente encaradas em massa e constantemente collocadas em circumstancias susceptíveis de manterem intacta a composição de suas moléculas e tanto quanto possível o sei estado de aggregação.

Chimica é a sciencia que tem por fim as leis dos phenomenos de composição e decomposição, que resultam da acção molecular e especifica das diversas substancias naturaes ou artificiaes, umas sobre as outras. (Vianna, 1903a, p. 452, grifos do autor).

No artigo “Lei geral da divisibilidade”, publicado no ano de 1903, nesse periódico, Francisco Vianna menciona artigo que René Barreto publicou

em número anterior a respeito da divisibilidade dos números. Esse autor cita trechos do artigo de René Barreto e apresenta as suas considerações sobre a proposta de análise desse professor e conclui afirmando que a tentativa de René Barreto em elaborar lei geral de divisibilidade de números contém:

[...] tendências generalizadoras de seu auctor que, aliás, não busca, como julgam alguns lhe dar sinão o verdadeiro valor. É o que já se depreheende do estylo, a meu ver, impróprio, com que se a expoz.

Creio que essa lei não deverá substituir o processo actualmente seguido para a determinação dos caracteres no inicio da arithmetica. No emtanto, acho-a curiosa e conveniente para figurar em algebra. E assim como grande numero de theorias de arithmetica ficam generalizadas sómente na algebra, assim tambem se dará na dedução dos caracteres com a applicação da lei proposta pelo sr. René Barreto. (Vianna, 1903b, p. 80).

No artigo “Physiologia: uma particularidade sobre a visão. Phenomeno desconhecido?”, publicado no ano de 1903, nesse periódico, Francisco Vianna apresenta reflexões sobre a visão, considerando a situação seguinte: temos em nossa frente, com cerca de 10 centímetros de distância, dois discos com a superfície branca; quando fechamos o olho esquerdo e fixamos os dois discos afastando-os lentamente, cerca de 25 a 30 centímetros, o disco da direita desaparece de nossa visão. A questão de Francisco Vianna é: por que ocorre essa lacuna na visão?

Esse autor descreve as suas experiências e as tentativas que fez para compreender o fenômeno e indica que apesar de ter buscado apoio em livros especializados e ter procurado profissionais que pudessem lhe auxiliar, não obteve respostas. Esse autor conclui o artigo afirmando que a falta de estudos sobre o assunto e a sua “convicção” de que o fenômeno tinha pequena importância para o campo, fizeram-no renunciar aos estudos e à pesquisa, tendo resolvido, então, explicar o fenômeno no artigo e entregá-lo a quem estiver disposto a compreendê-lo, ou a quem conhecer algum resultado que já tenha sido divulgado sobre o tema.

Nos artigos publicados em três partes intitulados “Para a reforma da instrução publica” publicados no ano de 1904, nesse periódico, Francisco Vianna apresenta informações relativas ao ensino no estado de São Paulo, considerando a iminente reforma de ensino programada pelo Secretário de

Interior. Conforme esse autor, essas informações oferecidas iriam auxiliar muito esse secretário, principalmente por expor “os defeitos” da organização de ensino neste estado.

No primeiro artigo, Francisco Vianna (1904a) apresenta as diferenças e a “desigualdade” entre os valores dos salários dos professores dos Grupos Escolares e das Escolas Modelos, quando esses estão em licença. Esse autor encerra esse primeiro artigo afirmando que certamente o “espírito ilustre, esclarecido e justiceiro” (Vianna, 1904a, p. 313) do secretário irá considerar as diferenças injustas nos salários dos professores, quando da elaboração da reforma.

No segundo artigo, Francisco Vianna (1904b) apresenta proposta daquilo que ele considera adequado para as Escolas Normais, nos aspectos relativos: à organização dessas escolas; aos docentes que nelas atuariam; às disciplinas; à quantidade de professores lentes e de professores contratados; às formas de ingresso no magistério, na direção e em outros cargos dessas escolas; à quantidade de anos do curso e às matérias em cada um dos anos; ao exame admissional dos alunos; ao encaminhamento das práticas de ensino; aos salários dos cargos ocupados nessas escolas; e à indicação de que o ensino nessas escolas deveria ser ministrado por homens, sendo as mulheres destinadas aos Grupos Escolares e às Escolas Modelo.

No terceiro artigo, Francisco Vianna (1904c) complementa o que abordou no segundo artigo como necessário para a organização da Escola Normal, conforme considera adequado e apresenta mais detalhadamente os aspectos e as informações que relacionou no artigo anterior.

Também na *Revista de ensino*, no ano de 1904, teve publicada transcrição de conferência que proferiu na ocasião de inauguração da Escola Complementar de Guaratinguetá³³. Nessa situação, Francisco Vianna estava

³³ Segundo informações localizadas no *site* do CRE “Mário Covas”, a “[...] Escola Complementar de Guaratinguetá foi criada pela lei nº. 861, de 14 de dezembro de 1902. O presidente do Estado de São Paulo, Bernardino de Campos, atendendo à representação da Câmara para a criação de uma escola nesses moldes, fez transferir para Guaratinguetá o curso complementar anexo à Escola-Modelo Prudente de Moraes, da capital de São Paulo. [...] Em 11 de abril de 1904 a escola foi transferida para edifício próprio, pois a Lei Municipal nº 179, de 11.01.1903 havia autorizado a compra do prédio que pertencera ao Visconde de Guaratinguetá [...]”. Informações disponíveis em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18971903/1903Escola_Complementar_de_Guaratingueta.pdf.

representando a Associação Beneficente do Professorado Público Paulista.

Nessa “Conferência”, Francisco Vianna (1904d) ressalta a importância dessa escola complementar e de sua fundação, uma vez que contribui para a “evolução” e “progresso” (Vianna, 1904d) da pátria. A partir desse destaque, Francisco Vianna apresenta a função da escola secundária para os indivíduos e para a sociedade. A escola, conforme a argumentação desse professor, pautada em Augusto Comte, tem por objetivo contribuir para a reconstrução da sociedade moderna.

Francisco Vianna apresenta alguns exemplos relativos à formação do homem grego e aos avanços científicos alcançados a partir desse modelo de formação, que se configurava por meio do estudo da ciência e a partir de elaborações teórico-filosóficas. As exemplificações de Francisco Vianna passam, então, a enfatizar a formação do homem romano e todos os avanços que eles proporcionaram.

Esse professor argumenta então que a partir do que a história e os homens foram propiciando à sociedade moderna, com os avanços no sentido de saber acumulado e de indústrias, seria preciso que na educação fosse enfatizada a formação do sentimento e do altruísmo, pois desse modo, conforme Francisco Vianna, se tornaria possível cuidar da natureza boa do homem, zelando pelo desenvolvimento de boas qualidades, principalmente por intermédio da escola, que fornece o acesso ao “brilhantismo da ciência” (Vianna, 1904d).

Esse autor conclui seu discurso proclamando a sua defesa por uma escola que seja “transmissora de conhecimentos” e que forme os sentimentos e o caráter das crianças, a partir da vivência de situações de altruísmo e de boas qualidades. Por fim, Francisco Vianna encerra seu discurso com um tom bastante convidativo aos ouvintes.

Ide, e possam ainda meus olhos presenciar as vossas glórias. E, si algum dentre vós tombar nessa lueta ingente que ides travar, para que doire perpetuamente no mundo o sol do amor universal, que, com o rosto orvalhado pelas lagrimas, por ver desaparecer da arena da vida objectiva um lutador imperterrito, possam meus lábios se abrirem para dizer aos que ficam: Nunca esteve mais vivo, porque a sua memória venerada pelos vindouros há de fomentar a formação de corações tão acrysolados e de caracteres tão impollutos como os delle. Este é, na verdade, o dia de sua victoria. (Vianna, 1904d, p. 149).

Ainda nessa revista, publicou diversos poemas, sendo alguns de sua autoria e um que verteu para o português. Destaco que alguns desses poemas foram incluídos, posteriormente nos livros de leitura da Série “Leituras Infantis”, como é o caso de: “O velho mestre” (1904e), que foi publicado no periódico no ano de 1904, tendo sido incluído em *Segundo livro de leituras infantis*; “O ninho das andorinhas” (1904f), que se trata de poema de Viennet³⁴ que Francisco Vianna verteu para o português, tendo sido publicado no periódico em 1904 e incluído em *Terceiro livro de leituras infantis*; “Dó infantil” (1904g), “Lição infantil” (1902a), “Sem médico” (1904h), “O bom collegial” (1904i) e “Precoce” (1902b), que também foram publicadas no ano de 1904 nesse periódico e incluídos em *Terceiro livro de leituras infantis*. Destaco, porém, que apenas “Dó infantil” foi mantido no livro de modo idêntico ao qual foi publicado no periódico, sendo que os outros poemas tiveram alguns aspectos relativos à forma alterados – palavras ou expressões suprimidas e/ou modernizadas.

A partir dos aspectos relativos à bibliografia de Francisco Vianna, é possível constatar a atuação representativa desse professor como autor de livros didáticos, que foram aprovados e utilizados durante mais de oito décadas, em vários estados brasileiros.

Outro aspecto que destaco é a recorrência da indicação do nome de Francisco Vianna nos livros que esse autor teve publicados, nos quais seu sobrenome está grafado com apenas um “n”, especialmente nas edições dos livros que integram a Série “Leituras Infantis” os quais foram publicados a partir da década de 1920. A imprecisão na grafia do nome é tão importante que, durante o desenvolvimento da pesquisa documental, sempre que realizava buscas o fazia por Vianna e Viana. Erros ou equívocos, tal aspecto é notório quando consideramos a recorrência e permitem questionar a participação do autor no processo editorial e sua presença nas escolhas a respeito da edição de seus livros.

³⁴ Conforme informações que localizei em *site* de busca na Internet, Jean-Pons-Guillaume Viennet (1777-1868) foi um político e poeta francês que escreveu além de diversos poemas, muitas peças de teatro. Informações disponíveis em Trousson ([S. d.]).

1.3 A Série “Leituras Infantis”: publicação e circulação dos livros

1.3.1 A editora da Série “Leituras Infantis”

Os livros da Série “Leituras Infantis” foram publicados pela Livraria Francisco Alves (RJ), editora de destaque na publicação nacional de livros didáticos. Hallewell (2005) indica a atuação pioneira e representativa dessa editora no âmbito da publicação de livros didáticos, pois, conforme esse autor, “[...] Francisco Alves foi o primeiro editor brasileiro a fazer dessa linha editorial o principal esteio de seu negócio.” (p. 280).

Tendo iniciado suas atividades na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1854, como Livraria Clássica e dirigida por Nicolau Antonio Alves, publicando principalmente livros didáticos, essa editora, segundo Bragança (2004),

[...] começou modestamente com suas atividades voltadas para o atendimento do mercado escolar e veio a tornar-se uma das maiores editoras do país. Fundada na rua Gonçalves Dias (quando ainda se chamava dos Latoeiros), mudou-se posteriormente para a rua do Ouvidor. (p. 1).

Ainda segundo Bragança (2004), no ano de 1882, Nicolau Antonio Alves convidou seu sobrinho, Francisco Alves, para ser sócio da empresa. No ano de 1897, devido a problemas de saúde, Nicolau Antonio Alves vendeu sua parte da sociedade ao sobrinho, o qual se destacou como empresário no ramo livreiro.

Conforme afirma Bragança (2004, p.1):

Excetuando-se a Imprensa Régia, hoje Imprensa Nacional, a Francisco Alves é a editora mais antiga em funcionamento no país. Fundada como Livraria Clássica pelo imigrante português Nicolau Antonio Alves, voltada especialmente para o nascente público escolar da Corte, logo se tornaria uma livraria-editora de livros didáticos. Modesta em sua origem, a casa, sob a direção do sobrinho do fundador, Francisco Alves de Oliveira, transformou-se na primeira grande editora brasileira.

No ano de 1894, Francisco Alves abriu uma filial da livraria em São Paulo-SP, tendo adquirido a empresa N. Falcone, pela qual foi publicada uma

das edições de *Terceiro livro de leituras infantis* que localizei.

No ano de 1902, Francisco Alves “[...] admitiu como sócio minoritário o seu auxiliar, engenheiro Manuel Pacheco Leão³⁵, filho de Teófilo das Neves Leão³⁶, um velho professor e amigo, formando com ele uma parceria importante na expansão da editora.” (p. 3).

No ano de 1907, “[...] fez uma outra sociedade com Júlio Monteiro Aillaud para assumir o controle da Aillaud, tradicional editora, livraria e tipografia francesa, de Paris [...]”. Além disso, adquiriu, em 1908, “[...] a Livraria Bertrand, de Lisboa.” (p. 3-4) e abriu filial em Minas Gerais (Bragança, 2004).

Segundo Hallewell (2005), o espaço e o prestígio que a Livraria Francisco Alves foi ganhando na publicação de livros didáticos se devem ao motivo de essa empresa ter passado a adquirir empresas rivais, a abrir filiais em diversos estados e a fazer impressão de um grande número de tiragens dos livros o que permitia o barateamento dos preços dos livros didáticos publicados (Hallewell, 2005).

Bittencourt (2004) também indica essa atuação representativa da Livraria Francisco Alves, ao analisar a relação entre o editor e o autor de livros didáticos entre as décadas finais do século XIX e iniciais do século XX.

A editora Francisco Alves acompanhou as inovações tecnológicas na fabricação dos livros, mantendo associações com empresas editoriais no exterior, sobretudo, para garantir impressões com menor custo. A visão empresarial do editor possibilitava colocar o livro no mercado a preços mais baixos, facilitando sua difusão e possibilitando uma “longa vida” para muitos dos seus *best-sellers*. Considerando esta outra importante característica do livro didático – o grande número de reedições – pode-se entender também o poder de interferência maior do editor nas adaptações e renovações da obra. (p. 489).

³⁵ Segundo Razzini (2004) Manuel Pacheco Leão é “[...] filho de Teófilo das Neves Leão e de Rosalina Leonissa Pacheco da Silva, [...] [uma] importante família do Rio de Janeiro.” (p. 6).

³⁶ Segundo Hallewell (2005), Teófilo das Neves Leão era secretário da Educação no governo de Prudente de Moraes, “[...] a maior autoridade em matéria de ensino [...]” (Hallewell, 2005, p. 283) e amigo de Francisco Alves, o que garantia a este a condição de ter Teófilo das Neves como seu maior leitor (Hallewell, 2005).

A respeito da importância dessa editora no mercado brasileiro, Bragança (2004) afirma que:

Sua importância em nossa história editorial faz dele o paradigma de livreiro-editor em nosso país. Francisco Alves lançou as bases modernas da edição escolar no Brasil e chegou a ser conhecido como o “Rei do Livro”, mas a morte levou-o antes de completar 69 anos. (p. 4, grifos do autor).

Ao relacionar a expansão do mercado editorial com a expansão da escola pública no Brasil, Razzini (2004) afirma que o acerto da Livraria Francisco Alves no ramo dos livros didáticos no Brasil se deve justamente ao fato de Francisco Alves investir em um mercado seguro e de circulação perene. Por esse motivo, segundo Bragança (2004, p. 2), “[...] criaram-se, timidamente, novas instituições escolares, tudo isso se refletiu, finalmente, num aumento do público leitor e do mercado para o livro.”

Mesmo após o falecimento de Francisco Alves, no ano 1917, essa editora permaneceu “dominando” (Hallewell, 2005) o mercado editorial de livros didáticos, até pelo menos os anos finais da década de 1920, quando é fundada a Companhia Editora Nacional. Com o falecimento de Francisco Alves, sua herança foi destinada à Academia Brasileira de Letras e, de acordo com Hallewell (2005)

Como a Academia está estatutariamente, impedida de gerir qualquer tipo de negócio, vendeu a livraria a um grupo de velhos empregados de Francisco Alves, liderados por Paulo Ernesto Azevedo³⁷, sucessor de Pacheco Leão na gerência da filial de São Paulo, e por Antônio de Oliveira Martins³⁸. A nova firma adotou como razão social o nome “Paulo de Azevedo & Companhia”, mas continuou a utilizar a marca “Francisco Alves”. (p. 294).

No ano de 1972, os filhos de Paulo de Azevedo³⁹ juntamente com Álvaro

³⁷ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional de Paulo Ernesto de Azevedo.

³⁸ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional de Oliveira Martins.

³⁹ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional dos filhos de Paulo de Azevedo.

Ferreira de Almeida⁴⁰, Raul da Silva Passos⁴¹ e Lélío de Castro Andrade⁴², os quais haviam sido admitidos como sócios da empresa, venderam-na para o Almirante José Celso de La Rocque Maciel Soares Guimarães⁴³, o qual, segundo Hallewell (2005) “[...] tornou a modificar seu nome para Livraria Francisco Alves Editora, enfatizando sua posição como a mais velha firma carioca com atividade ininterrupta no ramo editorial.” (p. 296).

Apesar de eu não ter localizado informações que me auxiliariam a compreender de que modo se dava a relação de Francisco Vianna com os editores da Livraria Francisco Alves, é possível questionar qual era a participação desse professor na elaboração editorial dos livros da Série “Leituras Infantis”. Esse questionamento decorre de informações que localizei no prefácio da 37ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, no qual Francisco Vianna afirma:

Quando, no anno de 1911, superintendi pessoalmente, em Pariz, á illustração e á revisão desta série, que, pelo menos no aspecto material, se manteve até 1918, como a melhor das nacionaes, foi-me impossível proceder, como já então pretendia, aos retoques de que este livro necessitava, pois fora elle o primeiro por mim publicado para as escolas primarias. Mais tarde, as difficuldades oriundas da guerra, impedindo a tiragem na Europa, forçaram-nos a fazer, para este e o *Segundo*, composições apressadas, que ora são substituidas por novas, nas quaes os expurguei de alguns efeitos, sendo que neste inclusive pela suppressão ou substituição de uma ou outra lição por demais pueril. Penso que, para os que já o apreciavam, sobrarão agora razões para adoptal-o. Rio de Janeiro, 1927. (Vianna, 1928a, p. 6).

Considerando que Francisco Vianna auxiliou no processo de seleção das ilustrações da série de livros de leitura, como ele afirma, é possível questionar o motivo de os editores da Livraria Francisco Alves o terem permitido superintender esse processo, ou seja, qual é autoria de Francisco Vianna na

⁴⁰ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional de Álvaro Ferreira de Almeida.

⁴¹ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional de Raul da Silva Passos.

⁴² Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional de Lélío de Castro Andrade.

⁴³ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional do Almirante José Celso de La Rocque Maciel Soares Guimarães.

diagramação editorial dos livros? E, por que ele participou desse processo que, segundo Bittencourt (2004; 2008), era responsabilidade de técnicos e editores, por ser decisivo para a garantia de venda dos livros?

Além desse aspecto, é possível questionar, também, a forma com os editores da Livraria Francisco Alves conheceram os livros de leitura de Francisco Vianna: teria sido a partir da compra da Editora N. Falcone, no ano de 1894, pela qual Francisco Vianna publicou um de seus livros, que presumo corresponder ao terceiro livro da série de leituras? A partir desse conhecimento, os editores da Livraria Francisco Alves teriam procurado Francisco Vianna para, com isso, propor como uma estratégia editorial comum na época, que era a publicação de séries graduadas de leitura? Teriam os editores da Livraria Francisco Alves proposto a Francisco Vianna que elaborasse uma série de leituras, buscando com isso, aliar a experiência pedagógica desse professor e os cargos que ocupou e ocupava junto ao ensino à proposta de ampliar a atuação dessa editora no mercado brasileiro de livros didáticos para o ensino da leitura? Ou foi Francisco Vianna quem elaborou a série de livros de leituras e a apresentou aos editores da Livraria Francisco Alves os quais a aceitaram e publicaram? Em síntese: Francisco Vianna foi escolhido pela editora ou a editora que o escolheu, por ele representar o discurso do “novo” para o ensino da leitura?

Apesar de não ter localizado informações que me permitam responder aos questionamentos acima, eles auxiliam na problematização do “papel” desempenhado pela editora como auxiliar decisiva na difusão das “renovações pedagógicas” (Bittencourt, 2004) em um determinado momento e até que ponto as estratégias editoriais que têm por finalidade garantir maior venda podem prevalecer na diagramação dos livros se comparadas às propostas pedagógicas neles “concretizadas” por seus autores.

Certamente, a publicação da Série “Leituras Infantis” pela Livraria Francisco Alves, cuja atuação na publicação nacional de livros didáticos é pioneira e representativa para aquele momento histórico, indica que havia maiores condições de esses livros circularem nas escolas primárias, bem como de permanecerem sendo reeditados por um longo período de tempo, mesmo após o falecimento de seu autor e de “inadequações” em relação ao momento de publicação das 1^{as.} e das últimas edições que localizei, publicadas praticamente após seis décadas.

1.3.2 Circulação dos livros da Série “Leituras Infantis”

Série “Leituras Infantis” é composta por sete livros, dentre os quais dois, são cartilhas destinadas ao ensino inicial da leitura, a saber: *Cartilha: leituras infantis* [1912?] e *Primeiros passos na leitura* (1915); e cinco, são livros de leitura destinados ao ensino da “leitura corrente”, conforme definidos por Francisco Vianna, a saber: *Leitura preparatória* (1908); *Primeiro livro de leituras infantis* (1908); *Segundo livro de leituras infantis* (1908); *Terceiro livro de leituras infantis* (1908); e *Quarto livro de leituras infantis (apanhados e factos históricos)* (1919).

Considerando as diferentes edições que localizei, constatei a longa circulação dos livros e a publicação de novas edições décadas após a publicação das 1^{as}. edições. Além desse aspecto, destaco, também, que os livros da Série “Leituras Infantis” circularam em diversos estados brasileiros, nos quais foram aprovados e mandados circular, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso, Pará, Amazonas, Rio Grande do Norte, Bahia, Santa Catarina e Paraná.

No quadro abaixo, apresento os números dessas edições e os respectivos anos de publicação.

Quadro 2 - Ano de publicação das edições localizadas dos livros da Série “Leituras Infantis”

No. da edição	Ano da publicação						
	<i>Cartilha: leituras infantis</i>	<i>Primeiros passos na leitura</i>	<i>Leitura preparatória</i>	<i>Primeiro livro...</i>	<i>Segundo livro....</i>	<i>Terceiro livro...</i>	<i>Quarto livro...</i>
1 ^a .	[1912?]	1915	1908	1908	1908	1908	1919
2 ^a .	--	--	--	1909	1909	Sem data	--
3 ^a .	--	--	--	--	--	--	1923
5 ^a .	--	--	--	--	--	--	1928
37 ^a .	--	--	--	--	--	1928	--
42 ^a .	--	--	--	--	--	1937	--
44 ^a .	--	1958	--	--	--	1941	--
48 ^a .	1945	--	--	--	--	--	--
50 ^a .	--	--	--	--	1926	--	--

54 ^a .	1949	--	1937	--	--	--	--
60 ^a .	--	--	--	--	1941	--	--
62 ^a .	--	--	--	1958	--	--	--
69 ^a .	--	--	--	--	--	--	--
97 ^a .	--	--	1960	--	--	--	--
Sem edição	--	--	--	--	Sem data	--	--

Fonte: Produzido pela autora.

A partir das informações apresentadas no Quadro 2, afirmo que os livros da Série “Leituras Infantis” tiveram quantidade significativa de edições em um período correspondente a aproximadamente seis décadas. *Cartilha: leituras infantis* teve 54 edições publicadas em 33 anos, considerando que a 48^a. é publicada em 1945 e a 54^a. em 1949, isso significa que praticamente 40 anos após a publicação da 1^a. edição da cartilha, foram publicadas seis edições, no intervalo de quatro anos. *Primeiros passos na leitura* teve 44 edições publicadas em 43 anos. *Leitura preparatória* teve 97 edições publicadas em 52 anos; dentre as diferentes edições de todos os livros que integram a série que localizei, esse é o que foi publicado mais recentemente e do qual foram publicadas mais edições. *Primeiro livro de leituras infantis*, teve 62 edições publicadas em 50 anos; *Segundo livro de leituras infantis*, teve 60 edições publicadas em 33 anos; *Terceiro livro de leituras infantis* teve 44 edições publicadas em 33 anos; e *Quarto livro de leituras infantis (apanhados e factos históricos)* teve cinco edições publicadas em nove anos.

Mediante o exposto, observei que, no conjunto dos livros da Série “Leituras Infantis”, as edições diminuíram à medida que os livros eram destinados às classes mais avançadas. *Cartilha: leituras infantis*, *Primeiros passos na leitura*, *Leitura preparatória*, *Primeiro livro de leituras infantis* e *Segundo livro de leituras infantis* tiveram mais edições publicadas, com intervalo de tempo maior entre as 1^{as}. edições e as últimas que localizei.

A partir dessa constatação, é possível problematizar se os livros destinados ao ensino da leitura circulavam com menor intensidade nas salas avançadas da escola primária graduada. Se sim, quais eram os livros utilizados nessas salas para o ensino da leitura?⁴⁴

⁴⁴ Apesar de pertinente, esses questionamentos não integraram os objetivos da pesquisa de que

1.3.3 Aspectos gerais dos livros da Série “Leituras Infantis”

1.3.3.1 Capa e quarta capa

As capas dos livros da Série “Leituras Infantis” têm uma estrutura que se mantém: ilustração que ocupa toda a capa; informações a respeito do autor do livro; título do livro; vinculação à série de leituras; editora pela qual o livro foi publicado; e informações de que o livro havia sido avaliado e de que estava autorizado a ser utilizado nas escolas primárias.

Nas gravuras das capas das edições dos livros que localizei, são representadas situações relacionadas ao ambiente escolar, nas quais há crianças lendo ou estão próximas de uma escola. Em duas capas – das duas edições de *Cartilha: leituras infantis* e da 97ª edição de *Leitura preparatória* – há uma criança em um jardim e aspectos indicativos de um ambiente de fazenda ou sítio.

Nos casos das capas das edições que localizei de *Primeiros passos na leitura*, *Leitura preparatória*, *Segundo livro de leituras infantis* e *Terceiro livro de leituras infantis* a gravura das capas representa uma menina lendo a qual é observada por duas crianças. Apresento, abaixo, imagens das capas dessas edições.

Figura 3 - Capa da 44ª edição de *Primeiros passos na leitura*



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb)

resultou neste livro, por esse motivo, os deixo aqui registrados mais como possibilidade de reflexão posterior, do que como tentativa de elaboração de possíveis respostas.

Figura 4 - Capa da 69ª. edição de Leitura preparatória



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb)

Figura 5 - Capa da 50ª. edição de Segundo livro de leituras infantis



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb)

Figura 6 - Capa de exemplar sem edição de Segundo livro de leituras infantis



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb)

Figura 7 - Capa da 42ª edição de Terceiro livro de leituras infantis



Fonte: Acervo pessoal.

Como é possível observar, as gravuras apresentam crianças com vestimentas que se assemelham à europeia. A esse respeito, Bittencourt (2008) destaca a influência principalmente da cultura e padrões europeus que se concretizam e são mais visíveis nas ilustrações dos livros didáticos.

As ilustrações dos livros didáticos favoreciam, portanto, de acordo com as concepções de aprendizado, uma forma de o aluno ter contato com situações mais concretas não apenas para crianças, mas também para os jovens. Entretanto, pelas condições em que ocorreu o processo de construção da obra didática, as ilustrações serviram como instrumento a mais na veiculação da cultura européia.

A marca estrangeira nos textos didáticos é bastante visível pelas ilustrações, registrando-se cenários, vestimentas e animais europeus. Gestos e posturas “civilizadas” eram divulgadas pelos livros escolares, e tanto na forma quanto em relação aos conteúdos os livros didáticos se prestavam a difundir o “ideal” europeu como padrão a ser incorporado pela nossa juventude. As ilustrações reforçavam e impunham o consumo de um “estilo francês de ler”, embora pudéssemos detectar algumas poucas resistências a tais imposições. (p. 198-199).

As quartas capas dos livros veiculam relação contendo títulos de livros, os respectivos nomes dos autores que estavam no catálogo de publicações da Livraria Francisco Alves e os preços de cada um dos livros anunciados. Segundo Bittencourt (2008), essa prática de divulgar o catálogo da editora era comum nas décadas finais do século XIX e iniciais do XX.

Outra forma de divulgação utilizada pelos editores era a apresentação de extratos de catálogos nos próprios livros didáticos, apresentando ao público escolar suas edições ou obras que se achavam à venda em suas livrarias. No final do século, os editores aproveitavam a contracapa dos livros para tal finalidade, limitando-se, por vezes, a divulgar obras de determinado autor e de determinada disciplina. (p. 86).

No caso de algumas das edições que localizei dos livros da Série “Leituras Infantis”, há informação de que o catálogo da editora era enviado gratuitamente aos leitores que o solicitassem.

Apresento, abaixo, relação dos nomes de autores relacionados nas

quartas capas das diferentes edições dos livros que localizei, de acordo com o livro.

- *Cartilha*: leituras infantis: Nas duas edições que localizei são mantidos os nomes dos autores, que são: Alaíde de Oliveira Lisboa⁴⁵; Paulo Gustavo⁴⁶; Malba Tahan⁴⁷; Olavo Bilac⁴⁸ e Coelho Neto⁴⁹;

⁴⁵ De acordo com informações localizadas em *site* de busca na Internet, Alaíde de Oliveira Lisboa (1904-2006) atuou como pedagoga, jornalista e escritora. Mineira, essa professora atuou intensamente na produção de livros de literatura infantil e relacionados ao ensino. Informações disponíveis em: <http://www.ufmg.br/online/arquivos/004615.shtml>.

⁴⁶ Até o momento, não localizei informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado apenas informações relativas aos títulos de livros que ele teve publicados; tratam-se de: *História de um pintinho maluco* e *Aventuras de um palhacinho*, publicados pela Livraria Francisco Alves, cujas datas de publicação das 1^{as}. edições não localizei. Informações disponíveis na quarta capa da 49^a. edição de *Cartilha*: leituras infantis.

⁴⁷ Segundo informações localizadas em *site* de busca na Internet, Júlio César de Mello e Souza (1885-1974), conhecido pelo nome do personagem de seus livros, Malba Tahan, atuou como professor de matemática e escritor de livros destinados ao ensino dessa disciplina. Nos livros que teve publicados apresentava as aventuras do jovem árabe Malba Tahan que tinha por objetivo resolver problemas matemáticos a ele impostos nas situações que vivenciava. Informações localizadas em: <http://www.tutomania.com.br/artigo/biografia-de-julio-cesar-de-mello-e-souza-pseudonimo-malba-tahan>

⁴⁸ Segundo Pfromm Netto; Dib; Rosamilha (1974), Olavo Bilac (1865-1918) foi jornalista e poeta brasileiro, tendo sido membro-fundador da Academia Brasileira de Letras. Atuou intensamente como escritor de literatura infantil, também escreveu e teve publicados diversos livros didáticos destinados às crianças, alguns dos quais em coautoria com Coelho Netto e Manoel Bonfim, dentre esses, destinados destacam-se: *Poesias infantis* (1904); os que escreveu em coautoria com Coelho Netto: *Contos pátrios* (1904); *Theatro infantil* (1905); e *Patria brasileira* (1909); e o que escreveu em coautoria com Manoel Bonfim *Através do Brasil* (1910).

⁴⁹ Segundo informações localizadas em *site* de busca da Internet, Henrique Maximiliano Coelho Netto (1864-1934) foi político, escritor e professor, tendo escrito livros em coautoria com Olavo Bilac, conforme mencionei na nota de rodapé acima. Informações localizadas em: <http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/glossario/c/coelho-neto.htm>.

Viriato Corrêa⁵⁰ e João do Rio⁵¹; Olavo Bilac; J. A. Mattos⁵²; Antônio Trajano⁵³; Felicíssimo Fernandes⁵⁴; Henri de Lanteuil⁵⁵; e Oswaldo Serpa⁵⁶ e Machado da Silva⁵⁷.

- *Primeiros passos na leitura*: Otelso Souza Reis⁵⁸; Antônio Trajano; J. M. Lacerda⁵⁹; Felicíssimo Fernandes; Henri de Lanteuil; Lígia de

⁵⁰ Segundo Ferro (2000), Manuel Viriato Correia Baima do Lago Filho (1884-1967) atuou como jornalista e escritor de diversos livros, dentre os quais destaco os de literatura infanto-juvenil, especialmente, *Cazuza* (1938). A respeito desse livro, ver, especialmente, Ferro (2000).

⁵¹ Segundo informações localizadas em *site* de busca na Internet, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, cujo pseudônimo era João do Rio (1881-1921) atuou como cronista, tradutor, contista e teatrólogo; teve diversos livros publicados e também ocupou cadeira na Academia Brasileira de Letras. Informações localizadas em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/joao-do-rio/joao-do-rio.php>.

⁵² Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado apenas na quarta capa da 49ª. edição de *Cartilha*: leituras infantis, informação relativa ao título de livro que ele teve publicado; trata-se de: *Livro de palavras cruzadas*, publicado pela Livraria Francisco Alves, cuja data de publicação da 1ª. edição não localizei.

⁵³ Segundo informações localizadas em *site* de busca na Internet, Antônio Bandeira Trajano (1843-1921) português que atou no Rio de Janeiro como professor de matemática e autor de livros didáticos para esse ensino. Informações localizadas em: <http://www.mackenzie.com.br/10291.html>.

⁵⁴ Até o momento, não localizei informações sobre a formação e atuação profissional de Felicíssimo Fernandes, tendo localizado na quarta capa da 49ª. edição de *Cartilha*: leituras infantis títulos de dois livros didáticos de ciências que esse autor teve publicados, na década inicial do século XX; tratam-se de: *Sciencias naturaes e physicas*, cuja destinação era para o curso elementar e *Sciencias naturaes e physicas*, com destinação para o curso superior.

⁵⁵ Segundo Pietraróia (2008), Henri de Lanteuil foi um professor francês que atuou no Brasil como autor de livros didáticos para o ensino de francês.

⁵⁶ Até o momento, não localizei informações sobre a formação e atuação profissional de Oswaldo Serpa, tendo localizado na quarta capa da 49ª. edição de *Cartilha*: leituras infantis títulos de três livros didáticos para o ensino de inglês que esse autor teve publicados em coautoria com Machado da Silva; tratam-se de: *A B C (direct method)*, *English for children* e *Paul e Mary*, cujas datas de publicação das 1ªs. edições não localizei, até o momento.

⁵⁷ Até o momento, não localizei informações sobre a formação e atuação profissional de Machado da Silva, tendo localizado apenas títulos de três livros didáticos para o ensino de inglês que esse autor teve publicados em coautoria com Oswaldo Serpa, os quais mencionei na nota de rodapé anterior.

⁵⁸ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado apenas informação de que foi professor de matemática e que publicou livros destinados ao ensino dessa disciplina.

⁵⁹ Segundo Oliveira (2007), Joaquim Maria de Lacerda (1838-1886) foi autor de livros didáticos destinados, especialmente ao ensino de história, tendo atuado nas primeiras décadas da república no Rio de Janeiro. A respeito do livro didático *Pequena historia do Brasil* (1880), ver, especialmente, Oliveira (2007).

Moura Santos⁶⁰; Máximo de Moura Santos⁶¹; Morel Marcondes Reis⁶²; Rita Amil de Rialva⁶³; Olavo Bilac; Olavo Bilac e Coelho Netto; Franklin Mendes⁶⁴; e Nelson Costa⁶⁵.

- *Leitura preparatória:*

⁶⁰ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional dessa autora, tendo localizado na quarta capa da 44^a. edição de *Primeiros passos na leitura* informação relativa ao título de série de livros destinados ao ensino da leitura que ela teve publicado; trata-se de *O bom colegial*, série composta por quatro livros os quais foram publicados pela Livraria Francisco Alves. Não localizei até o momento, entretanto a data de publicação da 1^a. edição dos livros que integram essa série.

⁶¹ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado na quarta capa da 44^a. edição de *Primeiros passos na leitura* informação relativa ao título de série “Moura Santos” composta por quatro livros destinados ao ensino da leitura e publicada pela Companhia Melhoramentos (SP), a saber: *O pequeno escolar* – 1^o. Livro; *O pequeno escolar* – 2^o. livro; *O pequeno escolar* – 3^o. livro; e *O pequeno escolar* – 4^o. livro. Não localizei, porém a data de publicação da 1^a. edição dos livros dessa série.

⁶² Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado na quarta capa da 44^a. edição de *Primeiros passos na leitura* informação relativa ao título de série de livros destinados ao ensino da leitura que ele teve publicado; trata-se de *Contos brasileiros*, série composta por quatro livros os quais foram publicados pela Livraria Francisco Alves. Não localizei até o momento, entretanto, a data de publicação da 1^a. edição dos livros que integram essa série.

⁶³ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional dessa autora, tendo localizado na quarta capa da 44^a. edição de *Primeiros passos na leitura* informação relativa ao título de série de livros destinados ao ensino da leitura que ela teve publicado; trata-se de *Minhas lições*, série composta por cartilha de alfabetização e quatro livros os quais foram publicados pela Livraria Francisco Alves. Não localizei até o momento, entretanto a data de publicação da 1^a. edição dos livros que integram essa série

⁶⁴ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado na quarta capa da 44^a. edição de *Primeiros passos na leitura* informação relativa ao título de livro para o ensino da Matemática que ele teve publicado; trata-se de *Rudimentos de geometria*. Não localizei até o momento, porém a data de publicação da 1^a. edição desse livro.

⁶⁵ Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado na quarta capa da 44^a. edição de *Primeiros passos na leitura* informação relativa ao título de livro para o ensino da leitura que ele teve publicado; trata-se de *Leitura e exercícios*. Não localizei até o momento, porém a data de publicação da 1^a. edição desse livro.

- 69ª. edição: Hilário Ribeiro⁶⁶; Thomaz Galhardo⁶⁷; Felisberto de Carvalho⁶⁸; Arnaldo Barreto⁶⁹; Francisco Vianna (sendo que nesse local “Vianna” está grafado com dois “ns”); João Köpke; Maria Rosa Ribeiro⁷⁰; e Rita de Macedo Barreto⁷¹;

- 97ª. edição: Alaíde de Oliveira Lisboa; Paulo Gustavo; Malba Tahan; Olavo Bilac; Viriato Correia e João do Rio; e Dr. Renato Kehl.

- *Primeiro livro de leituras infantis*: a 2ª edição desse livro foi restaurada, portanto, não é possível saber quais nomes de autores estão indicados.

- 62ª. edição: Paulo Gustavo; Renato Kehl; João Ribeiro; J. M. Lacerda; Felicíssimo Fernandes; Raja Gabaglia e João Ribeiro; Henri de Lanteuil; Oswaldo Serpa e Machado Silva.

- *Segundo livro de leituras infantis*:

- 2ª. edição: Francisco Vianna e Miguel Carneiro Júnior; Francisco

⁶⁶ Segundo Pfromm Netto; Dib; Rosamilha (1974), Hilário Ribeiro de Andrada e Silva (1847-1886) estudou Medicina e foi professor. Atuou como escritor de peças de teatro, poesias, livros didáticos e cartilhas, dentre os quais destaca-se a “Série Instrutiva” (1885), que teve grande circulação no Brasil. Além dessa série, publicou também: *Cartilha Nacional – Primeiro Livro/Silabário* (1880).

⁶⁷ Segundo Santos (2008), Thomaz Galhardo (1855-1904) nasceu em Ubatuba-SP atuou como professor. Dentre diversos escritos, vale destacar a *Cartilha da Infância*, publicada presumivelmente em 1880. Para maiores informações, ver Santos (2015).

⁶⁸ Segundo Bittencourt (2004), Felisberto de Carvalho (1850-1898) foi professor, jornalista, músico e autor de diversos livros didáticos, sobre gramática, aritmética, geometria, redação e instrução moral e cívica. Destaca-se, também, a série composta por cinco livros de leitura que esse autor escreveu, os quais foram “[...] publicados inicialmente na década de 1880 com reedições até 1959.” (BITTENCOURT, 2004, p. 488). A respeito dos livros didáticos escritos por esse autor, ver, especialmente, Oliveira (2004).

⁶⁹ Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925) nasceu em Campinas-SP e atuou de forma intensa na produção de materiais para o ensino da leitura em São Paulo. Para maiores informações, ver Regina (2017).

⁷⁰ Até o momento, não localizei informações mais precisas a respeito da formação dessa autora, tendo localizado na quarta capa da 69ª. edição de *Leitura preparatória* títulos de livros didáticos por ela escritos: *Leituras intermediárias* (1926); *Leitura para o 2º. ano*; *Leitura para o 3º. ano*; *Leitura para o 4º. ano*, sendo que dos três últimos não consegui localizar data de publicação da 1ª. edição.

⁷¹ Até o momento, não localizei informações mais precisas a respeito da formação dessa autora, tendo localizado na quarta capa da 69ª. edição de *Leitura preparatória* títulos de série de livros didáticos por ela escritos, cuja publicação da 1ªs. edições datam de 1914 a 1916: *Corações de crianças – leituras preparatórias*; *Corações de crianças – primeiro livro*; *Corações de crianças – segundo livro*; *Corações de crianças – terceiro livro*; *Corações de crianças – quarto livro*.

Vianna; Puiggari-Barreto⁷²; Arnaldo Barreto; Thomaz Galhardo; Felisberto de Carvalho;

- 50ª. edição: Olavo Freire⁷³; Antonio Trajano; Duque Estrada⁷⁴; O. de Souza Reis⁷⁵; B. P. R⁷⁶; Felicíssimo Fernandes; Arnaldo Barreto; Geikie⁷⁷; João Ribeiro; Raja Gabaglia e João Ribeiro; Olavo Bilac e Coelho Netto; Olavo Bilac.

- 60ª. edição: Paulo Gustavo; Renato Kehl⁷⁸; João Ribeiro; J. M. de

⁷² De acordo com Pfromm Netto; Dib; Rosamilha (1974), Puiggari-Barreto refere-se à série de leituras elaborada pelos professores Romão Puiggari e Arnaldo de Oliveira Barreto que circulou intensamente nas décadas iniciais do século XX. A série é constituída por quatro livros e sua 1ª. edição foi publicada em 1904; os títulos dos livros dessa série são: *Primeiro livro de leituras*, *Segundo livro de leituras*, *Terceiro livro de leituras* e *Quarto livro de leituras*.

⁷³ Segundo informações localizadas em Razzini (2206), Olavo Freire (1869-1941) foi professor e autor de livros didáticos.

⁷⁴ Segundo informações localizadas em *site* de busca na Internet, Joaquim Osário Duque Estrada (1870-1927) foi m poeta, crítico literário, professor e ensaísta brasileiro. No ano de 1909 teve seu poema oficializado como Hino Nacional Brasileiro. Além disso, atuou como Inspetor de ensino do Rio de Janeiro, tendo: sido professor no Ginásio Fluminense e na Escola Normal do Rio de Janeiro, membro da Academia Brasileira de Letras e publicados livros didáticos para o ensino de história, sobre o militarismo, sobre poesia e gramática. Informações localizadas em: http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_SP/Barra_Escolha/B_DuqueEstrada.htm.

⁷⁵ Até o momento, não localizei informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado, na quarta capa da 50ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis* informações relativas aos títulos de livros que ele teve publicados; tratam-se de: *Providência*, *Noções de historia do Brasil* e *Seiscentas expressões fracionárias*, publicados pela Livraria Francisco Alves, cujas datas de publicação das 1ªs. edições não localizei.

⁷⁶ Conforme presume Batista (2002) a sigla B. P. R. se refere aos nomes dos professores Arnaldo Barreto, Romão Puiggari e Ramon Rocca Dordal, pois, no verso da folha de rosto do livro *A leitura manuscrita*, de autoria de B. P. R. e publicado pela Livraria Francisco Alves (RJ) a partir da 9ª. edição, em 1909, são apresentados os títulos dos livros publicados por esses autores.

⁷⁷ Segundo Lorenz (2006), Archibald Geikie (1835-1924) foi um geólogo escocês que também atuou como professor de geologia e mineralogia na universidade de Edimburgo, localizada na Escócia. Esse professor escreveu *Physicalische geographie*, cuja tradução para português foi intitulada *Geographia Physica* e publicada no Brasil, pela Livraria Francisco Alves (RJ). Não localizei, até o momento, as datas de publicação das 1ªs. edições desses livros.

⁷⁸ Segundo Souza (2006), Renato Ferraz Kehl (1889-1974) foi um médico que atuou como defensor da eugenia e de temas correlatos sobre raça e hereditariedade.

Lacerda; Felicíssimo Fernandes; Raja Gabaglia⁷⁹ e João Ribeiro⁸⁰; Henri de Lanteuil; Oswaldo Serpa e Machado Silva.

- *Terceiro livro de leituras infantis:*

- 2ª. edição: João Köpke, seguido dos títulos da “Série Rangel Pestana⁸¹”; Dr. Arthur Thiré⁸²; Arnaldo Barreto; Miguel Alves Feitosa⁸³; Júlio Ribeiro⁸⁴; “Série Puiggari-Barreto”; e Francisco Vianna.

- 37ª. edição: Olavo Freire; Antonio Trajano, Duque Estrada; O. de Souza Reis; B. P. R.; Felicissimo Fernandes; Arnaldo Barreto; Geikie; João Ribeiro; Raja Gabaglia e João Ribeiro; Olavo Bilac e Coelho Netto; e Olavo Bilac.

- 42ª. edição: Arnaldo Barreto; Hilário Ribeiro; Thomaz Galhardo; Felisberto de Carvalho Francisco Vianna; João Köpke; Maria Rosa Ribeiro; e Rita de Macedo Barreto.

- 44ª. edição: Felicíssimo Fernandes, Raja Gabaglia e João Ribeiro Paulo

⁷⁹ De acordo com Soares (2007), Eugênio de Barros Raja Gabaglia foi matemático e professor, tendo atuado no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, tendo escrito livros sobre português, história, geografia e matemática, em coautoria com João Ribeiro.

⁸⁰ Segundo informações que localizei na Internet, João Ribeiro foi professor e autor de livros didáticos, dentre os quais alguns escritos em coautoria com Raja Gabaglia e outros individualmente. Localizei menções aos livros que João Ribeiro escreveu nas quartas capas dos livros de Francisco Vianna os quais são destinados ao ensino da gramática da língua portuguesa para os níveis primário, médio e superior.

⁸¹ Segundo Oliveira (2004), a Série “Rangel Pestana” é composta por cinco livros de leituras escritos por João Köpke, cuja 1ª. edição foi publicada na década final do século XIX. Essa série de livros foi publicada por diversas editoras, até o ano de 1908, quando passou a ser publicada pela Livraria Francisco Alves (RJ).

⁸² De acordo com informações localizadas em *site* na Internet, Dr. Arthur Thiré (1856-1924) foi um professor francês que atuou em diversas escolas brasileiras, dentre as quais a Escola de Minas, em Ouro Preto e no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Além de sua atuação como professor, escreveu e teve publicados diversos livros destinados ao ensino de matemática, os quais foram publicados pela Livraria Francisco Alves (RJ). Informações localizadas em: <http://www.letras.ufmg.br/lourenco/banco/EH03.html>.

⁸³ Até o momento, não localizei informações a respeito da formação e atuação profissional de Miguel Alves Feitosa, tendo localizado apenas informação de que esse autor teve publicados livros destinados ao ensino de gramática para os alunos no nível elementar, médio e superior.

⁸⁴ De acordo com informações localizadas em *site* na Internet, Júlio César Ribeiro Vaughan (1845-1890) foi escritor e teve publicado diversos livros, dentre os quais, destaco o destinado ao ensino da gramática portuguesa. Informações localizadas em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JulioCRV.html>.

Gustavo; Renato Kehl; João Ribeiro; J. M. de Lacerda; Henri de Lanteuil; Oswaldo Serpa e Machado da Silva.

- *Quarto livro de leituras infantis*: a 3ª. edição desse livro foi restaurada e não foi mantida a capa e a quarta capa.

- 5ª. edição: Olavo Freire; Antonio Trajano; Duque Estrada; O. de Souza Reis; B.P.R.; Felicíssimo Fernandes; Arnaldo Barreto; Geikie; João Ribeiro; Raja Gabaglia e João Ribeiro; Olavo Bilac e Coelho Neto; e Olavo Bilac.

Nas quartas capas dos livros da Série “Leituras Infantis”, portanto, são divulgados os livros didáticos destinados à escola primária e secundária considerados adequados no momento histórico em que as edições foram publicadas. Os títulos dos livros relacionados nas quartas capas não se restringem a uma disciplina específica, por exemplo, livros destinados ao ensino da leitura, considerando que os livros de Francisco Vianna são destinados a esse ensino, mas estão relacionados livros para o ensino de diferentes disciplinas: matemática, história, língua inglesa e língua francesa.

Constatai, também, que os autores cujos livros são destinados ao ensino da leitura são professores que, assim como Francisco Vianna, propunham o método analítico para o ensino da leitura. Esse aspecto permite confirmar a atuação e participação representativas das editoras de livros didáticos na divulgação de livros baseados em propostas consideradas adequadas e adotadas oficialmente, como é o caso do método analítico para o ensino da leitura, oficializado por Oscar Thompson, no ano de 1910 (Mortatti, 2000).

1.3.3.2 Folha de rosto, medida dos livros e quantidade de páginas

Os aspectos apresentados nas folhas de rosto dos livros da Série “Leituras Infantis”, informam o leitor sobre o livro e têm função de apresentar, como uma propaganda, informações a respeito do livro em específico e da série a qual está vinculado, assim como da editora pela qual o livro foi publicado.

Nos livros de leitura da Série “Leituras Infantis” são apresentadas informações a respeito: do título do livro, em destaque na folha; do nome do autor, com informações a respeito da atuação profissional de Francisco Vianna e a indicação dos cargos que ocupou e/ou ocupava quando da publicação dos livros; de autorização para utilização do livro e os estados nos quais foi mandado adotar; da editora, com os endereços no Rio de Janeiro, em São Paulo e

em Belo Horizonte; e da data de publicação da edição.

Considerando as diferentes edições que localizei dos livros de leitura dessa série, constatei pequenas modificações, geralmente quanto à disposição com que os aspectos estão dispostos na página, do acréscimo do prefixo “ex” às indicações dos cargos que Francisco Vianna não ocupava mais e, no caso específico das edições modernizadas pelos filhos de Francisco Vianna, abaixo da relação dos cargos ocupados por esse professor e do número da edição, há a seguinte informação: “Modernizada pelos filhos do autor e aprovada pela Comissão de Livros da Secretaria Geral de Educação do Distrito Federal.” (Viana, 1958)⁸⁵.

As medidas dos exemplares dos livros da Série “Leituras Infantis” que localizei variam entre 18 centímetros de altura por 13 centímetros de largura. Algumas edições apresentam variações ora alguns centímetros e décimos de centímetros maiores, ora menores.

A quantidade de páginas dos livros da Série “Leituras Infantis” aumenta progressivamente à medida que o livro é destinado às classes mais avançadas. Entre as diferentes edições dos livros dessa série, há, também, variação na quantidade de páginas. De modo geral, isso decorre da inclusão e/ou supressão de lições nas edições dos livros, ou da inclusão dos índices na contagem geral da quantidade de páginas nos livros. Apresento, abaixo, quadro contendo a medida dos exemplares que localizei e a quantidade de páginas, de acordo com a edição.

Quadro 3 - Medida e quantidade de páginas dos exemplares dos livros da Série “Leituras Infantis”

Livro Edição	Cartilha: leituras infantis	Primeiros passos na leitura	Leitura prepara- tória	Primeiro livro de leituras infantis	Segundo livro de leituras infantis	Terceiro livro de leituras infantis	Quarto livro de leituras infantis...
2ª.	--	--	--	172p. 18,5x12,5 cm	202p. 18,5x12,6 cm	192p. 18,5x12,6 cm	--
3ª.	--	--	--	--	--	--	350p. 17,2x11,2 cm

⁸⁵ Abordarei mais especificamente as edições dos livros da Série “Leituras Infantis” modernizadas pelos filhos de Francisco Vianna, no último tópico deste capítulo.

Livro Edição	Cartilha: leituras infantis	Primeiros passos na leitura	Leitura prepara- tória	Primeiro livro de leituras infantis	Segundo livro de leituras infantis	Terceiro livro de leituras infantis	Quarto livro de leituras infantis...
5 ^a .	--	--	--	--	--	--	350p. 17,2x11,2 cm
37 ^a .	--	--	--	--	--	188p. 18,7x12,6 cm	--
42 ^a .	--	--	--	--	--	190p. 18,7x12,6 cm	--
44 ^a .	--	73p. 18,1x14,1 cm	--	--	--	182p. 18,8x12,6 cm	--
48 ^a .	72p. 19,5x14,5 cm	--	--	--	--	--	--
50 ^a .	--	--	--	--	188p. 18,7x12,5 cm	--	--
54 ^a .	72p. 19,5x14,5 cm.	--	--	--	--	--	--
60 ^a .	--	--	--	--	188p. 18,8x12,6 cm	--	--
62 ^a .	--	--	--	176p. 18,2x12,6 cm	--	--	--
69 ^a .	--	--	128p. 20,5x15 cm	--	--	--	--
97 ^a .	--	--	126p. 20,5x15 cm	--	--	--	--

Fonte: Produzido pela autora.

A partir das informações contidas no Quadro 3, afirmo que todos os livros da série apresentam medidas adequadas considerando o público para o qual eram destinados. Os livros em tamanhos pequenos e com poucas páginas, se comparados a outros livros publicados naquele momento, sugerem certa adequação do material didático ao público infantil, tanto considerando o manuseio, quanto o transporte. Além disso, o material com que os livros eram feitos indica um processo de fabricação mais barateado. A forma com que os livros da Série “Leituras Infantis” estão editorados sugerem certo investimento da editora para garantir boas condições de vendagem dos livros, isso porque, conforme afirma Bittencourt (2008)

A questão da comercialização dos livros tornou-se um aspecto fundamental para a garantia de sucesso do livro, não bastando o aval do governo. Era necessário que o livro didático fosse acessível a alunos e professores em preço e possibilidade de aquisição nos vários recantos do país. Aperfeiçoaram, por exemplo, técnicas de capas do tipo brochado e, geralmente as editoras adotaram o padrão in-8º introduzido pela Garnier, cujo tamanho possibilitava a venda por preços mais acessíveis. Assim, uma obra erudita era normalmente encadernada e seu preço variava entre 5\$000 a 10\$000 réis, enquanto os livros didáticos eram cartonados, em papel de pior qualidade, possibilitando preços entre \$500 a 2\$000 réis. (p. 85-86).

Nas quartas capas dos exemplares dos livros que localizei, como informei, estão relacionados títulos do catálogo da Livraria Francisco Alves e os respectivos preços dos livros. De modo geral, os preços dos livros didáticos aumentam progressivamente à medida que os livros são destinados às classes mais avançadas, a saber: o preço das cartilhas relacionadas varia entre \$700⁸⁶ e 2\$000 réis e o preço dos livros de leituras relacionados varia entre 2\$500 e 4\$000 réis.

Especificamente a respeito dos livros de Francisco Vianna, os valores apresentados na quarta capa da 37ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis* são: *Cartilha: leituras infantis*, 2\$000; *Primeiros passos na leitura*, 1\$500; *Leitura preparatória*, 2\$500; *Primeiro livro de leituras infantis*, 2\$5000;

⁸⁶ Apenas *Cartilha Nacional* e *Primeiro livro de leitura*, de Hilário Ribeiro e *Cartilha da Infância*, de Thomaz Galhardo custam \$700 réis; os outros livros e cartilhas relacionados custam geralmente, 1\$500 ou 2\$000 réis.

Segundo livro de leituras infantis, 3\$000; e *Quarto livro de leituras infantis...*, 4\$000. Apesar de o preço de *Terceiro livro de leituras infantis* não estar relacionado, presumo que seu custo seja 3\$500.

1.3.3.3 Edição modernizada pelos filhos de Francisco Vianna

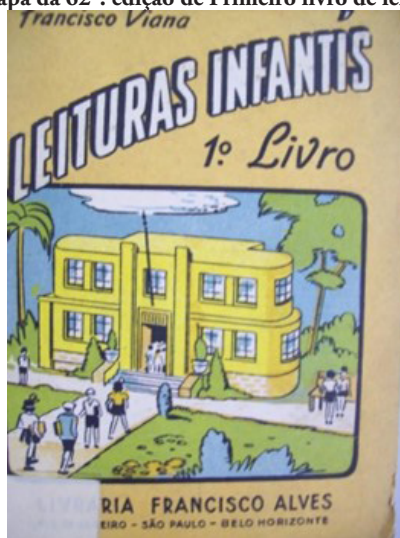
Na década de 1940, cinco anos após Francisco Vianna ter falecido, seus filhos Paulo Mendes Vianna e Euclides Mendes Vianna modernizaram os livros da Série “Leituras Infantis”. Até o momento, localizei apenas as edições modernizadas de *Primeiro, Segundo e Terceiro livro de leituras infantis*; não tendo localizado edições modernizadas de *Cartilha: leituras infantis*, de *Primeiros passos na leitura*, de *Leitura preparatória* e de *Quarto livro de leituras infantis*.

As edições modernizadas que localizei se referem: à 62^a. edição de *Primeiro livro de leituras infantis*, publicada em 1962; à 60^a. edição de *Segundo livro de leituras infantis*, publicada em 1958; e à 44^a. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, publicada em 1941.

Nas edições modernizadas foram modificados os seguintes aspectos em relação às edições elaboradas por Francisco Vianna: as capas dos livros; a inclusão de apresentação intitulada “Queridos leitores”, de autoria dos filhos de Francisco Vianna; a inclusão, ao final de cada lição, de “vocabulário”; a inclusão de um parágrafo ao prefácio escrito por Francisco Vianna; e a atualização de palavras e a modernização de termos utilizados nas lições, em decorrência de mudanças ortográficas oficiais.

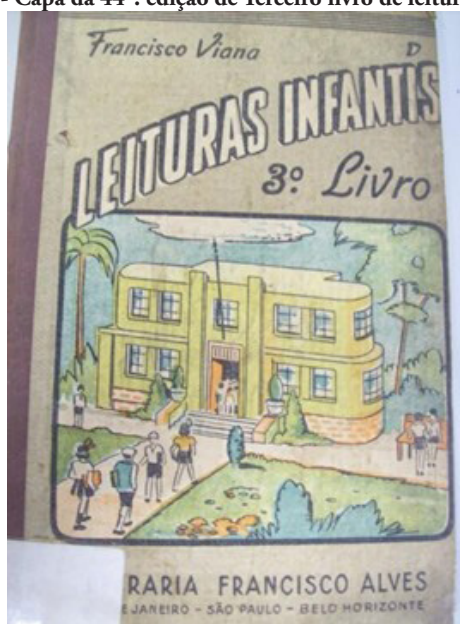
Apresento, abaixo, ilustração das capas dos exemplares que localizei referentes às edições modernizadas pelos filhos de Francisco Vianna.

Figura 8 - Capa da 62ª. edição de Primeiro livro de leituras infantis



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

Figura 9 - Capa da 44ª. edição de Terceiro livro de leituras infantis



Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

É possível observar que nas capas das edições modernizadas é representado um um prédio escolar bastante moderno, crianças que se dirigem ao prédio com vestimentas mais modernas e árvores típicas de um ambiente tropical, como palmeiras, por exemplo. Se comparada às capas de *Leitura preparatório, Segundo livro de leituras infantis e Terceiro livro de leituras infantis*, que apresentei anteriormente, as capas dessas edições modernizadas apresentam um ambiente escolar e, portanto, destinado ao ensino; no caso das edições mais antigas, o ambiente representado se assemelha a uma casa. Além disso, o ambiente representado nessas edições modernizadas se relaciona mais à situação brasileira, tanto na “paisagem” representada, quanto nas vestimentas das crianças. As capas das edições mais antigas além de representarem uma situação mais “caseira”, apresenta crianças cujas vestimentas se assemelham à europeia, como mencionei. Presumivelmente, as gravuras das capas das edições mais antigas foram elaboradas no exterior e as gravuras das capas das edições mais recentes foram elaboradas no Brasil e, por esse motivo, a ambientação da gravura é modificada.

Na apresentação da edição modernizada, que data de dezembro de 1940, os filhos de Francisco Vianna justificam os motivos das alterações e modernizações que realizaram no livro de leitura. Paulo e Euclides Mendes Vianna (1940 apud Viana, 1962) explicam que as modificações que realizaram no livro não seriam necessárias, caso “[...] o progresso não mudasse, todos os dias, em torno de nós, as cousas, os costumes e até as idéias.” (p. 4). Informam que: “Foi essa contínua mudança que nos levou a fazer, no presente livro, algumas modificações, com o fim de atualizá-lo.”. Por fim, destacam:

Se estivesse vivo, o próprio autor faria tais modificações, impostas pela marcha da civilização, e foi nessa certeza que nós as fizemos, pensando nele e em vocês.

Quando crescerem, bons amiguinhos, procedam da mesma forma com aquilo que lhes legarem os seus papás. Porque é assim velando pelo que nos deixam os antepassados, procurando aperfeiçoar o que eles realizaram que contribuímos para a grandeza da nossa Pátria e preparamos o futuro da nossa gente. (Viana; Viana, 1940 apud Viana, 1958b, p. 4).

Ao final de cada lição foi incluído um “vocabulário”, que decorre da opção dos filhos de Francisco Vianna por modernizar os livros de leituras, conforme está indicado, em nota de rodapé, na 1ª. lição do livro, na qual o vocabulário aparece pela 1ª. vez: “O **Vocabulário**, que acompanha cada lição, traz apenas o significado da palavra no texto, cuja compreensão por parte do aluno visa facilitar.” (Viana; Viana, [s. d], apud Viana, 1962, p. 8, grifo dos autores). Apesar de não apresentar autoria expressa, presumo, a partir das informações disponíveis no livro, que essa nota de rodapé é de autoria dos filhos de Francisco Vianna. Nesses vocabulários há cerca de 14 a 16 palavras indicadas e seus respectivos significados, sendo que a palavra retirada do texto, está indicada no vocabulário, em destaque, seguida de travessão e sua acepção.

No parágrafo incluído ao final do prefácio, não localizei informações sobre a data de publicação e o número da edição em que esse trecho foi incluído; presumo que tenha sido incluído na última edição elaborada por Francisco Vianna. Abaixo, transcrevo o parágrafo inteiro do prefácio, destacando, porém, o trecho inserido.

Cumpre-me, por fim, lembrar que mesmo os excelentes livros de leitura (e estes não se presumem tais) não eximem o mestre do mais largo comentário, sem o qual muitas vezes ficariam ineficazes suas melhores páginas. *Por outro lado é preciso não esquecer que as lições de leitura oferecem, direta ou indiretamente, a oportunidade para a ministração de conhecimentos de toda ordem.* (Viana, 1941, p. 186, grifos meus).

As modificações que constatei nas edições modernizadas se referem às alterações realizadas devido ao acordo ortográfico de 1931, de que decorre a acentuação de algumas palavras as quais não recebiam acento nas edições anteriores, ou a supressão de acentos de palavras⁸⁷. A título de exemplo, cito títulos de duas lições de *Primeiro livro de leituras infantis*, cuja acentuação foi modificada: “As bôlhas de sabão” e “O incontentavel” (2ª. edição), passaram respectivamente a ser intituladas “Bolhas de sabão” e “O incontentável” (62ª. edição).

⁸⁷ Segundo informações que localizei na Internet, no ano de 1931 foi assinado entre Brasil e Portugal o 1º. Acordo Ortográfico para unificar a língua portuguesa falada nos dois países. Informações disponíveis em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=acordo-historia>.

Observei, também, que na 62^a. edição, foram modernizadas algumas palavras, cuja grafia foi modificada. Para exemplificar, apresento sete palavras cuja grafia foi modificada e duas cuja palavra foi substituída: “fructas” para “frutas”; “quasi” para “quase”; “chamal-o” para “chamá-lo”; “cahir” para “cair”; “bicycleta” para “bicicleta”; “aquelle” para “aquele”; “gymnasticos” para “ginásticos”; “carroção” foi substituído por “caminhão”; e “graphophone” foi substituída por “rádio”.

CAPÍTULO 2

O ENSINO DA LEITURA NOS LIVROS DA SÉRIE “LEITURAS INFANTIS”

2.1 Cartilha: leituras infantis

Localizei informações distintas a respeito da data de publicação da 1ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*. No *site* do Centro de Referência Educacional (CRE) “Mário Covas” a data da primeira edição da cartilha é 1895; entretanto, a informação que localizei em instruções aos professores em exemplar da 97ª. edição de *História para pequeninos: leitura preparatória da série “Leituras Infantis”*, de Francisco Vianna, publicada em 1960, é que essa cartilha teria sido publicada no final de 1911, tendo sido elaborada alguns anos após *Primeiro livro de leituras infantis*, *Segundo livro de leituras infantis* e *Terceiro livro de leituras infantis* da Série “Leituras Infantis”. Conforme indicou Francisco Vianna:

A série *Leituras infantis* foi escrita e publicada a partir do terceiro Livro para os inferiores. Quando em fins de 1908, publiquei o presente livro, conquanto reconhecesse a necessidade de uma cartilha pela sentençação, não pensava ainda em escrevê-la eu próprio, pois aguardava que o fizessem outros de maior competência no assunto e que eu sabia estarem na mesma corrente de idéias. Como, porém, as cartilhas aparecidas posteriormente deixaram de satisfazer a condições que reputo capitais, resolvi completar a série, elaborando a *Cartilha*, cuja publicação se deu em Dezembro de 1911. (p. 121).

No catálogo da Livraria Francisco Alves⁸⁸, publicado em 1954 e disponível no *site* do Núcleo de Pesquisa sobre Livro e História Editorial no Brasil (Lihed), localizei a informação de que essa cartilha foi publicada em 1912.

Frente ao exposto, presumo até o momento que a publicação da 1ª. edição da cartilha data de 1912. Como mencionei anteriormente, para indicar a imprecisão em relação à data de publicação da 1ª. edição da cartilha, utilizo-me de recurso, conforme consta no documento NBR-6023, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), de indicar a data presumida entre colchetes seguida de parênteses.

O exemplar que analisei de *Cartilha: leituras infantis* é da 48ª. edição, publicada em 1945; trata-se de uma cópia *fac-símile* do original.

Cartilha: leituras infantis está organizada em: indicações aos professores, escritas pelo autor contendo orientações aos pais dos alunos e aos professores; 41 lições⁸⁹, distribuídas da página 1 a 67, seguidas de alfabeto, que apresenta as letras maiúsculas e minúsculas em letra de imprensa e manuscrita; e duplicata das lições da página 1 a 13 na qual são sugeridas sentenças e palavras para que o professor transcreva no quadro negro.

2.1.1 Diferentes edições

Localizei dois exemplares de *Cartilha: leituras infantis*: da 48ª. edição, publicada em 1945 — a mais antiga localizada até o momento; e da 54ª. edição, publicada em 1949. As capas dos dois exemplares que localizei são idênticas e, por esse motivo, apresento, abaixo, apenas a capa da 48ª. edição desta cartilha.

⁸⁸ Esse catálogo foi publicado em 1954, em comemoração ao centenário da Livraria Francisco Alves, fundada em 1854. Neste catálogo, estão apresentados histórico dessa editora e relação contendo os títulos dos livros publicados desde sua fundação (Livraria Francisco Alves, 1954).

⁸⁹ Compreendo o termo “lição” na análise de *Cartilha: leituras infantis*, assim como Mortatti (2000), como o “[...] conjunto de sentenças precedidas ou sucedidas de gravuras que estabelecem relação semântica entre si, com uma sentença e/ou palavras em destaque, sendo que cada uma das lições propõe o estudo de uma consoante do alfabeto.” (p. 124). Segundo Mortatti (2000), essas sentenças das lições mantêm “[...] nexos lógico-gramaticais entre si: o objeto lógico da sentença anterior deve coincidir com o sujeito da sentença imediatamente seguinte.” (p. 124).

Figura 10 - Capa da 48ª. edição de Cartilha: leituras infantis



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

Nos dois exemplares que localizei, constatei modificações, as quais apresento na sequência:

- gravuras⁹⁰ coloridas;

Nas gravuras coloridas da 45ª. edição da cartilha há maior utilização de cores, os traços são menos delineados, porém mais suaves e os tons das cores são mais pastéis e claros⁹¹. As gravuras desta edição da cartilha indicam um processo de elaboração no qual foram utilizadas técnicas mais “artesaniais”, com desenhos mais aperfeiçoados no sentido de riqueza de detalhes, no qual seu autor procurou se manter bastante fiel aos objetos e situações representadas. Os vestuários das personagens nas gravuras coloridas são, também, mais

⁹⁰ Quando me referir às ilustrações da cartilha e dos livros de leitura em análise, utilizarei o termo “gravura”, porque é o termo utilizado por seu autor.

⁹¹ Para a impressão das ilustrações nas cartilhas e nos livros de leitura foi utilizado o sistema de impressão tipográfico. Segundo Vieira (1975), esse sistema de impressão do tipo *offset* foi inventado no ano de 1904 e deriva da litografia, cuja técnica reproduz o que havia sido gravado ou desenhado sobre uma pedra calcária, chamada litográfica (Vieira, 1975), no papel. Com o processo de impressão em *offset*, a pedra litográfica foi substituída por uma chapa de metal que é flexível e se adapta aos cilindros da impressora. Ainda segundo Vieira (1975), o tipo *offset* reduziu sensivelmente os custos da impressão, tornando os livros menos dispendiosos. A esse respeito, e considerando principalmente a história da técnica utilizada na impressão da gravura, no Brasil, ver, especialmente, Costella (1984) e Ferreira (1994).

“arcaicos”, o que indica que essas gravuras sejam mais antigas, que tenham sido incluídas na cartilha no momento de publicação de suas primeiras edições, nos anos iniciais do século XX, e que não teriam sido alteradas ao longo das sucessivas edições⁹².

Nas gravuras coloridas da 54^a. edição da cartilha há apenas a cor laranja para diferenciar as gravuras coloridas das gravuras em preto e branco. Nesta edição, os traços das gravuras são bem definidos e concisos e as cores das gravuras são bem intensas. As gravuras desta edição da cartilha indicam um processo de elaboração mais industrial, no qual foram empregadas técnicas mais aperfeiçoadas de ilustração e de diagramação da gravura na página. Além desse aspecto, os vestuários das personagens nas gravuras coloridas são mais “modernos” e, considerando o conjunto das gravuras da cartilha, as coloridas destoam, tanto pelos aspectos relativos às técnicas empregadas das quais decorre a forma das gravuras, quanto pela disposição e representação das personagens e vestimentas.

1. informação na capa do exemplar da 54^a. edição relativa à autorização para utilização do livro pelo Ministério da Educação e o número do registro desta autorização;
2. A informação de que o livro teve seu uso autorizado pelo Ministério da Educação, consta na capa do exemplar da 54^a. edição da cartilha e está disposta na parte inferior direita da capa, acima do nome da editora.
 - preço na quarta capa da cartilha.

Na quarta capa da 54^a. edição, de 1949, há a informação referente ao preço da cartilha, o que não há na 48^a. edição, de 1945. O valor indicado neste local é Cr\$ 7,00.

Apesar das modificações apresentadas em relação às gravuras, à informação acrescentada na capa da cartilha e ao preço indicado, as lições da 54^a. edição se mantiveram inalteradas em relação às da 48^a. edição.

Constato, portanto, que nas diferentes edições desta cartilha, não houve alterações em seu conteúdo, mas apenas algumas modificações editoriais,

⁹² Presumo que pelo motivo de a elaboração das gravuras coloridas e impressão tipográfica serem mais “trabalhosas” e encarecem o material na qual foram empregadas, os editores de *Cartilha: leituras infantis* optaram por um processo mais econômico e rápido de elaboração e inclusão de gravuras nas edições seguintes desta cartilha.

relativas às gravuras. No caso da informação indicada na capa e na quarta capa da cartilha, é possível constatar a articulação entre a preocupação dos editores de enfatizar a adequação da cartilha às normas estabelecidas pelas comissões avaliadoras de livros didáticos – e a decorrente ostentação dessa autorização –, o atendimento dos editores a essa norma quando inseriram essa informação na capa da cartilha e a padronização do valor a ser cobrado pela cartilha.

2.1.2 Lições e gravuras

Cartilha: leituras infantis contém 41 lições que têm regularidade em relação à estrutura: gravura, sentenças que compõem a lição e sentenças ou palavras em destaque. Há, na cartilha, 45 gravuras, dentre as quais dez são coloridas e 35 são em preto e branco, das quais em 12 é possível identificar a assinatura do ilustrador T. Tarquínio⁹³ e em quatro é possível identificar a assinatura do ilustrador Louis Maîtrejean⁹⁴. Nas gravuras coloridas, não há informação ou assinatura que permitam identificar o ilustrador.

As sentenças que compõem as primeiras lições da cartilha são elaboradas de modo mais descritivo, sendo indicadas ações simples de personagens: “Vovô vê a ave”, “O dado é do Vovô”, “Ovídio move a moeda”. Nas sete primeiras lições da cartilha, essas variam entre cinco e oito sentenças, com uma ou duas das sentenças em destaque em letra manuscrita e/ou com palavras do texto em destaque abaixo de suas respectivas gravuras. Considerando esses aspectos, apresento abaixo, a título de exemplo, ilustração da 1ª lição dessa cartilha nas duas edições que localizei.

⁹³ Até o momento, não consegui localizar informações a respeito do ilustrador T. Tarquínio.

⁹⁴ Segundo informações localizadas em *site* de busca na Internet, Louis Maîtrejean (1895-1947) foi um ilustrador francês que atuou na França nas décadas iniciais do século XX, tendo elaborado ilustrações para jornais e revistas francesas e livros para crianças e adultos. Informações localizadas em: <http://www.bookinerie.com/pages/goodrech.php3?titres=illustrateur&Tri=Jour&Ordre=DESC>.

Figura 11 - 1ª lição da 48ª edição de Cartilha: leituras infantis



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

Figura 12 - 1ª lição da 54ª edição de Cartilha: leituras infantis



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

Até a 13ª, cada lição ocupa uma página da cartilha, na qual estão contidas as gravuras, as sentenças e as sentenças ou palavras em destaque. A partir da 14ª lição, todavia, as lições ocupam duas páginas e a quantidade de sentenças é ampliada, variando entre 17 e 25 sentenças, por lição. Observei que as 13 primeiras lições da cartilha são apresentadas sentenças com construção mais simples e mais descritivas e a partir da 14ª. lição até a última, as sentenças vão gradativamente sendo mais elaboradas, não sendo mais tão marcante o tom descritivo. A título de exemplo, apresento, abaixo, ilustração da 15ª. lição da cartilha nas duas edições que localizei.

Figura 13 - 15ª lição da 48ª edição de Cartilha: leituras infantis



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

As sentenças destacadas em letra manuscrita ao final variam entre três e nenhuma por lição; e na maioria dos livros têm a função de sintetizar o conteúdo abordado nas sentenças ou nas histórias das lições.

Ao final da cartilha, após as lições, há uma duplicata das lições da página três a 13 e palavras novas para as lições 14 a 30. A função dessa duplicata é complementar as lições da cartilha com sentenças e palavras novas para o professor copiar no quadro-negro. Considerando que cada lição está organizada em torno de uma consoante, um encontro entre vogal e consoante *e/* ou consoante e consoante, às palavras e às sentenças que são apresentadas das lições 3 a 13, são acrescentadas e complementadas novas palavras e sentenças para serem escritas no quadro-negro pelo professor.

2.1.3 Orientações aos professores

No prefácio da cartilha, assinado por Francisco Vianna e disposto no início da cartilha precedendo as lições, são apresentadas, brevemente, as opções adotadas pelo autor para a elaboração de sua cartilha e os encaminhamentos a partir dos quais propõe sua aplicação para que sejam alcançados os resultados esperados.

Essas indicações são divididas em duas partes, sendo uma destinada aos pais dos alunos usuários da cartilha e outra aos professores. As indicações aos pais têm por finalidade esclarecer aspectos que podem interferir no processo de ensino que ocorre na escola. Francisco Vianna solicita, portanto, que a cartilha fique na escola até que sejam encerrados os estudos das 15 primeiras páginas da cartilha; que os pais não busquem auxiliar o professor e ensinar a leitura em casa; e que a criança não se ausente da escola, além de casos de extrema necessidade.

As indicações destinadas aos professores são divididas em duas partes. Na primeira parte, Francisco Vianna apresenta a sua proposta de encaminhamento metodológico a partir do qual o professor deve utilizar a cartilha. Na segunda parte das indicações aos professores, Francisco Vianna apresenta indicações complementares para a aplicação da cartilha e orienta detalhadamente, por meio de um exemplo, o modo de encaminhar o estudo da 1ª lição da cartilha, com o diálogo, a forma de condução do professor e as respostas dos alunos. Após o exemplo do diálogo, Francisco Vianna apresenta,

também, alguns exercícios transcritos do folheto “A leitura *analytica*”, de Teodoro de Moraes, para auxiliar no processo de ensino da leitura.

Francisco Vianna compreende que a sentencição é o processo mais adequado e racional para o ensino da leitura. Conforme esse autor, a “[...] superioridade da sentencição sobre os outros processos está exatamente em exigir e permitir maior atividade por parte da criança.” (Viana, 1945, p. VI). Dessa opção pela sentencição no processo inicial do ensino da leitura, decorre sua compreensão de que esse ensino teria como ponto de partida o conhecimento das sentenças das lições, que seriam decompostas em palavras e depois em sílabas.

Mediante a exposição do que considera ser o processo adequado para o ensino inicial da leitura às crianças, Francisco Vianna apresenta as fases a partir das quais a “marcha” deve ser seguida pelo professor. A proposta desse autor é a de que há três fases para cada lição: “[...] *diálogos* sobre o assunto; *leitura* no quadro-negro de suas sentenças, ou de outras construídas com os elementos até então empregados e, finalmente, *leitura* no próprio livro.” (Viana, 1945, p. II, grifos do autor).

Para Francisco Vianna, porém, a utilização das três fases no ensino da leitura deve ser diferenciada nas seis primeiras lições e quando da passagem para a 7ª lição. Conforme indica o autor, as seis primeiras lições devem ser consideradas em conjunto quando da utilização das três fases. É importante mencionar que apenas após o término da 2ª. fase é que os alunos deveriam receber a cartilha, que estaria guardada; antes dessa fase, as atividades seriam feitas no quadro-negro.

As indicações desse autor são para que ao final do conjunto das seis primeiras lições, as três fases devam ser utilizadas em cada uma das lições: “[...] em vez de as aplicar [as três fases do ensino] a um novo grupo de seis lições, devermos aplicá-las a cada lição de per si.” (p. IV). As formas de utilização das três fases do ensino, porém, a partir da 7ª lição, segundo Francisco Vianna (1945), são diferentes.

As indicações de Francisco Vianna são de que à medida que as lições forem avançando e os diálogos do professor reduzirem, as crianças iriam observando que em cada lição há um aspecto novo, “[...] um novo som cuja representação lhe compete descobrir, sem que tenha sido preciso explicar-lhe isto explicitamente.” (Viana, 1945, p. V).

2.2 Primeiros passos na leitura

Conforme informação que localizei em “Advertência da 25^a. edição” (Viana, 1958, p. III), no exemplar que analisei da 44^a edição de *Primeiros passos na leitura*, as lições da 1^a edição desta cartilha, publicada em 1915, eram organizadas de modo que a as sentenças para decomposição precedem as sentenças da lição, aspecto alterado, segundo Francisco Vianna, na 25^a. edição da cartilha.

Publicado em 1915, êste livrinho teve por objetivo facilitar aos professores que adotavam os processos fônicos a transição destes para a sentencição. Foi êle, pois constituído com o mesmo texto da CARTILHA, apenas precedida cada lição da decomposição de uma das frases em vocábulos e destes em sílabas.

Ora, já estando hoje a sentencição largamente disseminada pelo Brasil, resolví, ao ter de publicar esta edição na grafia oficial, introduzir duas ligeiras modificações, que, a meu vêr, constituem vantagem real, já prevista na 1.^a edição: 1.^a passar para o fim de cada lição a parte da decomposição; 2.^a levar esta apenas aos vocábulos, aproveitados, claro é, quando possível, os monossílabos. (p. III).

Primeiros passos na leitura não se diferencia de *Cartilha: leituras infantis* no que se refere às lições; essas são as mesmas nas duas cartilhas. Na página seguinte à folha de rosto do exemplar de *Primeiros passos na leitura*⁹⁵, referente a descrições das duas cartilhas, há a seguinte descrição:

Cartilha (pela sentencição subordinada à introdução gradual das consoantes). [...]

Primeiros Passos (Cartilha que só difere da anterior por haver em cada lição uma parte nova que permite aplicar a silabação, si assim o julgarem necessário os professores ainda não convencidos das vantagens da sentencição). (Viana, 1958, p. II).

As duas cartilhas são, portanto, idênticas no que se refere ao conteúdo das lições, sendo alterados apenas alguns aspectos, a saber: em *Primeiros passos*

⁹⁵ Essa informação também está incluída nos dois exemplares de *Cartilha: leituras infantis* que localizei, até o momento.

na *leitura* é alterado o conteúdo das indicações aos professores, assinadas por Francisco Vianna; há uma «pré-lição», disposta na sequência das indicações aos professores, na qual são abordadas as vogais; em *Primeiros passos na leitura* são incluídos em cada lição exercícios para a utilização da decomposição, a partir da seleção de uma sentença a qual é decomposta em palavras e, na sequência, em monossílabos, a partir dos quais haverá formação de novas palavras; não há gravuras coloridas nessa cartilha, sendo que todas são em preto e branco; é alterada apenas uma gravura da cartilha, sendo que até mesmo as que eram coloridas em *Cartilha: leituras infantis* são mantidas em *Primeiros passos na leitura*, sendo que as cores foram alteradas para preto e branco.

O livro *Primeiros passos na leitura* está organizado em: advertência da 25ª. edição, indicações escritas pelo autor contendo orientações aos professores; 43 lições, distribuídas da página 1 a 67, seguidas de alfabeto, que apresenta as letras maiúsculas e minúsculas em letra de imprensa e manuscrita; e duplicata das lições da página 1 a 13 na qual são sugeridas sentenças e palavras para que o professor transcreva no quadro negro.

2.2.1 Lições e gravuras

Primeiros passos na leitura contém 43 lições⁹⁶ que têm regularidade em relação à estrutura: gravura; sentenças que compõem a lição; sentenças em letra manuscrita; sentença em destaque e a decomposição dessa em palavras e/ou sílabas; e palavras formadas a partir da união de sílabas.

Apesar de *Primeiros passos na leitura* ter 43 lições, duas a mais, se comparada à *Cartilha: leituras infantis*, nenhuma lição nova foi acrescentada, sendo que duas lições foram subdivididas em duas.

Nessa cartilha, há 45 gravuras, todas em preto e branco, como informei, sendo que em algumas lições há mais de uma gravura. Do total das gravuras, há 13 nas quais é possível identificar a assinatura do ilustrador T. Tarquínio e há quatro gravuras nas quais é possível identificar a assinatura do ilustrador Louis Maîtrejean.

Apesar de *Primeiros passos na leitura* e *Cartilha: leituras infantis* serem

⁹⁶ Assim como em *Cartilha: leituras infantis*, as lições de *Primeiros passos na leitura* não são numeradas pelo autor da cartilha, tendo eu as enumerado para os fins deste texto apenas para facilitar quando da indicação e menção das lições.

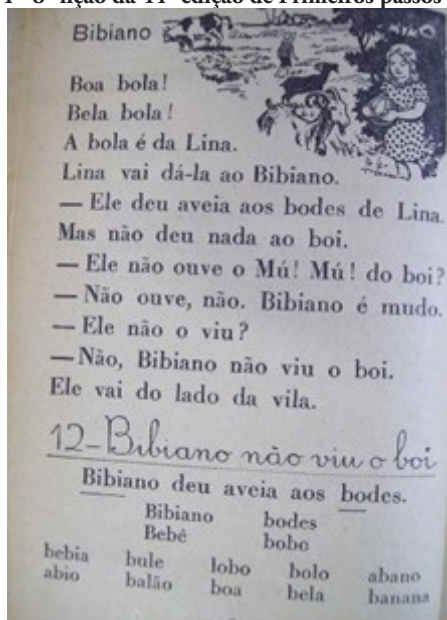
idênticas no que se refere ao conteúdo das lições optei por apresentá-la, mesmo que alguns dos aspectos sejam semelhantes em relação aos da outra cartilha. Optei por esse encaminhamento, para evitar o possível silenciamento de algum aspecto necessário para a compreensão do sentido dessa cartilha.

Antecedendo a primeira lição da cartilha, há uma “pré-lição”⁹⁷ na qual são apresentadas as vogais. Nessa “pré-lição” há duas gravuras que representam as três sentenças apresentadas, das quais são destacadas as palavras com vogais, a saber: “Eva”, “uva”, “Ivo”, “ave”, “ovo”. Abaixo, essas palavras são repetidas com as iniciais em letra minúscula e maiúscula e, abaixo, são apresentadas apenas as vogais, em letras de imprensa e manuscrita, minúsculas e maiúsculas. Ao final da página, são apresentadas gravuras representando as palavras destacadas, as quais são repetidas, com as iniciais em letra minúscula e maiúscula.

Nas lições de *Primeiros passos na leitura*, abaixo das sentenças manuscritas, é destacada uma sentença para cada lição, da qual são sublinhadas palavras e/ou sílabas. Abaixo da sentença, são repetidas as palavras que foram sublinhadas e as sílabas sublinhadas. Na sequência, abaixo das palavras e das sílabas, são apresentadas outras palavras formadas a partir da união das sílabas apresentadas. Considerando essa forma de encaminhamento das lições de *Primeiros passos na leitura*, apresento, abaixo, a título de exemplo, ilustração da 8ª. lição intitulada “Bibiano”, em que a consoante “b” é abordada:

⁹⁷ Optei por denominá-la “pré-lição”, apesar desta não ter sido esse o termo utilizado por Francisco Vianna, pelo motivo de ter sido contabilizada numericamente na sequência das indicações desse autor aos professores e não na sequência das lições, o que, a meu ver, indica não se tratar de lição, como as que a sucedem.

Figura 14 - 8ª lição da 44ª edição de Primeiros passos na leitura



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

A partir da figura acima é possível observar que da sentença – o todo a ser decomposto – são destacadas palavras e sílabas. As palavras destacadas são repetidas na sequência e decompostas em sílabas, que servem de ponto de partida para a formação de novas palavras.

No conjunto das 43 lições, em 12 delas, não há sentença destacada para decomposição, em 29 delas há uma sentença destacada para decomposição e há duas lições nas quais há duas sentenças para decomposição. A quantidade de palavras formadas a partir da união de sílabas, por lição, varia entre quatro e 19.

Além desse aspecto, há seis lições nas quais em decorrência da consoante abordada na lição, há além da decomposição das sentenças em palavras e dessas em sílabas e a formação de palavras, também a indicação de como se pronuncia as sílabas. Apresento, abaixo, ilustração da lição “A fita”, como exemplo de lição na qual há essa indicação.

Figura 15 - Lição «A fita» da 44ª edição de Primeiros passos na leitura



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

Ao final de *Primeiros passos na leitura*, assim como em *Cartilha*: leituras infantis, após as lições, há o alfabeto escrito em letras de forma e manuscrita, maiúsculas e minúsculas e, na sequência, uma “duplicata” na qual o autor apresenta palavras, sentenças e “palavras novas” que o professor deveria copiar

no quadro negro após as lições para auxiliar os alunos na leitura das sentenças.

Assim como em *Cartilha: leituras infantis*, em *Primeiros passos na leitura*, é possível observar que as sentenças destacadas em letra manuscrita ao final das sentenças das lições, têm função de sintetizar o conteúdo das lições. No conjunto das lições, a quantidade de sentenças manuscritas varia entre três e nenhuma.

2.2.2 Orientações aos professores

Em “Indicações sobre o ensino” (Viana, 1958) assinadas por Francisco Vianna e dispostas no início da cartilha, precedendo as lições, são apresentadas, brevemente, as opções adotadas pelo autor para a elaboração de *Primeiros passos na leitura* e os encaminhamentos a partir dos quais propõe a sua aplicação para que sejam alcançados os resultados esperados.

Destinadas aos professores, nessas indicações, Francisco Vianna (1958) apresenta seu objetivo ao elaborar o livro *Primeiros passos na leitura*:

Conquanto este livro possa facilmente, e até com vantagem, ser aplicado para a articulação, a silabação ou a palavração, foi êle organizado com o objetivo de preparar a disseminação do ensino da leitura pela *sentenciação*. Ora, nesta, partindo-se de sentenças facilmente compreensíveis e já conhecidas oralmente pelos alunos (as quais eles nas lições iniciais começam a decorar pelo simples aspecto), decompomo-las em palavras, pelas quais fazemos chegar, mediante a utilização dos monossílabos, ao conhecimento do valor dos fonemas. (p. III grifo do autor).

Francisco Vianna (1958) apresenta, também, explicações sobre a utilização do método para o ensino da leitura, apesar de informar que possivelmente, “[...] para a maioria dos professores seja dispensável qualquer explicação do método a adotar [...]” (p. III). Suas orientações, assim como contidas em *Cartilha: leituras infantis* se organizam em torno da observação das gravuras, acompanhadas do diálogo estabelecido entre professor e alunos, elaboração de sentenças, oralmente e depois por escrito, para, serem decompostas em partes menores.

Além dessas indicações, Francisco Vianna orienta, também, que as seis lições iniciais da cartilha, são estudadas em conjunto, a partir do

desenvolvimento das três fases do ensino: “[...] palestra, leitura e estudo no quadro-negro e leitura no livro [...]” (Viana, 1958, p. V) e que, nas lições que sucedem, as três fases são utilizadas a cada lição.

Para o ensino da escrita, Francisco Vianna propõe que o aluno deve copiar as sentenças da cartilha em um caderno, quando esse não tiver o *Caderno de escrita auxiliar da cartilha*, cuja publicação, de sua autoria, tem por objetivo ter local adequado para a cópia das lições. Para o caso de os alunos não disporem desse caderno, Francisco Vianna, orienta a utilização de “[...] caderno branco de pauta dupla [...]” (Viana, 1958, p. IV).

Francisco Vianna defende, por fim, a necessidade de o professor avançar com calma no ensino da leitura, de esse não se desanimar quando das dificuldades dos alunos e de saber que as inseguranças dos alunos serão, paulatinamente, eliminadas.

2.3 Considerações gerais sobre a aprendizagem da leitura

O folheto intitulado *Considerações gerais sobre a aprendizagem da leitura* [1912], de Francisco Vianna é veiculado como complemento às indicações aos professores contidas no prefácio de *Cartilhas: leituras infantis*. Neste folheto esse autor “tematiza” a proposta de aplicação do método analítico “concretizada” nesta cartilha e em *Primeiros passos na leitura*. Esse folheto, de distribuição gratuita, era adquirido junto com os editores da Série “Leituras Infantis” (Viana, 1958).

Em relação à data da 1ª. edição deste folheto, destaco que localizei duas informações distintas. No Catálogo da Livraria Francisco Alves, publicado em 1954 e disponível sob a forma digitalizada no site do Lihed – Núcleo de Pesquisa “Livro e história editorial no Brasil” está indicada a informação de que *Considerações gerais sobre a aprendizagem da leitura* teria sido publicada em 1916.

Na 3ª. edição deste folheto, todavia, a qual localizei, está informado, em nota de rodapé, que a 1ª edição do folheto foi publicada em março de 1912. Considerando, portanto, a divergência de informações relativas às datas em que a 1ª. edição deste folheto foi publicada, optei por apresentar a data entre colchetes, de acordo com as indicações do documento NBR-6023 (2002), da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Até o momento, não localizei informações sobre a trajetória editorial

de *Considerações geraes sobre a apprendizagem da leitura*, todavia, a partir da pesquisa documental que realizei, localizei, além das informações relativas à 1ª edição, um exemplar da 3ª edição do folheto, conforme mencionei, publicada em 1925, de que pude presumir se tratar da edição mais recente deste folheto.

Analisei esse exemplar da 3ª edição do folheto, publicado em 1925, único que localizei até o momento. Esse exemplar está encadernado com capa flexível, tem 16 páginas e mede 14,5x20,3 cm.

A 3ª edição de *Considerações geraes sobre a apprendizagem da leitura* está organizada em duas partes: na primeira, intitulada “Considerações geraes sobre a apprendizagem da leitura. Complemento das indicações ‘Aos Professores’ da Cartilha de Francisco Vianna”, estão contidos os fundamentos teóricos a partir dos quais esse autor elaborou a cartilha da Série “Leituras Infantis”; e, na segunda, intitulada “Aos Snrs. leitores que não possuam a ‘Cartilha’”, está “reproduzida” parte das indicações que constam no prefácio de *Cartilha: leituras infantis*, seguido das três primeiras lições da cartilha.

Destaco, porém, que “Aos Snrs. leitores que não possuam a ‘Cartilha’” foi inserido apenas na 3ª. edição do folheto, conforme explica Francisco Vianna, no parágrafo inicial desta parte.

O folheto publicado em 1912, tendo sido destinado ás pessôas que já possuíssem a CARTILHA, era constituído apenas pelas paginas que ficam atraz. Podendo, todavia, succeder que elle venha a cahir frequentemente em mãos de mestres que não possam ou que simplesmente para conhecer o processo por mim seguido, não queiram adquirir a CARTILHA, resolvi, nesta 3.ª Edição, reproduzir aqui, seguindo-as tres primeiras lições, as explicações que se acham nas paginas IV e V da ultima. (Vianna, 1925, p. 12).

Apesar de na 1ª edição do folheto não ser incluída essa parte, optei por apresentá-la considerando que o exemplar dessa edição analisado está organizado desse modo.

Além disso, em nota de rodapé no folheto, Francisco Vianna informa que o texto contido da página 1 até a 8 é transcrição de artigo por ele escrito na cidade francesa Vichy⁹⁸, no dia 27 de setembro de 1911, intitulado “Sobre

⁹⁸ Vichy está situada no centro da França, na região de Auvergne.

o Anuario de Ensino de 1909-1910”, cuja publicação também ocorreu no jornal *Estado de S. Paulo*, o que permite afirmar que parte do texto do folheto não é inédita⁹⁹. Apresento, abaixo, a capa da 3ª. edição deste folheto.

Figura 16 - Capa da 3ª. edição de Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

2.3.1 Orientação aos professores

Em *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura*, Francisco Vianna (1925) tem por objetivo “[...] estabelecer os fundamentos do que adotei na *Cartilha* de minha série para leitura corrente – *Leituras Infantis*.” (p. 1), apresentando, para isso, os fundamentos do método e da marcha que adotou para o ensino inicial da leitura.

As explicações de Francisco Vianna para a publicação do folheto são de que,

⁹⁹ Não localizei informações a respeito dessa publicação.

movido pela necessidade de orientar os professores sobre a aplicação de um método “pouco conhecido” e de uma “marcha ainda não adotada” (Vianna, 1925, p. 1) teria escrito o prefácio de *Cartilha: leituras infantis*, no qual apresenta alguns encaminhamentos que considerava adequados para a utilização da cartilha, mas que, nesse prefácio, não teria conseguido abordar — devido à extensão que isso ocuparia e, em decorrência, o alto custo para aqueles que a comprariam — os “[...] fundamentos, as razões que me levaram a adoção de tal marcha [...]” (Vianna, 1925, p. 1).

Considerando, portanto, a importância de esclarecer esses aspectos aos professores que buscavam compreender o método por ele adotado, Francisco Vianna (1925) informa: “Resolvi, portanto, publicá-las á parte [as indicações sobre o método], para serem enviadas gratuitamente aos professores que quizessem esclarecer-se melhor, aprofundando o assumpto afim de serem mais conscienciosos na applicação.” (p. 1).

Francisco Vianna justifica, então, que quando assumiu cargo de diretor de escola primária passou a se interessar pelo ensino inicial da leitura, de que decorreu certa tendência pelo método da sentença, considerando-o “[...] mais consentâneo com a constituição psychica da creança.” (Vianna, 1925, p. 1).

Francisco Vianna (1925) explica que

[...] por dispor de mais longa prática [e] [...] pelos esclarecimentos secundários, ainda que preciosos, fornecidos por alguns de meus mais illustrados collegas, se me firmou a convicção de que a sentença é o methodo de que a creança pode auferir mais seguros e mesmo mais rápidos resultados. (p. 1).

Ciente da adequação do método da sentença para o ensino da leitura, Francisco Vianna afirma ter aguardado a publicação de outras cartilhas, nas quais seus autores proporiam a aplicação desse método para o ensino da leitura; indica que, por esse motivo, não se preocupou em escrevê-la. Suas expectativas em relação à forma de processar a sentença, porém não foram alcançadas a partir das cartilhas as quais teve acesso. Esse autor explica que, mediante essa situação, considerou relevante organizar e publicar uma cartilha, na qual pudesse concretizar seus anseios em relação à forma de processar a sentença. Passou a estudar o método e encomendou cerca de 50 cartilhas nos Estados Unidos buscando compreender o método proposto por seus autores.

Levado por princípios de ordem geral [...], estabeleci o plano a que deveria obedecer minha futura Cartilha, cuja definitiva organização só logrei realmente obter á proporção que, sob minha direcção, iam avançando a illustração e composição typographica do livro, realizadas em fins de 1911, em Pariz. (Vianna, 1925, p. 1).

Nos planos de elaboração da cartilha, Francisco Vianna, informa ter considerado como essencial conhecer, em primeiro lugar, a “alma da creança” (Vianna, 1925), pois a partir disso, segundo esse autor, seria possível compreender as propostas de ensino adequadas às crianças. A partir dessa primeira aproximação, Francisco Vianna constata: “[...] o methodo da *sentenciação* (tambem chamado *analytico*) é superior aos anteriormente adoptados.” (p. 2, grifos do autor) e justifica que esse método caminha de modo favorável às leis que regem o funcionamento e constituição orgânica das crianças.

Francisco Vianna aponta a importância do sentimento e das funções que ele ocupa na formação da “alma humana”, de que decorre a educação e o impulsionamento das ações altruístas ou egoístas, sendo estas contidas “[...] a fim de que se possa dar a indispensavel subordinação do individuo á sociedade.” (Vianna, 1925, p. 6).

Do exposto resultam duas conseqüências da maior transcendência para o ensino: 1.^a, que nunca se deve perder o ponto de vista moral, isto é, de que somos sempre impulsionados pelo sentimento; 2.^a, que, sobretudo, para a creança (como aliás tambem para a mulher), é necessario deixar as theorías, os estudos, os trabalhos, etc., intimamente ligados á nossa vida moral, para que ella não perca o estimulo e o interesse. (p. 6).

A partir desses aspectos, é possível compreender que para Francisco Vianna a formação de sentimentos era fundamental, quando do ensino e da educação para a formação da “alma humana”. Sobre isso, esse autor ressalta:

Eis porque deve ser condemnada toda instrução que não fale ao sentimento, ao elemento fundamental da alma, principalmente da creança; todo livro que lhe pretender dar instruções puramente pratica ou scientifica. Trate-se de seus pendores, contem-se-lhe historias nas quaes sua própria vida palpita, mostrando-lhe, por exemplos adequados, a acção perturbadora e maléfica dos instinctos egoístas mal soffreados ou regulados

e, principalmente, sem se appellar para um calculo de conveniências pessoais, como infelizmente ainda se constata muito nos livros didacticos, especialmente entre os francezes, mas para a belleza de tudo quanto é grande, generoso, deinteressado, exalchem-se, pelos mesmos processos, os sentimentos sociaes, isto é, o apego, a veneração e a bondade; e, no comentario que todas as historias deste gênero, não muito mediocres, comportam, procure-se ir introduzindo em seu espírito as noções, as idéas, apropriadas para a educação especial da intelligencia e das quaes Ella necessitará mais tarde para sua vida pratica. (Vianna, 1925, p. 6).

Considerando, portanto, as funções intelectuais, Francisco Vianna (1925) destaca a importância da expressão, sendo essa “[...] apenas um instrumento e não um fim, e, como tal, deve estar continuamente subordinada àquella [concepção].” (p. 6). Francisco Vianna afirma, portanto, que:

[...] além desta função de ordem puramente intellectual, a expressão da qual resulta a linguagem, tem ainda importantissima e mesma inicial de tornar possível a manifestação de todos os nossos sentimentos. É esta exactamente a que mais interessa a creança cuja linguagem se exerce principalmente para exprimir as suas sensações, os seus desejos, os seus prazeres e as suas contrariedades. Há de ser, pois, nestes determinantes habituaes da linguagem infantil que se devem ir procurar os assumptos para o desenvolvimento da própria expressão. (p. 7).

Aliado a esse modo de compreensão da linguagem como expressão do pensamento, está a forma de conceber a linguagem escrita como representação da linguagem oral. A advertência de Francisco Vianna (1925) é, porém, para que não seja confundida a aprendizagem da leitura com a simples capacidade de corresponder a forma gráfica e a fônica, mas, sim, com a de “[...] bem traduzir os pensamentos e sentimentos proprios sob a fórma graphica e a do bem interpretar os de outrem quando apresentados sob esta mesma fórma.” (p. 7).

Para Francisco Vianna (1925), portanto, a leitura, mesmo que na fase inicial, não deve ser compreendida como enunciação dos sons escritos, sendo que “[...] só há verdadeiramente tal ensino quando estes sons vão corresponder em nosso cérebro a idéas, pensamentos e sentimentos bem nítidos. Tal é a função explicita da leitura.” (p. 8).

Para o aprendizado correto e adequado da leitura, considerando a forma com que compreende esse processo, Francisco Vianna (1925) afirma que a fase inicial desse processo deve ser acompanhada da cartilha e que nessa fase, não é preciso avançar com pressa no ensino, ou preocupar-se demais com a leitura correta ou enunciação fonética de todas as palavras e sentenças adequadamente. O professor precisaria se preocupar com as formas de garantir que as crianças compreendessem aquilo que estariam lendo. Para tanto, conforme Francisco Vianna justifica a sua proposta e a forma de compreender o ensino da leitura, é somente a partir de sentenças que esse ensino pode ocorrer, pois somente essas contêm pensamentos e sentimentos.

Para Francisco Vianna (1925), a sentencição é definida como:

[...] methodo que, partindo da leitura de sentenças ou phrases completas, sem decomposição das palavras em syllabas e letras, leva, no emtanto, o alumno ao conhecimento da correspondência entre a fórmula graphica e a oral. Nelle o que impressiona fundamentalmente o alumno é o pensamento expresso pela sentença, mas tanto os elementos com que se representam os pensamentos graphicamente vão sendo repetidos, que, ao fim de algum tempo, se estabelece no espírito do alumno o conhecimento de que a cada signal corresponde um som determinado. (p. 9).

Dessa definição, decorrem as vantagens desse método, que são:

[...] 1.^a, a de exigir maior e mais aproveitável actividade intellectual por parte da creança, o que determina, bem considerado o objectivo do ensino, uma economia de tempo; 2.^a, a de habituar-nos, desde tenra idade, a ver na linguagem, oral ou escripta, um meio, um instrumento para as manifestações de que pensamos e sentimos, evitando-nos assim uma das causas da pura verbiagem; 3.^a, a de despertar na creança vivíssimo interesse, pois desde logo vae verificando a importancia não para destinos puramente utilitários da vida de adulto, mas para as próprias tendências, os seus desejos, etc., do estudo da leitura, como da escripta; 4.^a, a de acostumar-as a exporem os seus pensamentos e sentimentos de fórmula integral e correcta; 5.^a, por fim, vantagem mais technica, a de não levar ao detestável habito de syllabar para ler, porque em tal methodo se exige que a leitura de cada sentença seja sempre feita de uma vez. (Vianna, 1925. p. 8-9).

Mediante esse modo de compreender a sentenciação e suas vantagens, o autor complementa:

Admittido que o methodo da sentenciação, por permittir desde logo a enunciação dos pensamentos e sentimentos de fórma integral, é o mais conveniente para o ensino da leitura, é muito claro que se deverão escolher assumptos ao alcance daquellas intelligencias ainda por demais rudimentares, assumptos, que, por sua natureza, não exijam além do esforço natural para a traducção phonica, nenhum outro para a compreensão. Elles têm, pois, de consistir, com relação ao fundo, no que as creanças sentem, desejam, brincam, pensam, em uma palavra, comprehendem e, com relação á fórma, no emprego de palavras e constucções, cuja significação já lhes seja conhecida ou facilmente assimilável. (Vianna, 1925, p. 9)

Francisco Vianna (1925) destaca a influência das investigações de professores norte-americanos, de suas formas de compreender a sílaba como “[...] a unidade phonica” (Vianna, 1925, p. 9) e da opção desses pelo método da sentenciação para o ensino da leitura. Esse autor argumenta que, de acordo com o seu ponto de vista, somente nas cartilhas norte-americanas e em *Cartilha: leituras infantis* que as sílabas no corpo das palavras que formam a sentença estão abordadas de modo adequado para a compreensão das crianças e indicando que:

[...] as poucas cartilhas pela sentenciação que conheço em portuguez pretenderam seguir as americanas, porém empregaram, para a constituição das sentenças iniciaes, palavras até de três syllabas, sem absolutamente se incommodarem com a natureza e a diversidade das consoantes. Foi aliás o que anteriormente já havia feito o traductor da cartilha de Miss Sarah Arnold, segundo se verifica do cotejo entre o original inglez e a versão ou adaptação portugueza. (Vianna, 1925, p. 10).

Conforme explica esse autor, quando da elaboração de sua cartilha, ele preocupou-se em processuar a sentenciação, decompondo as sentenças em palavras, das quais se chegava às sílabas, movimento necessário para a aprendizagem da leitura.

Pelo conhecimento da sentença elle descerá ao dos vocábulos e pelo destes ao das syllabas. Phonicamente considerados os vocábulos não passam

de associações de syllabas e estas, por seu turno, de puras vogaes ou de vogaes modificadas por uma ou mais consoantes. D'ahi resulta que não pode haver leitura sem que se conheçam pelo menos as syllabas. Mas, si é indispensável que este conhecimento se estabeleça, não o é que se faça a decomposição explicita dos vocábulos em syllabas e das syllabas em letras. A creança, por si só a fará, sem que para isto seja necessário dar-lhe o nome das letras. (Vianna, 1925, p. 9).

Para Francisco Vianna (1925), considerando que a ortografia da língua portuguesa é “[...] essencialmente fonética.” (p. 10) e que sua natureza permite que sejam introduzidas várias sílabas numa mesma lição, a opção desse autor foi pela combinação de consoantes, o que a seu ver permitiria, por meio da repetição de sons, a descoberta de que cada voz corresponde a um determinado sinal ou letra; assim, a cada nova lição, o aluno descobriria sentenças novas com palavras novas e sons novos.

Esses aspectos permitem afirmar que para Francisco Vianna, a utilização de muitos sons diferentes em uma mesma lição, dificulta a percepção da criança sobre a relação entre o fonema e o grafema, sendo esse aspecto criticado por ele em outras cartilhas que haviam sido publicadas anteriormente a dele e sendo enfatizadas as reclamações que ouviu dos professores que se utilizavam do método da sentencição. Conforme o autor, a partir da introdução gradual das consoantes, é possível simplificar o processo de aprendizagem da leitura e incentivar o aluno a querer continuar a aprender sozinho, pois isso “[...] satisfaz as tendências de nosso espírito de achar regras para todos os fenômenos” (Vianna, 1925, p. 11).

Francisco Vianna (1925) finaliza essa primeira parte do folheto apresentando, brevemente, em comparação com as cartilhas as quais teve contato, a proposta de sua cartilha.

Assim, muito mais cedo do que o permitem as cartilhas já existentes, o estudo da leitura por ella [*Cartilha: leituras infantis*], dará ao alumno um estado de verdadeira consciência (ainda que elle não seja capaz de enuncial-o explicitamente) que lhe permitirá descobrir onde está a diffculdade de cada lição e qual o meio que tem para vencel-a. (Vianna, 1925, p. 11).

Na sequência, inicia-se a segunda parte do folheto, intitulada “Aos snrs.

leitores que não possuam a cartilha”, na qual estão transcritas as indicações aos professores contidas no prefácio de *Cartilha: leituras infantis*.

Nessa parte do folheto são apresentadas as propostas metodológicas a partir das quais Francisco Vianna propõe para a utilização da cartilha de sua autoria com o objetivo de ensinar a leitura pela sentencição e as fases que considera necessárias de serem adotadas para o sucesso desse ensino.

As explicações de Francisco Vianna se referem à utilização das três fases para o ensino da leitura (observação da gravura, diálogo do professor com os alunos, elaboração de sentenças orais e leitura das sentenças na cartilha) nas seis primeiras lições da cartilha, considerando a utilização das três fases será feita compreendendo essas seis lições agrupadas em conjunto. A partir da 7ª lição, todavia, Francisco Vianna explica que as três fases devem ser seguidas para cada lição, isoladamente.

Para exemplificar a forma de processar a sentencição que adotou na cartilha que teve publicada, Francisco Vianna apresenta as três primeiras lições de *Cartilha: leituras infantis*. É importante mencionar que as gravuras das lições são diferentes das gravuras das edições que localizei, o que permite presumir que ao longo da trajetória editorial desta cartilha, conforme já mencionei anteriormente neste capítulo, as gravuras foram, presumivelmente, o único aspecto alterado entre as edições.

As páginas nas quais estão apresentadas as lições da cartilha têm gravuras em preto e branco e abaixo, ao final da página, consta a informação: “Na Cartilha a gravura desta pagina e as de varias outras são coloridas.” (Vianna, 1925, p. 12). Há então cópias das três primeiras lições, mas sem os respectivos títulos. Destaco, também, que as lições não têm títulos, assim como têm nas edições analisadas de *Cartilha: leituras infantis*, o que permite problematizar se nas 1ªs. edições da cartilha não estavam incluídos títulos nas lições e se esses aspectos foram alterados nas edições posteriores, dentre as quais as edições que localizei; ou se os títulos não foram incluídos nos exemplos de lição do folheto, apesar de constarem na cartilha.

2.4 Os livros de leitura: Leitura preparatória

Leitura preparatória foi escrito por Francisco Vianna, com a colaboração de Miguel Carneiro Júnior. Sobre a colaboração de Miguel Carneiro

Junior, como informei no Capítulo 1 deste livro, esses dois professores atuaram no mesmo período na Escola Modelo “Prudente de Moraes”, de que decorre a posterior elaboração em coautoria desse livro.

Miguel Carneiro Júnior diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo no ano de 1893, tendo atuado como diretor do Grupo Escolar “Dr. Moraes Barros”¹⁰⁰, do qual foi exonerado, no ano de 1901, e sido nomeado professor adjunto da Escola Modelo “Prudente de Moraes”, em São Paulo-capital.

No início do mês de abril de 1907, Miguel Carneiro Júnior criou o grupo escolar da cidade paulista de Caçapava, tendo o instalado ao final desse mês e o dirigido até junho desse ano. No ano de 1908, atuou como inspetor escolar, tendo elaborado em coautoria com Theodoro de Moraes e Carlos Alberto Gomes Cardim um parecer, intitulado “Livros didacticos” e publicado no *Anuario do Ensino do Estado de São Paulo*, no qual foram apresentados os resultados de avaliação de livros didáticos, cadernos e materiais de ensino com o objetivo de recomendarem, ou não, sua aprovação pela Diretoria Geral da Instrução Pública deste estado, para uso nas escolas públicas. No ano de 1911, também elaborou em coautoria com João Pinto e Silva¹⁰¹, Mariano de Oliveira e Theodoro de Moraes, o documento oficial *Como ensinar leitura e linguagem*, que foi expedido pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo.

Destaco, porém, que o nome de Miguel Carneiro Júnior está indicado apenas na folha de rosto dos exemplares localizados; sendo que na capa dos

¹⁰⁰ Conforme informações localizadas no *site* do CRE “Mário Covas”, esse grupo escolar foi criado “[...] por meio de decreto, no dia 5 de março de 1900, tendo sido nomeado ‘Segundo Grupo Escolar de Piracicaba’. No dia 15 de junho desse mesmo ano, esse grupo recebeu o nome ‘Moraes Barros’, como homenagem realizada a esse senador, um dos propagadores da instrução pública nessa cidade.” Informações disponíveis em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1900-Segundo_Grupo_Escolar_de_Piracicaba.pdf.

¹⁰¹ Segundo informações localizadas em *site* na Internet, João Francisco Pinto e Silva formou-se pela Escola Normal de São Paulo no ano de 1897, tendo sido professor do grupo escolar “Luís Leite”, na cidade paulista de Amparo e, também, diretor desse grupo entre 1895 e 1899. Esse professor também atuou como escritor de livros didáticos, dentre os quais alguns para o ensino primário: *Minha pátria* (2º. e 3º. annos), *Meus deveres* (2º., 3º. e 4º. annos), *Cartilha do lar*, *Cartilha escolar*, e outros para o ensino secundário *Novo manual de língua portugueza*. Informo que não localizei informações a respeito da data de publicação das 1ªs. edições desses livros. Informações localizadas em: <http://amparonews.spaceblog.com.br/r5682/Tunel-do-Tempo/>.

livros, é apresentado apenas o nome de Francisco Vianna. Além desse aspecto, o prefácio é assinado por Francisco Vianna e, em todos os exemplares dos livros da Série “Leituras Infantis” que localizei, quando da menção a *Leitura preparatória*, na relação dos títulos de livros publicados por esse autor, está informação de que esse livro foi escrito “[...] de colaboração com **Miguel Carneiro Júnior.**” (Vianna, 1928; 1937a).

O exemplar que analisei de *Leitura preparatória* é da 69ª. edição, publicado em 1937, está organizado em: prefácio, intitulado «Aos Snrs. Professores»; 60 lições, distribuídas da página 3 a 125; “Observação final” e índice

2.4.1 Diferentes edições

Localizei dois exemplares de *Leitura preparatória*: 69ª. edição, publicada em 1937 — o mais antigo — e o da 97ª. edição, de 1960. Apresento, abaixo, ilustração da capa da 97ª. edição de *Leitura preparatória*.

Figura 17 - Capa da 97ª edição de *Leitura preparatória*



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

Nos dois exemplares que localizei, constatei modificações no exemplar da 97ª. edição em relação à 69ª, as quais apresento na sequência:

- alteração do título do livro;

Na 69ª. edição, o título do livro de leituras é *Leitura preparatória* e na

97ª. edição deste livro, o título está alterado para *História para pequeninos: leitura preparatória* da série “Leituras Infantis”¹⁰². Destaco, porém, que não localizei até o momento, informações sobre a data de publicação e a edição na qual esse aspecto foi alterado. As informações que localizei, as quais podem auxiliar na aproximação da data em que o título foi alterado, estão na relação dos livros publicados por Francisco Vianna nos exemplares da 42ª. e 44ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, publicados, respectivamente, em 1937 e 1941; quando são indicados os títulos dos livros publicados por Francisco Vianna, no exemplar mais antigo, de 1937, o título do livro está apresentado *Leitura preparatória* e, no exemplar mais recente, de 1941, o livro está apresentado como *História para pequeninos*.

Esse aspecto permite afirmar que a partir da década de 1940, 32 anos após a publicação da 1ª. edição deste livro, o título do livro de leituras foi alterado, tornando-se mais descritiva, em seu título, sua destinação e sua vinculação à Série “Leituras Infantis”.

- alteração da quantidade total de lições no livro, à alteração de títulos de 12 lições, à supressão de oito lições e à inclusão de seis lições;

Sobre a alteração da quantidade de lições no livro de leituras, apresento, no Quadro 4, os títulos das lições alterados, os títulos das lições suprimidas e os títulos das lições incluídas.

Quadro 4 - Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 97ª. edição de Leitura Preparatória, comparativamente à 69ª. edição

Títulos das lições alterados		Títulos das lições suprimidas	Títulos das lições incluídas
69ª. edição	97ª. edição	“Só pode apañhar o caldo”	“Um recado a navegar”
“O cocheiro”	“Upa! Upa! Cavalinhos!”	“Que dois!”	“Agora é tarde, Sr. Moreira”
“A criada”	“A criada ingênuu”	“O chapéu”	“A vendedeira de frutas”
“Não foi esta”	“Não foi essa”	“Cássio”	“O ninho do Pintassilgo”

¹⁰² Apesar da modificação no título desse livro de leituras, sempre que mencioná-lo, neste livro, indicarei *Leitura preparatória*.

“A gravata”	“Era uma vez uma gravata”	“O jardinzinho de Gustavo”	“Minha casa”
“No telefone”	“O Mauro no telefone”	“O níquel”	“Resultado de uma esperteza”
“O colchão”	“Nem sempre é bom ser carregado”	“O louco”	—
“O Totó”	“O Lulú na escola”	“A amiguinha dos bichos”	—
“A amabilidade”	“Amabilidade salgada”	—	—
“O doce”	“O sovina roubado”	—	—
“A meia”	“A meia desleixada”	—	—
“Modificações da semana”	“A semana de um vadio”	—	—
“A tartaruga”	“A tartaruga e o equilibrista”	—	—

Fonte: *Leitura preparatória* (Viana; Carneiro Júnior, 1937a; 1960)

A partir das informações contidas no Quadro 4, é possível observar que duas lições suprimidas na 97^a. edição em comparação com a 69^a; nesta há 60 lições, enquanto naquela há 58. Ainda sobre esse aspecto, observa-se, também, a alteração de 12 títulos de lições, a supressão de oito lições e a inclusão de seis lições.

Apesar de o conteúdo das lições incluídas na 97^a. edição não destoar do conteúdo das lições da 69^a. edição, sendo abordados temas relativos ao comportamento adequado das crianças e, sendo incluídos, também os adultos e as relações de ambos com seus pares e com os animais, destaco que a inclusão de novas lições buscava adequar os aspectos relativos a brincadeiras e a apelos normativos de cunho moralístico ao momento no qual as novas edições foram publicadas.

- supressão de letras manuscritas nas cinco lições que eram assim organizadas;

Sobre as alterações nas letras manuscritas, é possível observar que há

cinco lições na 69^a. edição de *Leitura preparatória*, nas quais as letras das lições são manuscritas; na 97^a. edição desse livro, porém não há lição com letra manuscrita, sendo todas em letras de imprensa. De que é possível problematizar se no momento de publicação da 97^a. edição desse livro, já não era tão enfatizada a necessidade de ensinar letra manuscrita ou de incentivar a utilização da letra manuscrita na escola.

- diferença de 25 gravuras no total das lições da 69^a. edição em relação à 97^a. e à alteração na disposição das gravuras nas páginas das lições;

Na 69^a. edição desse livro de leituras há 143 gravuras no total das 60 lições; na 97^a. edição, porém, há 118 gravuras no total das 58 lições, o que significa uma diferença de 25 gravuras no total, comparando as duas edições.

- alteração da disposição do prefácio intitulado “Aos Snrs. Professores” do início do livro, antecedendo as lições, para o final do livro, sucedendo-as;

Sobre a alteração do prefácio, destaco que o conteúdo permanece o mesmo, sendo alterada apenas sua disposição no livro. Na 69^a. edição, está localizado no início do livro de leituras, antecedendo as lições; e na 97^a. edição, está localizado ao final do livro, sucedendo às lições.

- indicação de *Copyright* na folha de rosto em nome de Francisco Vianna e à supressão da indicação “Em ortografia oficial”; e

Na 97^a. edição desse livro de leituras foi suprimida a indicação de que o livro estava escrito na ortografia oficial; além disso, nessa edição foi acrescentada a informação de *Copyright* em nome de Francisco Vianna, seguido de relação contendo 14 títulos de livros escritos por esse autor.

2.4.2 Lições e gravuras

Leitura preparatória tem 60 lições que têm regularidade em relação à estrutura: gravuras, histórias e duas estrofes de poemas com função de sintetizar moralmente o conteúdo da lição. Todas as lições ocupam duas páginas do livro de leituras.

Há, no livro de leituras, 143 gravuras, todas em preto e branco. As gravuras se destacam nas páginas das lições, sendo variada a forma e o tamanho com que estão dispostas nas lições. Há indicação autoria das ilustrações em

dez gravuras nos exemplares da 69^{a.} e 97^{a.} edição de *Leitura preparatória*, contudo não é possível identificar o nome grafado.

As gravuras e as histórias das lições têm relação entre si e os aspectos abordados nas histórias são representados nas gravuras. Além desse aspecto, as gravuras de *Leitura preparatória*, acompanham sequencialmente o enredo das histórias das lições, sendo nessas representadas situações narradas nas lições, crianças, animais, adultos, plantas e objetos. A esse respeito, no tópico “Observação final” de *Leitura preparatória*, os autores do livro informam: “Todos os desenhos foram feitos especialmente para este livrinho.” (Viana; Carneiro Júnior, 1937a, p. 126).

Das 60 lições do livro, em 55, o conteúdo é apresentado sob a forma de narrativa e, em cinco, o conteúdo é apresentado sob a forma de poema.

Não estão indicadas nas histórias das lições se elas foram escritas em co-autoria de Francisco Vianna e Miguel Carneiro Júnior, se são apenas de um ou de outro autor. A única informação disponível a respeito do ineditismo das histórias da lição está localizada no tópico “Observação final”, das 60 lições, 44 são “[...] completamente originais e 16 que o não são de todo.” (Viana; Carneiro Júnior, 1937a, p. 126).

Sobre esse aspecto, nesse tópico do livro, Francisco Vianna e Miguel Carneiro Júnior (1937a) explicam que:

A falta de originalidade nos livros didáticos para crianças não constitue defeito, atendendo-se a que, na maioria dos casos, tudo é para elas original. Nesse sentido, todas as lições deste livrinho o são, pois nenhum dos assuntos é encontrado em livros congêneres.

Mas é verdade que isso não póde desmerecer a obra, outrotanto não sucede para com os autores, quando o não declaram. [...]

Assim é que as histórias — *Os amiguinhos de Julita*, *As duas vacas*, *A criada*, *Contas bem feitas*, *Só pode apanhar o caldo*, *Depois do presente*, *O lambe-sêlos*, *As botinas*, *Não vale a pena comer*, *O tostão perdido* e *A boneca quebrada* — são baseadas em assuntos conhecidos.

As lições — *O Negrinho e o Vigilante*, *A gravata*, *Um elevador interessante*, *Que dois* e *Um banho*, são baseadas em histórias mudas. (p. 126).

Além desse aspecto, destaco a forma com que as lições são organizadas. As histórias são conduzidas por um narrador em terceira pessoa que conta as

histórias de diversos personagens, na grande maioria crianças, mas há também o caso de três lições cujos personagens das histórias são animais. A título de exemplo, apresento abaixo, ilustração de uma lição deste livro intitulado “O papagaio logrado”.

Figura 18 - Lição «O papagaio logrado» da 69ª edição de Leitura preparatória



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

Constata-se, portanto, que é marcante o tom moralizante nesses poemas que sintetizam as histórias das lições, de que decorre o questionamento a respeito da opção por esse tipo de texto para concretizar essas sínteses, considerando que por esses textos serem rimados, tendem a apresentarem maior facilidade quando da leitura e da memorização dos ensinamentos morais abordados nas histórias das lições.

2.4.3 Orientações aos professores

No prefácio, disposto em duas páginas, intitulado “Aos Snrs. Professores” e assinado por Francisco Vianna são apresentados alguns dos fundamentos a partir dos quais elaborou a sua proposta para o ensino da “leitura corrente” (Vianna; Carneiro Júnior, 1937a), em continuidade ao que propôs para o ensino inicial da leitura na cartilha da Série “Leituras Infantis”.

Nesse prefácio, Francisco Vianna (1937 apud Viana; Carneiro Júnior,

1937a) define que, a seu ver, “Ensinar a ler é, sobretudo, ensinar a *compreender*.” (p. 3, grifo do autor), mas que no período em que a criança está aprendendo a ler utilizando a cartilha, é mais comum a presença da leitura dos sinais gráficos e fônicos representados e que esse aspecto preponderante é eliminado à medida que a criança passa a ler a idéia contida no texto, caracterizando, assim, a “leitura corrente” (Viana, 1937).

Entre a leitura realizada na cartilha e a leitura realizada no livro de leituras, porém há um período de transição. Considerando esse período de transição, portanto, Francisco Vianna explica aos professores que, além de utilizar o livro de leituras, é preciso considerar o encaminhamento do ensino da leitura a partir de cinco etapas: “explicação prévia do professor”; “leitura prévia pelo professor”; “leitura pelos alunos”; “exposição socrática”; “reprodução da história pelos alunos” (Viana, 1937, apud Viana; Carneiro Júnior, 1937a).

Francisco Vianna (1937) finaliza o prefácio afirmando que “[...] nenhuma lição deve passar sem o respectivo comentário moral, a menos que o não comporte.” (Viana, 1937, apud Viana; Carneiro Júnior, 1937a, p. 5).

Ao final de *Leitura preparatória*, após as lições, é apresentado um tópico intitulado “Observação final”, no qual Francisco Vianna e Miguel Carneiro Júnior apresentam informações relativas à originalidade das lições de *Leitura preparatória*, indicando, para tanto, a quantidade de histórias que o são e que não o são completamente. Esses autores apresentam ainda, a informação de que todas as gravuras que compõem o livro foram elaboradas especialmente para ele.

Por fim, os autores apresentam a seguinte informação: “A partir da 61ª edição, sai este livrinho sensivelmente melhorado no texto, com algumas historietas substituídas ou modificadas e com gravuras ou inteiramente novas ou mais nítidas do que as anteriores.” (Viana; Carneiro Júnior, 1937z, p. 126). Observa-se, portanto, que houve alterações nas edições desse livro de leituras, as quais ocorreram quando da publicação da 61ª edição, conforme informam os autores e nas edições posteriores a 70ª, conforme mencionei, quando apresentei as diferentes edições do livro que localizei, até o momento.

2.5 Primeiro livro de leituras infantis

Primeiro livro de leituras infantis, escrito por Francisco Vianna, destinava-se ao ensino da “leitura corrente” (Vianna, 1909a; Viana, 1958) a crianças

nos anos iniciais de escolarização, sendo a sua utilização feita após o término de *Leitura preparatória*.

Dedicado “À memória de seus paes” (Vianna, 1909a), o exemplar analisado da 2ª edição, de 1909, de *Primeiro livro de leituras infantis* está organizado em: prefácio; 61 lições, distribuídas da página 7 a 170 e índice.

Esse exemplar foi restaurado e tanto a capa, quanto a quarta capa do livro não foram mantidas, quando da restauração; por esse motivo, não é possível saber quais são as gravuras que as compõem ou de que forma estão organizados os aspectos relativos à informação de autoria, título do livro, da série, data de publicação e nome da editora, ou extrato do catálogo da editora.

2.5.1 Diferentes edições

Localizei dois exemplares de *Primeiro livro de leituras infantis*: da 2ª edição, publicada em 1909 — o mais antigo até o momento; e da 62ª edição, publicada em 1968.

Nesses dois exemplares, constatei modificações no exemplar da 62ª edição em relação à 2ª, as quais indico na sequência:

- alteração da quantidade total de lições no livro, à alteração de títulos de 25 lições, à supressão de 22 lições e à inclusão de 12 lições; e

Apresento, no Quadro 5, os títulos das lições alterados, os títulos das lições suprimidas e os títulos das lições incluídas.

Quadro 5 - Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 62ª edição de *Primeiro livro de leituras infantis*, comparativamente à 2ª edição

Títulos das lições alterados		Títulos das lições suprimidas	Títulos das lições incluídas
2ª. edição	62ª. edição	“A talha”	“Remédio para não crescer”
“As bôlhas de sabão”	“Bolhas de sabão”	“Por causa da bola”	“Dois pianistas”
“O incontentável”	“O incontentável”	“O aniversário de Lúcia I”	“Bigode traidor”
“Como cae um gato ... e um menino”	“Como caem os gatos e os meninos”	“O aniversário de Lúcia II”	“O aniversário de Mauro”
“O graphophone I”	“Cante, senhor rádio!”	“O aniversário de Lúcia III”	“Sem médico”

“O graphphone II”	“Faça o favor de cantar”	“Ao deitar-se”	“Um discurso bisado”
“A corrida I”	“Três amigos treinando”	“O claque”	“Canetas de ouro e de madeira”
“A corrida II”	“Três amigos correndo”	“Os cartôezinhos I”	“Na bicicleta”
“A corrida III”	“Três amigos premiados”	“Os cartôezinhos II”	“Foi ficando pequeno”
“A engommadeira”	“A pequena engommadeira”	“A velhinha”	“Carolina aprende a ler I”
“Curiosidade”	“Pixe e curiosidade”	“O doce de banana I”	“Carolina aprende a ler II”
“O lanche I”	“Comilona... que não comia I”	“O doce de banana II”	“Eu queria ser um pato”
“O lanche II”	“Comilona... que não comia II”	“O doce de banana III”	—
“A boneca”	“Dentista para bonecas”	“A carta de Raymundo”	—
“A viagem I”	“Um dorminhoco vai viajar”	“Resposta a Raymundo”	—
“A viagem II”	“Um dorminhoco ia viajar”	“O sabia”	—
“Eu queria ter cinco e cinco”	“Eu queria ter cem e cem”	“Uma tróca I”	—
“O surdo”	“Mais prudência e menos campanha”	“Uma tróca II”	—
“Galopim”	“Um doutor em apuros”	“O annuncio I”	—
“No balanço”	“O Marcelo é todo amável”	“O annuncio II”	—
“O Valente”	“Valente”	“Que pó de arroz!”	—
“O paravento”	“Que pai bravo!”	“Tolice?”	—
“O cesto de fructas”	“Provador de frutas”	—	—
“As balas”	“Repartindo balas”	—	—
“Medroso? I”	“Medroso! I”	—	—
“Medroso II”	“Medroso! II”	—	—

Fonte: *Primeiro livro de leituras infantis* (Vianna, 1909a; 1958b)

A partir das informações contidas no Quadro 5, é possível observar que dez lições foram suprimidas na 62ª edição, se comparada com a 2ª; nesta há

61 lições e naquela há 51. Ainda sobre esse aspecto, observa-se também a alteração de 25 títulos de lições, a supressão de 22 lições e a inclusão de 12 lições.

Apesar de o conteúdo das lições incluídas na 62ª edição não destoar do conteúdo das lições da 2ª edição, é possível problematizar se são alterados os aspectos relativos ao comportamento adequado das crianças: a moral que a criança de 1909 deveria aprender tratava-se da mesma moral que a criança de 1958 deveria aprender?

- diferença de 31 gravuras na quantidade total de gravuras no livro e à alteração na disposição e tamanho das gravuras nas páginas das lições;

Na 2ª edição desse livro há 79 gravuras no total das 61 lições; na 62ª edição, há 48 gravuras no total das 51 lições, o que significa uma diferença de 31 gravuras no total, comparando as duas edições.

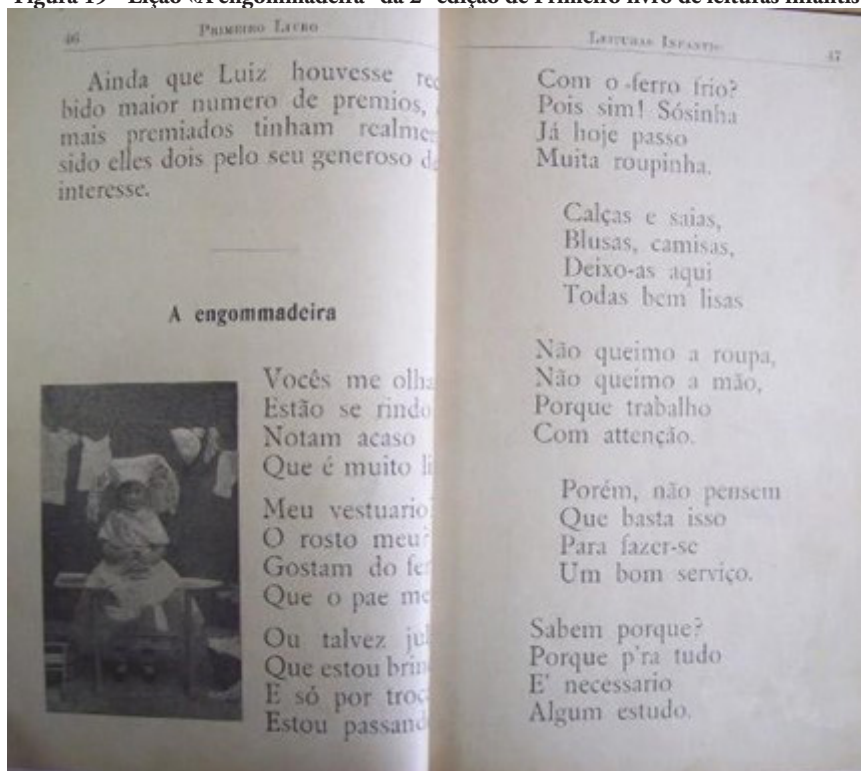
2.5.2 Lições e gravuras

Primeiro livro de leituras infantis contém 61 lições que têm regularidade em relação à estrutura: gravuras e histórias. De modo geral, grande parte das lições ocupa duas páginas do livro de leituras.

Há no livro de leituras, 79 gravuras, todas em preto e branco, dentre as quais 23 são “fotografias”. As gravuras se destacam nas páginas das lições, sendo variada a forma com que elas estão dispostas nas lições. No conjunto das gravuras, não é possível identificar a assinatura do ilustrador ou a autoria das fotografias.

As gravuras que são “fotografias” têm relação com as histórias das lições, sendo os aspectos abordados nas histórias representados nessas fotografias: crianças brincando com outras crianças ou com animais e/ou em outras situações diversas narradas nas histórias. As gravuras que não são fotografias, entretanto, não têm relação com as histórias das lições do livro e, nessas, são representados pássaros, flores, pequenos anjos e paisagens retratando o mar, um campo e um farol. A título de exemplo, apresento abaixo, ilustração da lição “A engommadeira”, cuja gravura é uma fotografia.

Figura 19 - Lição «A engommadeira» da 2ª edição de Primeiro livro de leituras infantis



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

Além desses aspectos, é possível observar que há 16 lições, nas quais o enredo de uma lição é retomado em outra(s) lição(ões), que a sucedem, como ocorre, por exemplo, com a 2ª lição, intitulada “As bolhas de sabão I”, que tem continuidade na 3ª lição, intitulada “As bolhas de sabão II”; ou, para o caso de três lições sequenciais nas quais é mantido o mesmo enredo, como 13ª lição, intitulada “A corrida I”, que tem continuidade na 14ª lição, intitulada “A corrida II” e na 15ª. lição, intitulada “A corrida III”.

2.5.3 Orientação aos professores

No prefácio de *Primeiro livro de leituras infantis*, que está disposto em duas páginas e é assinado por Francisco Vianna, são apresentados alguns dos fundamentos a partir dos quais ele elaborou a sua proposta para o ensino da

“leitura corrente” (Vianna, 1909a).

Nesse prefácio, Francisco Vianna (1909a) define que, quando da elaboração de sua série de livros de leitura corrente, distanciou-se “[...] de toda a preocupação commum de aproveitá-las para ir ministrando ás creanças algumas das noções habitualmente chamadas scientificas e praticas.” (p. V). Esse autor enfatiza as suas opções ao elaborar o livro de leituras, pois, conforme sua análise, os livros de leituras nos quais a preocupação maior de seus autores é ensinar essas noções

[...] falham duplamente ao seu destino: 1.º porque as creanças aproveitam muito pouco das noções que elles contêm, a ponto de ser-lhes, em geral, mais proveitosa a menos perfeita explicação do mestre que a mais lucida exposição do livro de leitura; 2.º, e principalmente, porque as creanças, quer por não acharem attractivo algum em taes assumptos, quer por não poderem apreendel-os immediatamente, fazem uma leitura fria, sem a menor attenção e compreensão, d’onde uma falta total de expressão. (p. V).

Mediante essa argumentação, Francisco Vianna (1909a) conclui que “Taes livros, pouco applicaveis mesmo a outras aulas, devem, segundo meu modo de ver, ser banidos das aulas de leitura corrente, sobretudo nos três primeiros annos.” (p. V). Esse autor ressalta, porém, que apesar de suas constatações sobre os livros de leituras, a sua proposta não poderia deixar de se centrar nas histórias e nos contos (Vianna, 1909a), pois, conforme justifica, esses tipos de textos permitem atingir as crianças justamente por lidarem no âmbito das manifestações dos sentimentos e da imaginação. Nas explicações de Francisco Vianna (1909a):

Assim foi e, na verdade, são estes assumptos, que, em geral, por mais accessiveis á rudimentar intelligencia daquelles a que se destinam e, mormente, por se acharem mais de acordo com as propensões infantis, melhor se prestam ao ensino da leitura corrente, porque exprimimos bem aquillo que conhecemos e sentimos bem. A creança realmente faz seu mundo consistir em puras manifestações do sentimento. Levadas por uma imaginação ainda não soffreada por falta de observações e theorias, que a subordinem ao mundo exterior, manifestam desde a mais tenra idade, uma enorme predilecção pelas historias, pelos contos, por mais absurdos e phantasticos que sejam. (p. V).

Apesar de compreender a importância de articular a leitura, principalmente na fase inicial de aprendizagem, ao gosto das crianças, Francisco Vianna (1909a) destaca que “[...] ao escrevermos taes livros, não podemos e nem devemos subordinar-os exclusivamente ao gosto das creanças.” (p. V) e complementa justificando a sua proposta de ensino da leitura:

Toda a leitura, qualquer que seja, exerce uma certa reacção sobre quem a faz, pois como demonstrou A. Comte, nada ha de indifferente ao sentimento. Assim, sendo, convem aproveitar em taes lições de assumptos que concorram para a formação de seus sentimentos e de seu character, em summa, de seu moral.

Isto só se pode obter desenvolvendo o altruísmo e comprimindo o egosímo.

Esta orientação é seguida por varios livros de leitura. A forma, porém, que elles apresentam, resultante de uma preocupação excessiva de dar preceitos moraes, torna com frequencia taes obras contraproducentes.

A creança deve, tanto quanto possível, adquirir a moral pelo exemplo, pela pratica, sobretudo no lar, e nunca formulada em preceitos, cuja abstracção e laconismo repugnam e geral ao espírito infantil. (p. VI).

Mediante essa exposição sobre o que considera adequado para o ensino da “leitura corrente”, para o qual é necessária a presença e atuação do professor, Francisco Vianna (1909a) conclui:

Foi, portanto, subordinando-me a este modo de pensar, tentando dar a moral por factos e não por preceitos, em historias nas quaes procurei ser bem parco de conselhos formulados explicitamente, comquanto o mais abundante possivel de ensinamentos implicitos, que escrevi estes despreziosos livrinhos. (p. VI).

Constatei, portanto, que no prefácio de *Primeiro livro de leituras infantis*, Francisco Vianna argumenta em favor de uma proposta para o ensino da “leitura corrente” (Vianna, 1909a) pautada na formação do sentimento da criança e orientada por histórias nas quais ações e manifestações de exemplos de boas condutas propiciariam o aprendizado do aspecto abordado na história.

2.6 Segundo livro de leituras infantis

Segundo livro de leituras infantis, escrito por Francisco Vianna, destinava-se ao ensino da “leitura corrente” (Vianna, 1909b; 1926; Viana, 1941) a crianças nos anos iniciais de escolarização, sendo a sua utilização feita após o término de *Primeiro livro de leituras infantis*.

O exemplar que analisei, da 2^a. edição publicado em 1909, está organizado em: prefácio, escrito por Francisco Vianna; 60 lições, distribuídas da página 7 a 200; e índice; e informações sobre a Série “Leituras Infantis”.

2.6.1 Diferentes edições

Localizei quatro exemplares de *Segundo livro de leituras infantis*: da 2^a. edição publicada em 1909 — o mais antigo até o momento; da 50^a. edição, publicada em 1926; um exemplar sem data e sem edição; e da 60^a. edição, de 1941.

Observei que os exemplares da 50^a. edição e o sem edição são semelhantes em todos os aspectos; a única diferença entre os dois exemplares é que a gravura da capa da 50^a. edição é colorida e a da capa sem edição é em preto e branco. Os outros aspectos relativos às lições no livro, gravuras, prefácio e disposições desses no livro não são alterados. Devido a essa constatação, as informações que apresentar relativas à 50^a. edição são as mesmas para o exemplar sem edição. Destaco também que nesse livro sem data não há “Índice”, presumo que esse tenha sido “arrancado” por algum usuário do livro ou que esse tenha se desprendido, considerando seu estado de conservação bastante precário.

A análise que realizei, portanto, considerando a semelhança entre os exemplares da 50^a. edição e o sem edição, a partir da qual pude constatar modificações, é relativa às 50^a. e 60^a. edições em relação à 2^a. Apresento, abaixo, ilustração da capa da 2^a. edição de *Segundo livro de leituras infantis*.

Figura 20 - Capa da 2ª. edição de Segundo livro de leituras infantis



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb)

Nos exemplares que localizei desse livro, constatei modificações que apresento na sequência:

- alteração das dimensões das edições.

A 2ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis* mede 18,5x12,6 cm, a 50ª edição e o exemplar sem edição medem 18,7x12,5 cm e a 60ª edição mede 18,8x12,6 cm;

- modificação na folha de rosto;

A folha de rosto da 50ª edição difere da 2ª edição apenas em dois aspectos: quando da indicação dos cargos que Francisco Vianna ocupa ou ocupou; e na informação a respeito dos estados brasileiros nos quais esse livro foi aprovado e mandado adotar.

- alteração da quantidade total de lições no livro, à alteração de títulos de lições, à supressão de lições e à inclusão de lições;

No Quadro 6, apresento os títulos das lições alterados, os títulos das lições suprimidas e os títulos das lições incluídas nas três edições.

Quadro 6 - Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 2ª, 50ª e 60ª edição de Segundo livro de leituras infantis

Títulos das lições alterados			Títulos das lições suprimidas da 2ª. edição em relação à 50ª.	Títulos das lições suprimidas da 50ª. edição em relação à 60ª.	Títulos das lições incluídas na 60ª. edição
2ª. edição	50ª. edição	60ª. edição			
2ª. edição	50ª. edição	60ª. edição	“Elles não falaram”	“O carro em disparada”	“A conta do padeiro”
—	“O brinquedo das tabuinhas”	“O brinquedo das taboinhas”	“Aventuras de um roceiro I”	“O lampeão”	“Os livros ilustrados”
—	“O bule do comandante”	“O bule do capitão”	“Aventuras de um roceiro II”	“Um discurso bisado”	“O aniversário de Lúcia I”
“O elephante amavel”	“Elephante amavel”	“Elefante amável”	“O pastel mágico”	“O sapo”	“O aniversário de Lúcia II”
“Os pasteis de Santa Clara”	“Os pastéis de Santa Clara”	—	“Às notas falsas”	“Na mina”	“O aniversário de Lúcia III”
“A caixa dos ovos”	“A caixa de óvos”	“A caixa de ovos”	“Os ladrões e a machina photographica”	“Que lôgro!”	“No lago”
“Um heróe”	“O heróe”	“O herói”	—	“Projectos”	“Os trapos e papéis velhos”
“Um pequeno <i>Note-Bem</i> ”	“Um pequeno ‘Note-Bem’”	“Um pequeno ‘note bem’”	—	“Comprou o que já era seu”	“A velhinha”
“O cartão postal”	“Cartão postal”	—	—	“Cartão postal”	“Os cartõezi-nhos I”
—	“O relógio”	“O relógio”	—	“O ‘Nosso Vósinho I”	“Os cartõezi-nhos II”
—	“Um caçador no matto”	“Um caçador no matto”	—	“O ‘Nosso Vósinho II”	“O prestidigitador”
—	—	—	—	“Patriotadas I”	“Um prestidigitador desastrado”
—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	“Patriotadas II”	“A carta de Raymundo”

—	—	—	—	“As botinas velhas”	“Aprovação com louvor”
—	—	—	—	“Sempre se póde fazer o bem”	—
—	—	—	—	“O velho mestre”	—
—	—	—	—	“A tinta mágica I”	—
—	—	—	—	“A tinta mágica II”	—
—	—	—	—	“Hymno á Pátria”	—
—	—	—	—	“O pelintra I”	—
—	—	—	—	“O pelintra I”	—

Fonte: *Segundo livro de leituras infantis* (Vianna, 1909b; 1926; 1941).

A partir das informações contidas no Quadro 6, é possível observar que comparando a 50ª edição com a 2ª, observa-se a alteração de seis títulos de lições e a supressão de sete lições. Comparando a 50ª edição com a 60ª, observa-se a alteração de oito títulos de lições, a supressão de 18 lições e a inclusão de 11 lições.

Destaco que, algumas das lições que foram suprimidas da 60ª edição de *Segundo livro de leituras infantis* foram incluídas na 62ª edição de *Primeiro livro de leituras infantis* e outras lições que foram que foram incluídas na 60ª edição de *Segundo livro de leituras infantis* foram suprimidas de *Primeiro livro de leituras infantis*.

- diferença na quantidade de gravuras no total das lições e à alteração na disposição e tamanho das gravuras nas páginas das lições;

Na 2ª edição desse livro de leituras há 47 gravuras no total das 60 lições; na 50ª edição há 49 gravuras no total das 53 lições; e na 60ª edição desse livro, há 41 gravuras, no total das 43 lições, o que significa, respectivamente, uma diferença de duas e oito gravuras entre as três edições. Sobre esse aspecto é importante mencionar que nenhuma das gravuras da 2ª edição foi mantida na 50ª edição; e que na 60ª edição foram mantidas nove gravuras da 50ª edição, tendo sido alteradas 19 gravuras e incluídas, juntamente com as lições, 13 gravuras. Sobre as gravuras, observa-se que as gravuras alteradas

na 60ª edição são mais modernizadas no que se refere ao processo de elaboração, sendo que as crianças nelas representadas estão vestidas com roupas mais atuais e usuais à época de publicação dessa edição do livro –1941 –, se comparadas às gravuras da 50ª. edição, publicada em 1926.

- inclusão de informações sobre local e data no prefácio e sobre os livros que integram Série “Leituras Infantis”, ao final da 50ª. edição; Na 50ª edição, ao final do prefácio, há indicação de local e data: “S. Paulo, 1908” (Vianna, 1926, p. VI), Francisco Vianna apresenta em um parágrafo as indicações de que alterou alguns aspectos editoriais do livro da série de leituras.

Procurando corresponder ao favorável acolhimento que esta serie tem merecido, resolvi, de accôrdo com os seus dignos e esforçados editores, com grande sacrificio de parte a parte, vir illustral-a na Europa, estreotypopando-a também, afim de evitar os erros typographicos, tão inconvenientes nos livros escolares infantis.

Paris, 1911. (Vianna, 1926, p. VI).

Ainda na 50ª edição, ao final do livro, dispostas em duas páginas, há informações a respeito da Série “Leituras Infantis” e dos livros que a integram e, separado por um traço, há informações sobre *Pequena historia do Brazil*, livro que Francisco Vianna escreveu com a colaboração de seu filho, Euclides Mendes Vianna.

Informo que não há indicação no livro que permita afirmar se a autoria dessa apresentação é de Francisco Vianna ou dos editores da série. Presumo, considerando os aspectos mencionados neste texto, como, por exemplo, as informações a respeito das adequações dos livros às condições psicológicas das crianças, que ele tenha sido escrito por Francisco Vianna, ou que esse autor tenha tido participação na autoria deste texto.

Na parte superior central dessa página, há o nome do autor da série, “Francisco Vianna”, grafado com letras em tamanho pequeno; abaixo do nome do autor, em letras em tamanho grande e destacadas, há o nome da série, “Leituras Infantis”, seguem-se, então, a apresentação da proposta do autor para a elaboração da série de livros de leitura e abaixo, acompanhando a sequência didática que são propostos, estão as apresentações de cada um dos

livros que integram a série: as cartilhas e os livros de leitura. Nessas apresentações, os títulos dos livros estão destacados em letras maiúsculas e negritadas e, na sequência, abaixo dos títulos estão as informações sobre cada um dos livros.

Sobre a série, há a seguinte apresentação:

Os livros desta série [...] foram escriptos visando satisfazer as necessidades reaes dos primeiros annos escolares, necessidades por vezes mal comprehendidas por certos autores. É que alguns destes, por preocupações literarias, acabam produzindo obras que servem para adultos e que, por isso mesmo, attrahen professores insufficientemente orientados. (Vianna, 1926, p. 191).

São apresentados, então, os aspectos considerados, quando da elaboração da série de livros de leitura:

Assumptos de accordo com a psychologia infantil, vivos, alegresm que concorram para o apuramento dos sentimentos e para a formação da intelligencia e do character, linguagem clara e correcta, na qual, comquanto proporcionando elementos para o desenvolvimento desta, nos apoiemos principalmente nas fórmias mais simples e correntes, conveniente dosagem e graduação das lições, impressão clara, em typo grande, e para mais aguçarem a curiosidade, gravuras bem feitas, taes foram as preocupações dominantes na organização dos seis primeiros livros desta série. (Vianna, 1926, p. 191).

Na sequência são informadas as alterações as quais foram submetidos os livros de leitura para o aperfeiçoamento da proposta de Francisco Vianna:

As difficuldades resultantes da conflagração universal determinaram tira-gens provisórias. As novas edições foram melhoradas não só no typo de impressão, nas gravuras e no papel, como ainda no texto, de fórmula que ora devem satisfazer os mais exigentes. (Vianna, 1926, p. 191).

Abaixo, na sequência da apresentação da Série “Leituras Infantis”, há informações a respeito de cada um dos livros que a integram¹⁰³. Ao final dessa

¹⁰³ Informo que transcrevi essa apresentação dos livros da Série “Leituras Infantis” durante a

página, separado por um traço, são apresentadas informações sobre *Pequena historia do Brazil*; sobre esse livro, tem-se:

Organizada sob moderna orientação, a historia de nossa pátria é aqui apresentada de fôrma muito acessível, simples e attractiva, sem exaggeros de factos e datas. Cada lição é seguida de uma leitura destinada a prender a atenção do alumno sobre o seu assumpto principal a desenvolver esse ou a esclarecel-o. Contem vários mappas e abundantemente illustrada. (Vianna, 1926, p. 192).

2.6.2 Lições e gravuras

Segundo livro de leituras infantis contém 60 lições que têm regularidade em relação à estrutura: gravuras e histórias. Há, no livro de leituras, 87 gravuras, todas em preto e branco, sendo variada a forma com que elas estão dispostas nas lições. Do total das gravuras, há 31 em tamanho pequeno, 42 em tamanho médio e 14 em tamanho grande. Além desse aspecto, sete gravuras das lições são “fotografias” e não ilustrações; e as 80 restantes são gravuras. Do total das gravuras, em dez é possível identificar autoria do ilustrador: seis são do ilustrador Alfredo Norfini¹⁰⁴; duas são do ilustrador Bauerco¹⁰⁵; e duas são do ilustrador “A. Pavan”¹⁰⁶. Nas outras gravuras não há indicação de autoria do ilustrador.

A disposição das gravuras nas páginas da lição também varia; porém, de modo geral, é mantida certa regularidade: uma gravura no início da história e uma ao final. Há lições, todavia, nas quais há três gravuras e essas estão dispostas uma no início, uma próxima à metade da história e uma ao final,

apresentação da Bibliografia de Francisco Vianna, no Capítulo 1 deste livro.

¹⁰⁴ Segundo informações localizadas em *site* na Internet, Alfredo Norfini (1867-1944) nasceu em Florença-Itália e faleceu em São Paulo-capital no ano de 1944. Atuou como desenhista, aquarelista, pintor e professor. Informações localizadas em: <http://www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/wiwimod/index.php?page=NORFINI,+Alfredo>.

¹⁰⁵ Até o momento, não localizei informações a respeito desse ilustrador.

¹⁰⁶ A respeito do nome desse ilustrador, informo que sua assinatura na gravura está bastante ilegível, o que dificultou bastante o processo de leitura. Presumo que essa seja a forma com que está escrito, porém não é possível ser precisa a esse respeito. Além desse aspecto, informo também que até o momento, não localizei informações a respeito desse ilustrador.

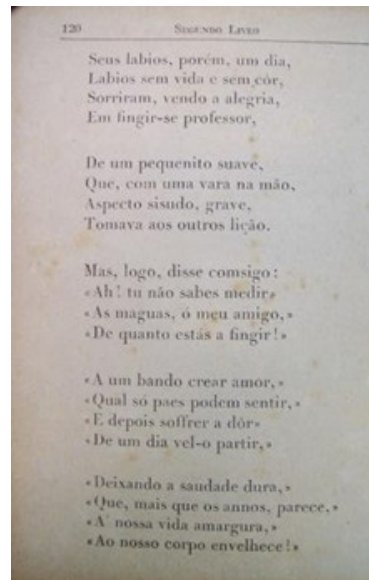
sendo que as gravuras “dividem” o espaço da página com o texto.

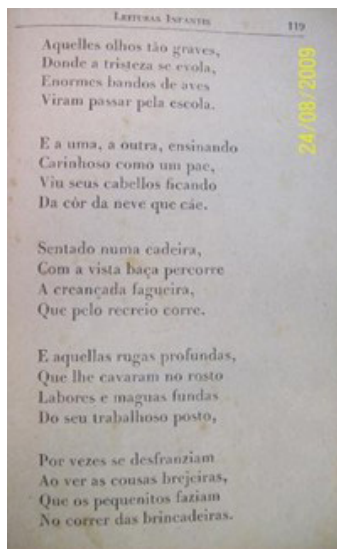
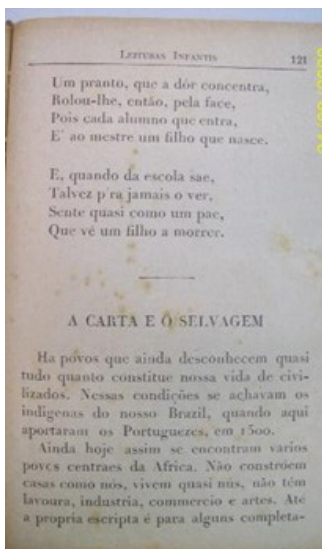
Observei que as gravuras que são “fotografias” e as gravuras de tamanho grande têm relação com as histórias das lições e os aspectos nessas abordados são representados nessas gravuras: crianças brincando com outras crianças ou com animais e/ou em outras situações diversas narradas nas histórias. As gravuras que não são “fotografias” e as gravuras de tamanho médio e pequeno, entretanto, não têm relação com as histórias das lições de *Segundo livro de leituras infantis* e nessas são representados pássaros, flores, pequenos anjos e paisagens retratando o mar, um campo e um farol.

Além desse aspecto, destaco que das 60 lições, em 50, o conteúdo é apresentado sob a forma de narrativa e em dez o conteúdo é apresentado sob a forma de poema.

Sobre as lições de *Segundo livro de leituras infantis*, é preciso destacar que há uma – sob a forma de poema –, intitulada “O velho mestre”, que foi publicada no periódico *Revista de ensino*, no ano de 1904. Sobre esse poema que foi incluído no livro de leituras, destaco que apesar de o enredo do poema não ter sido modificado, muitas das palavras, das expressões neles utilizadas e quantidade de estrofes foram modificadas. Apresento, abaixo, ilustração da lição “O velho mestre” na 50ª edição de *Segundo livro de leituras infantis*.

Figura 21 - Lição «O velho mestre» da 50ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*





Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (Gphellb).

2.6.3 Orientações aos professores

O prefácio de *Segundo livro de leituras infantis* tem as mesmas características que o de *Primeiro livro de leituras infantis* e está disposto em duas páginas. É assinado por Francisco Vianna, que apresenta alguns dos fundamentos a partir dos quais elaborou a sua proposta para o ensino da “leitura corrente” (Viana, 1926).

2.7 Terceiro livro de leituras infantis

Terceiro livro de leituras infantis foi escrito por Francisco Vianna com destinação prevista para o ensino da “leitura corrente” (Viana, 1928a; 1937b; 1941; Vianna, [s. d.]) a crianças nos anos iniciais de escolarização, sendo a sua utilização feita após o término de *Segundo livro de leituras*.

O exemplar que analisei da 37ª edição publicada em 1928, está organizado em: prefácio, escrito por Francisco Vianna; 52 lições, distribuídas da página 7 a 188; índice; e informações sobre a Série “Leituras Infantis”.

2.7.1 Diferentes edições

Quando realizei a pesquisa documental, localizei em loja de sebo cujo acervo estava disponível na Internet, exemplar da 2ª edição de livro, sem data, intitulado *Leituras Infantis*, de Francisco Vianna, o qual foi publicado pela N. Falcone Editora¹⁰⁷.

Mediante análise relativa à estrutura e à forma com que esse livro está organizado, bem como as lições que há nele, pude presumir que esse exemplar é semelhante ao *Terceiro livro de leituras infantis*, cuja 1ª edição foi publicada em 1908. *Leituras infantis*, porém, se trata de livro isolado que Francisco Vianna escreveu e teve publicado pela editora N. Falcone, anteriormente aos livros da Série “Leituras Infantis” e nesse não há menção a alguma série de leituras escrita por esse autor ou a qualquer livro da série.

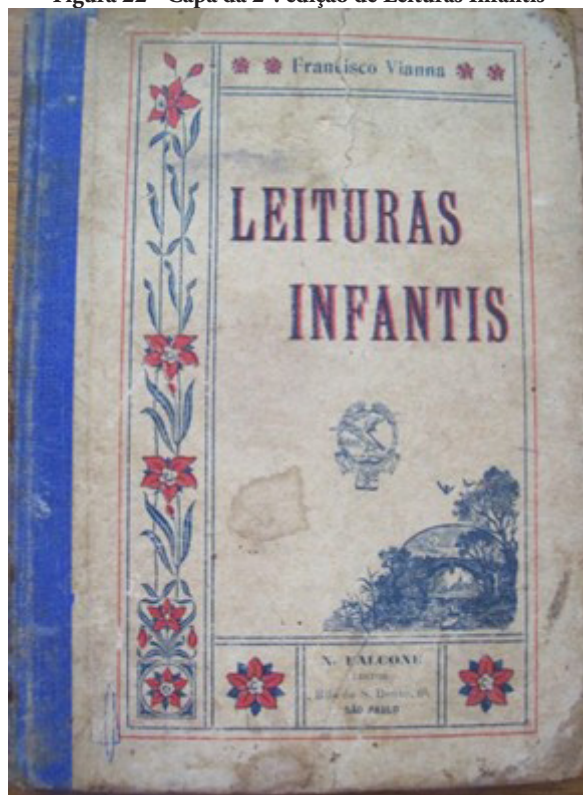
Aliado a esse aspecto, quando da apresentação da série de leituras, no prefácio aos professores contido no livro *Leitura preparatória* (1937a), Francisco Vianna afirma que “A série *Leituras Infantis* foi escrita e publicada a partir do Terceiro Livro para os inferiores.” (p. 3, grifos do autor), o que permite presumir que esse exemplar localizado refere-se a livro, cuja 1ª edição foi publicada anteriormente a 1908, contendo uma proposta inicial de livro de leitura único elaborada por Francisco Vianna, sendo que conforme é possível observar, esse autor não o havia elaborado como parte de uma série de livros de leitura.

Considerando esses aspectos, optei por incluir esse livro no *corpus* documental privilegiado para a pesquisa, compreendendo que a estrutura e a forma desse livro são idênticas as de *Terceiro livro de leituras infantis*. Informo, porém que quando disponho de várias edições de um mesmo livro, opto por analisar aquele exemplar cuja edição ou data de publicação seja mais antiga; nesse caso, apesar de o exemplar da 2ª edição de *Leituras Infantis* ser o mais antigo, esse não foi publicado integrando a série de leituras e, portanto, optei por utilizá-lo como complementar à análise realizada no exemplar mais antigo que foi publicado pela Livraria Francisco Alves integrando a Série “Leituras Infantis”.

¹⁰⁷ Até o momento de encerramento deste texto, não localizei informações a respeito dessa editora. A única informação localizada na folha de rosto desta edição do livro refere-se ao local onde se localizava a sede dessa editora, na Rua São Bento, 65, na em São Paulo-capital.

A partir dessa opção, analisei exemplar da 37ª edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, publicada em 1928, a mais antiga que localizei até o momento e, para complementar a análise, utilizei exemplares da 42ª edição, publicada em 1937, da 44ª edição, publicada em 1941 e da 2ª edição, sem data de publicação. Apresento, abaixo, ilustração da capa da 2ª. edição de *Leituras infantis*.

Figura 22 - Capa da 2ª. edição de Leituras Infantis



Fonte: Acervo pessoal.

Nos quatro exemplares que localizei desse livro, constatei modificações na 42ª., 44ª. 2ª. edição em relação à 37ª, as quais apresento na sequência:

- supressão da dedicatória no livro;

A dedicatória na sequência do prefácio é suprimida apenas na 44ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis* em relação à 37ª., mas a permanência da dedicatória nas 42ª. e 2ª. edições desse livro, que se manteve, nas

diferentes edições às mesmas pessoas;

- alteração da quantidade total de lições no livro, à alteração de títulos de lições, à supressão de lições e à inclusão de lições;

Apresento, no Quadro 7, os títulos das lições alterados, os títulos das lições suprimidas e os títulos das lições incluídas.

Quadro 7 - Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 42ª edição de Terceiro livro de leituras infantis, comparativamente à 37ª edição

Títulos das lições alterados		Títulos das lições suprimidas	Títulos das lições incluídas
37ª. edição	42ª. edição	“Um amigo de doces”	“7 de setembro”
“Photographo sem machina”	“Fotógrafo sem máquina”	“O doce de côco”	—
“Na bicycleta”	“Na bicicleta”	—	—
“A intelligencia ds animaes”	“A inteligência dos animais”	—	—
“O cão do engraxador”	“O cão do engraxate”	—	—
“O bom collegial”	“O bom colegial”	—	—
“O aniversario de Mario”	“O aniversário de Mário”	—	—
“O bólo”	“O bolo”	—	—
“Um jantar de vintem”	“Um jantar de vintém”	—	—
“Sonhos oppostos”	“Sonhos opostos”	—	—
“Os premios de desenho”	“Os prêmios de desenho”	—	—
“Gallinhas mágicas”	“Galinhas mágicas”	—	—
“Quatro provas para um emprêgo”	“Quatro provas para um emprego”	—	—
“Canção de um orpham”	“Canção de um órfão”	—	—
“Um equivoco”	“Um equívoco”	—	—
“José Bonifacio”	“José Bonifácio”	—	—

Fonte: *Terceiro livro de leituras infantis* (Vianna, 1928a; 1937b).

A partir das informações contidas no Quadro 7, é possível compreender que das 52 lições da 37ª edição, duas foram suprimidas na 42ª edição,

uma foi acrescentada e 15 lições tiveram seus títulos alterados. Destaco, porém, que a lição acrescentada, não estava indicada apenas no “Índice” da 37ª edição do livro de leituras, mas constava como lição do livro.

A 44ª. edição deste livro, todavia, em relação à 37ª foi bastante alterada no que se refere à quantidade de lições no livro de leituras. Apresento, no Quadro 8, os títulos das lições alterados, os títulos das lições suprimidas e os títulos das lições incluídas.

Quadro 8 - Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 44ª edição de Terceiro livro de leituras infantis, comparativamente à 37ª edição

Títulos das lições alterados		Títulos das lições suprimidas	Títulos das lições incluídas
37ª. edição	44ª. edição		
		“Lição infantil”	“Uma pilhéria de mau gôsto “
“Photographo sem machina”	“Fotógrafo sem máquina”	“Na laguna”	“Índios a bordo”
“O cão do São João”	“O cão do S. João”	“A borboleta e as flores”	“Origem do milho e da mandioca”
“A intelligencia ds animaes”	“A inteligência dos animais”	“A chegada de Carlos”	“Sempre se pode fazer o bem”
“O cão do engraxador”	“O cão do engraxate”	“Jogos de bordo”	“O tratado de Iperoí”
“O bôlo”	“O bolo	“Na bicyclera”	“Anchieta em S. Paulo”
“Um jantar de vintem”	“Um jantar de vintém”	“O bom collegial”	“Gratidão de Tabajara”
“Sonhos oppostos”	“Sonhos opostos”	“O prestidigitador”	“O velho mestre”
“Gallinhas mágicas”	“Galinhas mágicas”	“Um prestidigitador desastrado”	“Henrique Dias”
“Quatro provas para um emprêgo”	“Quatro provas para um emprego”	“O anniversario de Mario”	“Jaguarari”
“Canção de um orpham”	“O órfão”	“Sem medico”	“Plantadores de cidades”
“Um equivoco”	“Um equívoco”	“Um amigo de doces”	—
“José Bonifacio”	“José Bonifácio”	“O doce de côco”	—

—	—	“Bancos de carne e osso”	—
—	—	“Os beijos da Mãe”	—
—	—	“O melado”	—
—	—	“No Rio de Janeiro”	—
—	—	“O jacaré”	—
—	—	“Dó infantil”	—
—	—	“A batalha das flores”	—
—	—	“Um banho inesperado”	—
—	—	“Precoce”	—

Fonte: *Terceiro livro de leituras infantis* (Vianna, 1928a; 1941b).

A partir das informações contidas no Quadro 8, é possível compreender que na 37ª edição há 52 lições e na 44ª há 43, portanto nove lições foram suprimidas. Ainda sobre esse aspecto, observa-se, também, a alteração de 12 títulos de lições, a supressão de 22 lições e a inclusão de 11 lições.

Destaco que, algumas das lições que foram acrescentadas na 44ª edição de *Terceiro livro de leituras infantis* foram suprimidas da 60ª edição de *Segundo livro de leituras infantis*. Assim, as lições cujos títulos são: “O velho mestre” e “Sempre se pode fazer o bem” faziam parte da 50ª edição de *Segundo livro de leituras infantis*, tendo sido suprimidas quando da modernização elaboradas pelos filhos de Francisco Vianna, em 1940 e inseridas no *Terceiro livro de leituras infantis*, conforme constatei a partir da análise do exemplar da 44ª edição do livro que localizei.

Em relação ao conteúdo das lições incluídas na 44ª edição, destaco que foram incluídas diversas lições abordando a questão do índio, seus costumes e sua história junto à formação do povo brasileiro, presumivelmente em decorrência das necessidades do momento em que essa edição foi modernizada pelos filhos de Francisco Vianna.

A 2ª edição desse livro não é muito diferente em relação à 37ª no que se refere à quantidade de lições no livro de leituras. Apresento, no Quadro 9, os títulos das lições alterados, os títulos das lições suprimidas e os títulos das lições incluídas.

Quadro 9 - Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 2ª edição de Leituras infantis, comparativamente à 37ª edição de Terceiro livro de leituras infantis

Títulos das lições alterados		Títulos das lições suprimidas	Títulos das lições incluídas
37ª. edição	2ª. edição	“Na laguna”	“Uma pilhéria de mau gosto “
“Lição infantil”	“Licção infantil”	“O bom collegial”	“Índios a bordo”
“O cão do São João”	“O cão de São João”	“O bôlo”	“Origem do milho e da mandioca”
“A borboleta e as flores”	“A borboleta e as flôres”	—	“Sempre se pode fazer o bem”
“Jógos de bordo”	“Jogos de bordo”	—	“O tratado de Iperoí”
“O cão do engraxador”	“O cão do engraxate”	—	“Anchieta em S. Paulo”
—	—	—	“Gratidão de Tabajara”
—	—	—	“O velho mestre”
—	—	—	“Henrique Dias”
—	—	—	“Jaguarari”
—	—	—	“Plantadores de cidades”

Fonte: *Terceiro livro de leituras infantis* (Vianna, 1928a); *Leituras infantis* (Vianna, [s. d.]).

A partir das informações contidas no Quadro 9, pude compreender que na 37ª edição há 52 lições e na 2ª há 55, portanto três lições foram acrescentadas. Ainda sobre esse aspecto, observei, também, a alteração de cinco títulos de lições, a supressão de três lições e a inclusão de seis.

Outro aspecto que constatei alteração apenas na 44ª edição deste livro se refere à ausência da observação, ao final do “Índice”, sobre o ineditismo de sete das lições do livro. Em todos os exemplares das edições analisadas há essa observação, apenas na 44ª edição não há, apesar de as lições mencionadas como não inéditas terem permanecido nessa edição.

Além desse aspecto, observei, também, que as duas lições que foram incluídas na 44ª edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, intituladas “O velho mestre” e “Sempre se pode fazer o bem”, que integravam a 50ª edição

de *Segundo livro de leituras infantis*, as quais foram suprimidas na 62ª edição deste livro, foram inseridas nessa edição de *Terceiro livro de leituras infantis* juntamente com as gravuras as quais as acompanhavam naquela edição de *Segundo livro de leituras infantis*.

- alteração na disposição e tamanho das gravuras nas páginas das lições.

Na 37ª edição deste livro de leituras há 42 gravuras no total das 52 lições; na 42ª edição deste livro é mantida a quantidade de 42 gravuras, no total das 53 lições; na 44ª edição deste livro há 36 gravuras, o que significa uma diferença de seis gravuras no total, comparando essa edição com a mais antiga; na 2ª edição de *Leituras infantis* há 130 gravuras, o que significa uma diferença de 88 gravuras no total.

Na 2ª edição deste livro, 119, do total das gravuras, não têm relação com as histórias das lições, sendo nessas gravuras representados pássaros, cachorros, plantas, barcos, faróis, vasos com flores, casas e paisagens. Do total das gravuras, apenas 11 delas têm relação com as histórias das lições. Destaco, também, que do total das gravuras, há três que são “fotografias”, nas quais são abordados os aspectos das histórias das lições.

- alteração do prefácio;

Sobre a alteração do prefácio da 44ª edição, destaco que o conteúdo permanece o mesmo, sendo alterada apenas o título desse e sua disposição no livro. Na 37ª e 42ª edições, intitulado “Prefácio”, esse tópico está localizado no início do livro de leituras. Na 42ª edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, há a inclusão de um parágrafo. Não localizei informações, porém, sobre a data de publicação e o número da edição em que esse parágrafo foi incluído. Nesse parágrafo, Francisco Vianna informa:

Aproveitando a passagem desta série para a ortografia oficial, modernizei várias lições e melhorei sensivelmente o aspecto material de todos os livros que a constituem. (Viana, 1937b, p. 6).

Na 44ª edição deste livro, o conteúdo do prefácio não é alterado em relação à 37ª edição, apesar de ter sido modificada apenas a quantidade de páginas desse livro e aumentado de duas páginas para duas e meia, decorrendo do aumento do tamanho da letra utilizada.

O “Prefácio” da 2ª edição de *Leituras Infantis* é bastante semelhante ao «Prefácio» de *Terceiro livro de leituras infantis*, sendo que os aspectos que diferem ambos estão relacionados à menção da série de leituras. Nesse, Francisco Vianna também aborda os aspectos que considerou fundamentais para a elaboração deste livro.

No “Prefácio” de *Leituras Infantis*, há apenas três trechos diferentes de *Terceiro livro de leituras infantis*. Em um deles Francisco Vianna cita Montaigne.

Assim foi e, na verdade, são estes assumptos, que, em geral, por mais accessíveis á rudimentar intelligencia d’aquelles a que se destinam e, mormente, por se acharem mais de accordo com suas propensões, melhor se prestam ao ensino da leitura corrente, pois que, como o disse Montaigne, *on dit bien ce qu’on sait bien*. (Vianna, [s. d.], p. 6, grifos do autor).

É importante destacar que em *Terceiro livro de leituras infantis*, esse trecho está indicado como a seguir: “[...] melhor se prestam ao ensino da leitura expressiva, porque exprimimos bem aquillo que concebemos e sentimos bem.” (Vianna, 1928a, p. 5).

Sobre o que considera adequado para a formação do caráter da criança, Francisco Vianna apresenta em *Leituras Infantis* que:

[...] convem aproveitar em taes licções de assumptos que concorram para a formação de seu moral e de seu character. Isto só se pode obter desenvolvendo o altruísmo e comprimindo o egoísmo. Esta orientação é muito seguida nos livros de leitura. A forma, porem, resultante de uma preocupação excessiva de dar preceitos moraes, torna com freqüência taes obras contra-producentes. A creança deve, tanto quanto possível, aprender a moral pelo exemplo, pela pratica, sobretudo no lar, e nunca formulada em preceitos, em regras, cuja abstracção e synthetismo repugnam, em geral, a seu espírito ainda por demais concreto e analytico. (Vianna, [s. d.], p. 6-7).

Em *Terceiro livro de leituras infantis*, essa indicação está formulada como a seguir:

Isto só se póde obter desenvolvendo o altruísmo e comprimindo o egoísmo. Esta orientação é muito seguida por variso livros de leitura. A fórmula,

porém, que alguns apresentam, resultante da excessiva preocupação de dar preceitos Moraes, torna-os pouco interessantes e neutraliza em boa parte a reacção visada.

A creança, deve, tanto quanto possível, adquirir a moral pelo exemplo, pela pratica, sobretudo no lar, e nunca formulada em preceitos, cuja abstracção e laconismo repugnam em geral ao espirito infantil. (Vianna, 1928a, p. 5).

No outro trecho, encerrando o prefácio, Francisco Vianna questiona a pertinência de seu livro para as escolas primárias: “Poderá elle com vantagem ser usado em nossas escolas? É o que nos dirá a accettazione que tiver.” (Vianna, [s. d.], p. 7).

2.7.2 Lições e gravuras

Terceiro livro de leituras infantis contém 52 lições que têm regularidade em relação à estrutura: gravuras e histórias. Há 42 gravuras no livro de leituras, todas em preto e branco, das quais é possível identificar em 15 gravuras o nome do ilustrador: seis delas são de autoria de F. Tarquínio; cinco delas são de autoria de Louis Maîtrejean; e três delas são de autoria de “R. Sola Nizine”. Destaco, também, que quatro gravuras alteradas na 42ª edição desse livro em relação à 37ª eram de autoria de Louis Maîtrejean e foram substituídas por gravuras de autoria do ilustrador F. Tarquínio.

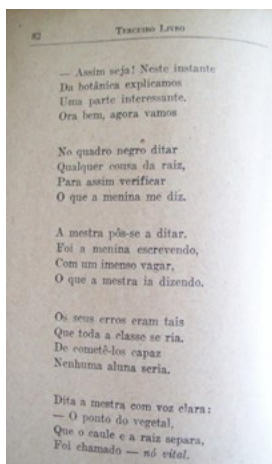
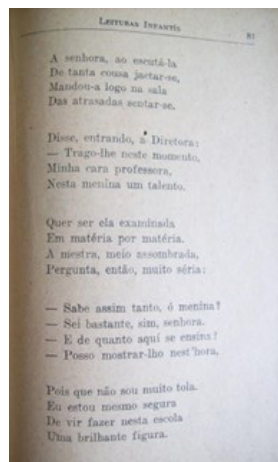
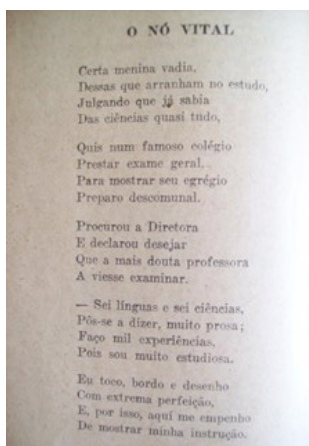
Sobre as lições de *Terceiro livro de leituras infantis*, destaco que há uma que não é de autoria de Francisco Vianna; trata-se de poema de Viennet que Francisco Vianna verteu para o português. A versão em português desse poema, a qual Francisco Vianna intitulou “O ninho das andorinhas”¹⁰⁸ foi publicada também, no ano de 1904, no periódico *Revista de ensino*, de modo idêntico ao qual está apresentado neste livro de leituras infantis.

Além de “O ninho das andorinhas”, há também cinco lições sob a forma de poema – que também foram publicadas no periódico *Revista de ensino*, todas no ano de 1904. Sobre esses poemas que foram incluídos no livro de leituras, destaco que apenas um deles foi mantido idêntico ao que foi publicado no periódico; trata-se de “Dó infantil”. Sobre os quatro poemas

¹⁰⁸ Não localizei até o momento, informações a respeito da versão original desse poema que Francisco Vianna verteu para o português.

que foram publicados no periódico e posteriormente incluídos no livro de leituras, destaco que, apesar de os enredos dos poemas não terem sido modificados, muitas das palavras, das expressões neles utilizadas e quantidade de estrofes foram modificadas. Os títulos desses poemas são: “Lição infantil”; “Sem médico”; “O bom collegial”; e “Precoce”. Apresento, abaixo, lição “O nó vital” da 42ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*.

Figura 23 - Lição «O nó vital» da 42ª. edição de Terceiro livro de leituras infantis



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil”
(Gphellb)

2.7.3 Orientações aos professores

O prefácio de *Terceiro livro de leituras infantis* tem as mesmas características que o de *Primeiro livro de leituras infantis* e *Segundo livro de leituras infantis*: está disposto em duas páginas e assinado por Francisco Vianna. Nesse tópico, o autor apresenta alguns dos fundamentos a partir dos quais elaborou a sua proposta para o ensino da “leitura corrente”.

No prefácio de *Terceiro livro de leituras infantis*, Francisco Vianna argumenta em favor de uma proposta para o ensino da leitura corrente pautada na formação do sentimento da criança e orientada por histórias nas quais ações e manifestações de exemplos de boas condutas propiciariam o aprendizado do aspecto abordado na história.

Por fim, após o término do prefácio, que tem local e data indicados: “S. Paulo, 1908” (Vianna, 1928a, p. VI), Francisco Vianna apresenta em um parágrafo as indicações de que alterou alguns aspectos editoriais do livro da série de leituras.

Quando, no anno de 1911, superintendi pessoalmente, em Pariz, á illustração e á revisão desta série, que, pelo menos no aspecto material, se manteve até 1918, como a melhor das nacionaes, foi-me impossível proceder, como já então pretendia, aos retoques de que este livro necessitava, pois fora elle o primeiro por mim publicado para as escolas primarias. Mais tarde, as difficuldades oriundas da guerra, impedindo a tiragem na Europa, forçaram-nos a fazer, para este e o *Segundo*, composições apressadas, que ora são substituidas por novas, nas quaes os expurguei de alguns efeitos, sendo que neste inclusive pela suppressão ou substituição de uma ou outra lição por demais pueril. Penso que, para os que já o apreciavam, sobrarão agora razões para adoptal-o.

Rio de Janiero, 1927. (Vianna, 1928a, p. 6).

Ao final do livro, dispostas em duas páginas, há informações a respeito da Série “Leituras Infantis” e dos livros que a integram e, separado por um traço, há informações sobre *Pequena historia do Brazil*, livro que Francisco Vianna escreveu com a colaboração de seu filho, Euclides Mendes Vianna.

2.8 Quarto livro de leituras infantis

Quarto livro de leituras infantis (Apanhados e factos históricos)¹⁰⁹ foi escrito por Francisco Vianna com destinação prevista para o ensino da leitura para os anos finais de escolarização após o término de *Terceiro livro de leituras*.

O exemplar analisado, da 3ª edição de *Quarto livro de leituras infantis...*, foi publicado em 1923, tendo sido restaurado. Por esse motivo, tanto a capa, quanto a quarta capa não foram mantidas, quando da restauração. Esse livro está organizado em: prefácio, escrito por Francisco Vianna; 10 unidades¹¹⁰; e 57 lições, distribuídas da página 9 a 350.

2.8.1 Diferentes edições

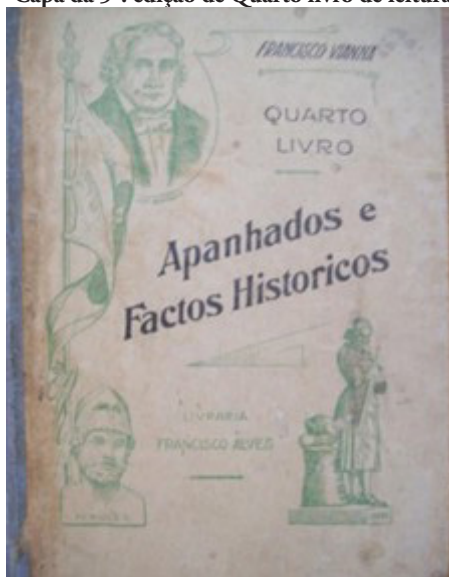
Localizei dois exemplares de *Quarto livro de leituras infantis...*: a 3ª edição, publicada em 1923 e a 5ª edição, publicada em 1928. Observei que os dois exemplares são semelhantes em todos os aspectos. Há apenas três diferenças entre os dois exemplares: pelo motivo de a 3ª edição ter sido restaurada, não há como confirmar se as capas são semelhantes; não há “Índice” na 3ª edição do livro, o qual presumo ter sido “arrancado” por algum usuário do livro, se desprendido, considerando seu estado de conservação bastante precário, ou retirado, quando da restauração desse exemplar; e a indicação do título de uma lição na página em que ela se inicia foi suprimida na 3ª edição. Todos os outros aspectos relativos às lições no livro, gravuras, prefácio e disposições desses no livro não são alterados.

Apresento, abaixo, ilustração da capa da 5ª edição de *Quarto livro de leituras infantis...*

¹⁰⁹ Devido ao extenso título, todas as vezes que o mencionar neste texto utilizarei o recurso *Quarto livro de leituras infantis...*

¹¹⁰ Destaco que essa denominação não foi feita por Francisco Vianna e que eu a elaborei a partir do que pude observar quando da análise desse livro de leituras.

Figura 24 - Capa da 5ª. edição de Quarto livro de leituras infantis...



Fonte: Acervo pessoal

É possível observar que na capa de *Quarto livro de leituras infantis...*, diferentemente das capas dos outros livros da Série “Leituras Infantis”, são apresentados aspectos relativos à história e à civilidade, como a bandeira, o busto e a estátua de personagens da história mundial e brasileira.

2.8.2 Lições e gravuras

Devido à forma com que as lições estão organizadas, presumo que o livro está dividido em dez unidades, as quais são compostas por 57 lições no total. Essas unidades estão numeradas com algarismos romanos, seguidos de seus títulos e dos títulos das lições que as compõem.

Há, no livro de leituras, 47 gravuras, todas em preto e branco. As gravuras se destacam nas páginas das lições e, de modo geral, são de tamanho grande. A forma com que as gravuras estão dispostas nas lições varia, mas, geralmente, estão dispostas a partir da segunda página das lições, “dividindo” a página com o texto. Informo que não há indicação de autoria de ilustrador.

Algumas das lições de *Quarto livro de leituras infantis...* sob a forma de poema, tratam-se de transcrições de poemas de outros autores e não são,

portanto, de autoria de Francisco Vianna. No Quadro 10 apresento os nomes dos autores e os títulos desses poemas, que intitulam, também, as lições.

Quadro 10 - Autor e título de lições da 3ª edição de Quarto livro de leituras infantis...

Autor	Título do texto
Antonio Gonçalves Dias	“Y-Juca Pyrama”; “Canto do Piaga”; “Idéa de Deus”
Luiz de Camões	“A vida nos campos”; “Jacob”; “Lealdade de Egas Moniz”; “Os doze da Inglaterra”
Homero	“Tempestade”
Bocage	“Resignação do sabio”
Virgílio	“Tempestade”
Almeida Garret	“A nau Cathrineta”
Machado de Assis	“À Carolina”
Castro Alves	“Vozes d’África”; “O navio negreiro”
Guerra Junqueiro	“A fome no Ceará”
João Montenegro Cordeiro	“A Danton”
Guilherme de Azevedo	“As machinas”

Fonte: *Quarto livro de leituras infantis...* (Vianna, 1923; 1928b).

Das 57 lições que integram o livro analisado, 17 são de outros autores, como se pode observar no Quadro 13, e 40 delas correspondem a textos de autoria de Francisco Vianna. Dentre os textos de autoria de Francisco Vianna, um é poema e 39 são textos expositivos.

Dos poemas dos outros autores: três são de autoria do poeta maranhense Antônio Gonçalves Dias (1823-1864); quatro são de autoria do poeta português Luís Vaz de Camões (1524-1580); um de autoria do poeta grego Homero ([700 a.C?]-[s d.]); um do poeta português Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805); um do poeta romano Públio Virgílio Marão (70 a. C-19 a.C.); um de autoria do escritor e dramaturgo português João Baptista da Silva Leitão de Almeida, conhecido como Visconde de Almeida Garrett (1799-1854); um do romancista, dramaturgo, contista, jornalista, cronista e teatrólogo carioca Joaquim Machado de Assis (1839-1908); duas do poeta baiano Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871); um do deputado, jornalista e escritor português Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850-1923); um de João Montenegro Cordeiro, cujas informações até o

momento, não localizei; e um do poeta e jornalista português Guilherme de Azevedo (1839-1882).

Além desse aspecto, destaco que há um poema e uma transcrição de discurso de autoria de Francisco Vianna, os quais integram o conjunto das lições desse livro de leituras.

O poema de Francisco Vianna, intitulado “Salvação de Lygia”, foi publicado no periódico *Revista de ensino*, no ano de 1903; comparando as duas versões do poema, a que foi publicada no periódico e a que foi incluída no livro de leituras, constatei que, apesar de o enredo do poema não ter sido modificado, muitas das palavras, das expressões neles utilizadas, dos versos e a quantidade total de versos foram modificados. No periódico, por exemplo, o poema é composto por 84 versos e, no livro de leituras, o poema é composto por 93 versos.

O discurso de Francisco Vianna intitula-se “Allocução á Bandeira” e, conforme informações disponíveis no livro de leituras trata-se de palestra “Pronunciada pelo autor deste livro, como orador official, na festa da Prefeitura do Districto Federal, a 19 de Novembro de 1918.” (Vianna, 1923, p. 331), cujo texto foi publicado e “Trascripto do *Jornal do Commercio* de 20 de Novembro de 1918.” (Vianna, 1923, p. 343), tendo sido incluído no livro de leituras. Nesse discurso, Francisco Vianna apresenta algumas reflexões sobre o fim da guerra e defende, exaltando um grande nacionalismo, um dos principais símbolos da pátria: a bandeira.

Ao encerrar seu discurso, que foi destinado ao “Snrs. Presidente da Republica e Ministros de Estado; Snrs. Prefeito; Snrs. Membros do Conselho Municipal; Minhas Senhoras e Meus Senhores; Creanças.” (Vianna, 1923, p. 331), Francisco Vianna proclama:

Agora, creanças que me ouvistes, sabeí que em geral só podemos servir á Humanidade através de nossa propria pátria. Desenvolvi, portanto, cada vez mais, em vossos coraçõezinhos, o mais acendrado civismo, a dedicação a mais pura, intensa e enérgica, pela terra que vos viu nascer. Cultivae-lhe com carinho a memória dos typos eminentes e preparaee-vos para estar sempre promptas a tudo sacrificarpor aquella que tudo vos dá: quem não souber servir sua patria, não poderá pretender servir á Humanidade. No passado da nossa Terra encontrareis os mais acrisolados exemplos de civismo; mas, si preferides os actuaes, vereis cada bandeira alliada pejada de

fulgurações divinas do patriotismo o mais ardente e o mais digno, porque seus filhos souberam pôr tudo quanto possuíam de energias, de vigor, de fortuna, de saúde, a vida e até as famílias, ao serviço incondicional de suas pátrias, para que ellas não sossobrassem. Sabei em todos os momentos da vossa vida praticar outro tanto, para que o Brazil seja digno, feliz e prospero! (Vianna, 1923, p. 343).

Nas lições de *Quarto livro de leituras...*, que estão dispostas em geralmente quatro a seis páginas, são abordados temas relativos à atuação do homem em diferentes momentos da história. Para tanto, são apresentadas fases temporalmente sequenciais, que têm início e são delimitadas a partir dos títulos das lições.

Os títulos das lições e os aspectos nelas abordados são: “Tempos prehistoricos”, no qual são apresentadas as formas a partir das quais viviam e sobreviviam os homens “primitivos” (Vianna, 1923); “Polytheismo”, cuja abordagem enfoca algumas das práticas e crenças dos homens “Egypcios”, “Assyrios e Babylonios”, “Medas e Persas”, “Hebreus”, “Phenicios”, “Gregos” e “Romanos”; “Monotheísmo ocidental”, em que são apresentadas as histórias de alguns personagens que defenderam o monoteísmo e os momentos de discussão sobre a religião; “Idade media”, cuja apresentação enfoca a forma com que eram conduzidas as práticas e formas de organização social que eram comuns naquele momento histórico; “Renascença, Reforma, grandes invenções e grandes descobrimentos” em que são apresentados aspectos relativos à renovação em decorrência do movimento renascentista no âmbito das ciências e das artes; o surgimento da reforma, como movimento contrário ao catolicismo¹¹¹, as invenções, como, por exemplo, a imprensa, o papel, a pólvora e a bússola, o que propiciou, por sua vez, a exploração por parte do homem de outros lugares, dentre os quais são destacadas as missões de Cristóvão Colombo e Vasco da Gama; “Idade moderna” em que são apresentadas histórias de personagens que atuaram nesse momento; “Idade contemporânea”

¹¹¹ É importante mencionar a afirmação veiculada com a opinião de Francisco Vianna na lição na qual é abordado o tema da reforma protestante: «A Reforma foi necessaria, para desafogar, mesmo nos paizes que permaneceram catholicos e que organizaram a contra-reforma, o mundo ocidental da opressão da Igreja. Este grande serviço da Reforma não nos deve impedir de reconhecer que o protestantismo foi uma retrogradação e não um progresso, quer intellectual, quer moral.» (Vianna, 1923, p. 234).

em que também são apresentadas histórias de personagens que atuaram nesse momento histórico e são enfatizados os aspectos relativos ao povo brasileiro, aos símbolos e aos “heróis” que são representativos dessa história; e “O porvir” em que são apresentadas algumas considerações finais escritas pelo autor e destinadas aos alunos leitores sobre a necessidade de se pensar sobre a “Humanidade” (Vianna, 1923) e sobre aquilo que se fazia necessário, à época, para a civilização avançar.

A 1ª lição do livro, intitulada “Aos pequenos leitores”, apesar de ser contabilizada como lição do livro, conforme é possível observar no “Índice” da 5ª edição de *Quatro livros de leituras infantis...*, trata-se de texto com caráter de diálogo entre Francisco Vianna e os alunos futuros leitores desse livro.

Nessa lição, disposta em 11 páginas, Francisco Vianna apresenta sua visão sobre a guerra que estava acontecendo no momento em que ele elaborava esse livro. Suas observações são aliadas a questionamentos sobre o “progresso” e a “evolução” (Vianna, 1923) da humanidade que acompanhando sequência de aperfeiçoamento, deveria encaminhar-se para a paz e não para a guerra.

[...] a humanidade não pára nem retrograda. As gerações actuaes são melhores, mais conscientes e capazes de maior actividade do que as anteriores e a de nossos filhos será felizmente melhor do que a nossa. A virtude vae sendo cada vez mais fácil e mais commum, em consequência desse aperfeiçoamento geral da natureza humana e dos progressos materiaes realizados. (Vianna, 1923, p. 12).

Considerando esses aspectos, Francisco Vianna informa aos alunos leitores do livro:

Este livrinho propõe-se a mostrar ás creanças que a Humanidade se tem tornado cada vez menos imperfeita, tendendo para um regimen de felicidade relativa de que todos partilhem, que o homem sempre manifestou bons sentimentos e que a pratica das boas acções, daquellas que redundam em beneficio de outrem, se vae tornando accessível a um numero de homens progressivamente maior, de maneira que os bons se tornam cada vez melhores e os mais menos maus. (Vianna, 1923, p. 12-13).

Citando a frase de Sócrates, que dizia: “*Dize-me com quem andas,*

dir-te-ei quem és” (Vianna, 1923, p. 13, grifos do autor), Francisco Vianna explica que a formação do caráter e da moral ocorre quando da imitação de bons exemplos, seja a partir do compartilhamento de experiências com aqueles considerados bons, ou, a partir do conhecimento da vida ou do estudo da “grandeza de alma” (Vianna, 1923). Mediante essa argumentação, esse autor indica que se torna possível parodiar Sócrates e afirmar: “*Dize-me o que lês, dir-te-ei quem és.*” (Vianna, 1923, p. 14, grifos do autor). Sobre a importância de se conhecer a vida desses “exemplos”, Francisco Vianna indica:

[...] conquanto nesta obra não se encontrarão biographias, acharão as crianças muitos factos relativos á vida de typos eminentes da nossa espécie, os quaes demonstrarão de fôrma irrefutável que, em todas as épocas, os sentimentos nobres, altruistas, sempre existiram.

Mas, como estes sentimentos evoluíram, isto é, se desenvolveram, faz-se mister, para bem comprehendel-os, conhecer a época, as idéas, a fôrma de sentir, os hábitos, etc., que prevaleciam então. [...]

Eis porque foi necessário fazer um rápido esboço do modo de pensar, sentir e agir para as phases mais características da historia da Humanidade. É claro que essas apreciações muito succintas da marcha da civilização através dos tempos não podem ser muito fáceis. [...] Assim, comquanto a simples leitura da parte histórica, convenientemente explicada e commentada pelo mestre, as crianças adquirem a convicção de que o aperfeiçoamento moral, intellectual e mesmo physico, é uma realidade. (Vianna, 1923, p. 14-15).

Para esse autor, portanto, quando as crianças conhecem alguns dos “apanhados” e “factos históricos” (Vianna, 1923; 1926), elas têm a possibilidade de compreender “[...] a soberba magestade da evolução da espécie humana, a principio apenas uma das innumerables espécies animaes que povoam o globo terráqueo.” (Vianna, 1923, p. 16). Mediante essas explicações, o autor apresenta a forma com que está organizado o livro de leituras:

Neste livro encontrarei, em primeiro lugar, apanhados gerentes referentes ás principaes phases da historia da Humanidade; em segundo, resumos do papel de certos povos na antiguidade ou de certas épocas modernas; em terceiro, factos da vida dos grandes homens, e, em quarto, finalmente, poesias relativas ás concepções de cada época. (Vianna, 1923, p. 17).

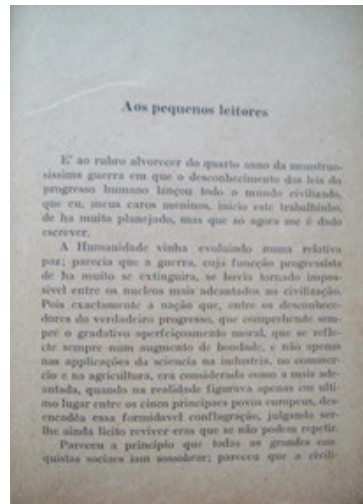
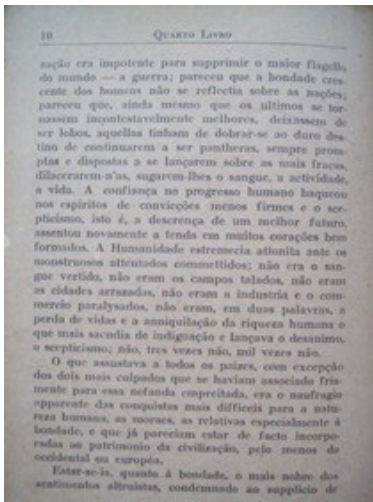
Francisco Vianna (1923) conclui:

Que as lições deste livrinho vos despertem o entusiasmo pelo que é nobre, a veneração e o desejo de imitar os typos mais notáveis da nossa espécie; que ellas fomentem em todos vós o desejo de conhecel-os melhor, quer pelas respectivas bigraphias, quer através de suas obras, desde já, quando se tratar de escriptores que vos sejam accessiveis. Varias destas obras representam fantasias, porém fantasias uteis, porque elevam o homem, desenvolvem os seus sentimentos nobres e comprimem os grosseiros. As creanças de vossa idade não se devem limitar ao unico livro de leitura da escola: vossos paes deverão proporcionar-vos boas leituras, isto é, de obras que possaes entender e que, além de uteis para o vosso coração, para o vosso espírito e a vossa futura vida pratica, vos dêem também prazer. É na idade em que vos achaes que se adquiere o habito e o prazer da leitura. Si a deixardes passar, mais tarde difficilmente, pelos menos para a maioria, os obtereis. (p. 18-19).

Essa lição é finalizada com trecho d’*Os lusíadas*, de Camões, seguido de local e data, “Rio de Janeiro, julho de 1917” e a indicação do nome do autor, “Francisco Vianna”.

Apresento, abaixo, a título de exemplo, a lição intitulada “Aos pequenos leitores” da 3ª edição de *Quarto livro de leituras infantis...*

Figura 25 - Lição «Aos pequenos leitores» da 3ª edição de *Quarto livro de leituras infantis...*



Fonte: Acervo pessoal

2.8.3 Orientações aos professores

O prefácio de *Quarto livro de leituras infantis...*, assinado por Francisco Vianna, tem uma proposta de apresentação do livro diferente se comparado aos três livros de leituras que integram a Série “Leituras Infantis”. O prefácio da 3ª edição deste livro é o mesmo que foi publicado juntamente com a 1ª edição, conforme indica o título: “Prefácio da 1ª. edição”.

No prefácio de *Quarto livro de leituras infantis...*, disposto em quatro páginas e escrito com letras em tamanho pequeno, Francisco Vianna apresenta alguns dos aspectos que considerou importantes quando da elaboração desse livro e os encaminhamentos de sua proposta, considerando as especificidades do ensino da leitura a partir do 4º livro da série de leituras que escreveu e teve publicada.

O primeiro aspecto abordado por Francisco Vianna se refere aos motivos a partir dos quais esse autor se pautou quando da elaboração dos livros da série de leituras e, especialmente, desse livro e as dificuldades com as quais lidou, quando de sua proposta de elaboração. Esse autor argumenta que, no ano de 1908, quando teve publicada a 1ª edição de *Leitura preparatória*, afirmou que em sua proposta de série de leituras, o 4º livro seria elaborado considerando que nesse deveriam “[...] ser cultivados os sentimentos civicos e de fraternidade universal em sua quase plena generalidade, por meio de exemplos historicos bem caracteristicos.” (Vianna, 1923, p. V).

Esse autor explica, então, que

Os trabalhos de revisão de edições, que se succediam rapidamente, levaram-me em 1911 á Europa com o fim de refundir e estereotipar esta serie. Pretendia, então, aproveitar minha longa estadia por lá, onde me não escasseariam as precisas fontes, para organizar este Quarto Livro. Circunstancias especiaes fizeram-me desistir de tal intento, para occupar-me com a Cartilha.

Algum tempo depois planejava inteiramente os detalhes deste livro, mas, não só vários trabalhos supervenientes, públicos e privados, que me absorviam os curtos lazeres de uma vida afanosa, como também perturbações de saúde, não me permittiram cuidar de sua execução. Em Junho de 1917, iniciei-o na esperança de dal-o a lume no principio do anno que ora finda. Outras perturbações, em particular as péssimas disposições em que

a guerra deixava a quantos têm preocupações de ordem social, e trabalhos resultantes de haver sido forçado a imprimir meus livrinhos no Brasil, obrigaram-me novamente a suspender a organização deste, a qual só pude reencetar agora, em fins de 1918. (Vianna, 1923, p. V).

Sobre os livros de leituras aos quais as crianças têm acesso, Francisco Vianna analisa que, apesar de não ser possível ensinar a leitura a partir das “obras primas da literatura universal” (Vianna, 1923), é necessário que se adotem nas escolas, livros cuja leitura permita a “[...] elevação, para a cultura moral, numa palavra, para a educação do espírito e do coração.” (Vianna, 1923, p. VI).

A argumentação de Francisco Vianna sobre os livros de leitura utilizados nas escolas primárias refere-se a dois aspectos que esse autor considera importantes: os assuntos abordados nesses livros e os objetivos a partir dos quais esses eram elaborados. Da análise que realizou, em decorrência de indicação para escolher os livros de leituras que seriam adotados nas escolas, resultou a constatação de que os livros existentes não atendiam a esses dois aspectos que, segundo ele, seriam necessários para a formatação do livro. Sobre esse aspecto, Francisco Vianna (1923) afirma:

Quanto aos assumptos, porque me parecia imprescindível dar-lhes um caracter mais accentuadamente educativo, moral, porém, de accôrdo com a índole, a compreensão e as propensões infantis; quanto ao objectivo final, porque pareciam todos organizados menos com o fim fundamental de educar o espírito e o coração do que com o de proporcionar directamente os recursos de expressão, encarada quase que apenas quanto á correção e á elegancia. (p. VI).

Francisco Vianna complementa afirmando que, apesar de considerar importante a aprendizagem da leitura a partir de histórias “belas, elegantes e com estilo” (Vianna, 1923), a seu ver, o ensino inicial da leitura deve incidir sobre a capacidade de compreender as ideias abordadas no texto, as quais podem ser mais singelas, no que se refere aos aspectos estruturais, porém, mais eficazmente conseguem concretizar os anseios de fazer com que as crianças compreendam a função da comunicação: compreender as ideias alheias, veiculadas nesses textos.

A proposta desse autor é de que “O ideal é o assunto nobre bellamente descripto. É o que sabem fazer os grandes escriptores, cõscios, porém de que todo o instrumento se subordina ao uso.” (Vianna, 1923, p. VII). Observa-se, portanto, que para Francisco Vianna, é preciso considerar que o objetivo do ensino da leitura deve ser o de auxiliar a criança no processo de compreender a linguagem e suas utilizações como “instrumento de expressão”, cuja dimensão se amplia, também, quando permite: “ampliar os conhecimentos”, “melhorar a natureza moral” e de “tornar os sentimentos mais claros e intensos”, a partir da relação que se estabelece entre “linguagem e concepção” (Vianna, 1923).

Sobre esse último aspecto, esse autor explica:

Seja como fôr, uma vez que a expressão tem de estar sempre subordinada á concepção, é a esta que compete o papel de elemento coordenador. Ainda que se pretenda desenvolver a capacidade de expressão, não se poderá fazel-o attendendo apenas á forma: é mistér, ainda assim, cuidar mais da concepção, porque só as idéas elevadas e bellas podem ir permittindo a assimilação do estylo apropriado a realçal-as. [...] é preciso que todos se capacitem de que as fórmulas bellas em assumptos mediócrs ou em excerp-tos, cortados a tesoura, tendo em vista sómente a linguagem, perdem toda a efficacia para a fecunda formação de um estylo útil.

Para Francisco Vianna, portanto, o assunto abordado no texto destinado às crianças é mais importante do que a sua forma. Considerando essa concepção sobre os textos utilizados para a leitura escolar, Francisco Vianna orienta que, quando dos comentários dos professores em sala de aula, é necessário destinar ao assunto da lição a parte mais concisa e substancial do ensino, considerando, para isso, a ordem que estabelece:

[...] 1.º, quanto aos sentimentos, pensamentos e idéas; 2.º, quanto ás circumstancias de espaço e de tempo; 3.º, quanto ás imagens. Só depois de passará a considerer o estylo, no qual serão examinadas, de accõrdo com o valor decrescente, as tres qualidades — clareza, correção e belleza. (Vianna, 1923, p. VII).

Sua proposta é a de que a leitura escolar, pautada na compreensão dos

assuntos abordados nos textos, permite que sejam identificados os ensinamentos que esses comportam (Vianna, 1923).

Por fim, Francisco Vianna (1923) justifica que, por considerar os poetas “[...] ou precusores dos philosophos, ou propagadores das idéas, das theorias, das interpretações de cada época, ou idealizadores de eras que já se foram.” (p. VIII), optou por incluir poesias em seu livro, pois essas completam “[...] a concepção das épocas ás quaes se referem os capítulos correspondentes.” (p. VIII). Utilizá-las no ensino, por isso, exige que o professor as aborde “[...] como applicações estheticas dos themas já tratados.» (Vianna, 1923, p. VIII).

Ao final do prefácio, está a indicação do local e data em que foi escrito: “Rio de Janeiro, Novembro de 1918.” e o nome do autor, “Francisco Vianna” (Vianna, 1923, p. VIII).

CAPÍTULO 3

SÉRIE “LEITURAS INFANTIS” E O MÉTODO ANALÍTICO PARA O ENSINO DA LEITURA NAS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX

3.1 História do ensino inicial da leitura no Brasil: principais características de seu “segundo momento crucial”

Publicados nas décadas iniciais do século XX, os livros da Série “Leituras Infantis”, de Francisco Vianna, estão situados no momento histórico considerado por Mortatti (2000) como o “segundo momento crucial” na história do ensino inicial da leitura no Brasil.

Como se sabe, nas décadas finais do século XIX no Brasil, ocorreram mudanças significativas no que se refere à educação e aos princípios filosóficos e pedagógicos nos quais ela era compreendida, especialmente em decorrência da passagem do regime político da Monarquia para a República.

Nesse momento, o ensino inicial da leitura acompanhou o movimento de organização republicana a respeito da instrução pública, encarando-a como problema estratégico para medir a eficácia da escola em cumprir a sua função de levar às novas gerações o acesso ao mundo da cultura letrada.

Conforme a autora analisa, esses aspectos conferiram novos encaminhamentos ao ensino inicial da leitura tendo caracterizado o que essa autora considera a “[...] fundação do segundo momento crucial no movimento de constituição da alfabetização como objeto de estudos, no Brasil [...]” (Mortatti, 2000, p. 78).

Ainda segundo Mortatti (2000), esse momento se relacionou com a reforma da instrução pública

[...] iniciada em 1890, pelo Dr. Antonio Caetano de Campos, e, a partir de 1892, aperfeiçoada por Gabriel Prestes (ambos enquanto diretores da escola) e executada por Cesário Motta Júnior, Secretário de Estado dos Negócios do Interior no governo de Bernadino de Campos. (p. 78)

Com a reforma, foram alterados os encaminhamentos em relação à educação, considerando que, segundo Mortatti (2000),

O “espírito da reforma” veio oficializar, institucionalizar e sistematizar um conjunto de aspirações educacionais amplamente divulgadas no final do Império brasileiro. Enfeixadas pela filosofia positivista, essas aspirações convergiam para a busca da cientificidade – e não mais o empirismo – na educação da criança e delineavam a hegemonia dos métodos intuitivos e analíticos para o ensino de todas as matérias escolares, especialmente a leitura.

A partir de então, uma “nova bussola” deveria orientar a preparação não apenas teórica mas sobretudo prática de um novo professor sintonizado com os progressos da “pedagogia moderna”, o qual deveria deduzir da psicologia da infância e suas bases biológicas os modos de ensinar a criança. (p. 78-79).

Com um sistema de ensino “pretendidamente modelar” (Mortatti, 2000) para o estado de São Paulo e para o restante do país, a Escola Normal da Capital, segundo Mortatti (2000), foi o

[...] pólo produtor, propulsor e irradiador das novas idéias pedagógicas, seja mediante o processo de formação – teórica e prática – dos novos professores, seja mediante a posterior atuação dessa geração de normalistas que se assumem como “especialistas”. (p. 85).

Como afirma Mortatti (2000, p. 84, 85, 134), à medida que esse método foi ganhando “adeptos nessa escola”, foram se “diversificando as apropriações” e as propostas de “concretização” do método, conferindo disputas em torno de qual era a “melhor forma de processuar o método”.

A partir dessa “diversidade de apropriações do método analítico” (Mortatti, 2000, p. 28, 108), os professores iniciaram debate sobre a forma mais adequada de ensinar a ler pelo método analítico, gerando, com isso, uma “disputa entre os modernos e os mais modernos”, ou seja, a disputa entre os professores se trava sobre o “[...] modo de processar o método analítico – a palavração, a sentençação ou a “historieta” – de acordo com a biopsicologia da criança [...]”.

Como afirma Mortatti (2000), com a finalidade de amenizar essas disputas e “sistematizar as possíveis divergências”, Oscar Thompson como Diretor Geral da Instrução Pública, “institucionalizou o método analítico como oficial para o ensino da leitura nas escolas primários da capital e do interior paulista.”. Em concomitância a esse processo de institucionalização, segundo Mortatti (2000), foram expedidos dois documentos elaborados por inspetores escolares: *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar* (1911), elaborado por Miguel Carneiro Júnior, J. Pinto e Silva, Mariano de Oliveira e Theodoro de Moraes; e *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico – modelos de lições* [1914], elaborado por Mariano de Oliveira, Ramon Roca Dordal e Arnaldo de Oliveira Barreto¹¹².

Como necessidade posterior à institucionalização do método analítico e com a finalidade de respaldar as atividades do professor primário, novos materiais didáticos foram elaborados para atingir certa adequação e adaptação das cartilhas e livros de leituras tanto aos “[...] moldes lingüísticos e culturais brasileiros [...]” (Mortatti, 2000, p. 86), quanto à reforma da instrução pública.

Além de baseado em “métodos antigos”, o material didático impresso produzido por brasileiros era incipiente do ponto de vista quantitativo, em vista das novas necessidades de expansão e organização do ensino. [...] É apenas entre o final da década de 1890 e início da década de 1900, que começam a ser publicadas cartilhas brasileiras afinadas com o novo método para o ensino da leitura. [...] Muitas outras se seguiram, escritas por professores normalistas atuantes no magistério, os quais partilhavam dos progressos pedagógicos e, muitas vezes, do “círculo do poder” educacional

¹¹² Mortatti (2000) apresenta resultados da análise desses documentos. Na dissertação de mestrado de Pereira (2009), essa autora apresenta resultados de análise de *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar* (1911), de autoria de Miguel Carneiro Júnior, J. Pinto e Silva, Mariano de Oliveira e Theodoro de Moraes.

do Estado de São Paulo. Mediante pareceres de “comissões de especialistas”, essas cartilhas eram indicadas às autoridades educacionais e, uma vez aprovadas, passavam a ser adotadas – entendendo-se a “adoção” como oficialização e aquisição – pelo Estado, para uso nas escolas primárias paulistas, com a finalidade de uniformizar o ensino da leitura. (Mortatti, 2000, p. 86-87).

Tendo acompanhado essa necessidade de produzir materiais didáticos, segundo Mortatti (2000), ganhou destaque nesse “segundo momento crucial” na história do ensino inicial da leitura no Brasil, o papel desempenhado pelas editoras, algumas das quais se dedicaram apenas a produção desse tipo de material e, também, a atuação de alguns professores como autores de livros didáticos.

Desse modo, o impulso nacionalizante na produção de cartilhas escritas por brasileiros começa a se fazer sentir nos anos finais do século XIX a partir da articulação de fenômenos como o apoio de editores e a especialização de editoras na produção de material didático, o processo de institucionalização oficial da cartilha, com aprovação, compra e distribuição às escolas por parte dos governos estaduais e, também, o aparecimento de um topo de escritor que se profissionaliza como tal: o professor.

No âmbito dessa produção de livros didáticos, segundo Mortatti (2000), destacaram-se os professores paulistas Theodoro de Moraes, Arnaldo de Oliveira Barreto, Carlos Alberto Gomes Cardim e Mariano de Oliveira. Esses professores, assim como constata Mortatti (2000, p. 134), tiveram suas cartilhas publicadas e aprovadas nas décadas iniciais do século XX e, como inspetores de ensino neste estado, tiveram apoio aos livros didáticos que escreveram a partir da “[...] carreira construída no magistério e na [...] administração da instrução pública paulista.”

Quando Francisco Vianna disputou espaço no âmbito da produção didática para o ensino da leitura, tinha acumulada experiência profissional como professor primário e secundário e diretor de grupo escolar, todavia, não ocupou cargo de liderança na instrução pública neste estado – Francisco Vianna ocupou o cargo de inspetor do ensino secundário no Rio de Janeiro a partir dos anos finais da segunda década do século XX – e, se comparado aos inspetores escolares especialmente os que mencionei acima, esse professor foi pouco conhecido neste estado.

Presumo que por esse motivo, o espaço ocupado pelos livros de Francisco Vianna foi menor em comparação aos livros escritos pelos outros professores. Além desse aspecto, como mencionei anteriormente, considerando que a Francisco Vianna teve influência das ideias positivistas por intermédio de seu tio Godofredo José Furtado, esse aspecto pode ter prevalecido em sua formação e, por esse motivo, nos livros escritos por esse professor o aspecto pedagógico pode não ter sido tão preponderante levando a menor aceitação de seus livros por parte dos professores primários, considerando que esses buscavam materiais didáticos nos quais o método analítico para o ensino da leitura estivesse tecnicamente aplicado.

Considero, também, que os inspetores escolares tiveram maior contato com os professores primários à medida que realizavam visitas periódicas às escolas e podiam ter conhecimento de aspectos almejados e de algumas das necessidades específicas dos professores primários em relação à aplicação pedagógica do método analítico nos livros didáticos. Francisco Vianna, apesar de ter tido experiência profissional como professor, atuou nas escolas na década final do século XIX e na 1ª década do século XX; quando elaborou os livros da Série “Leituras Infantis” se situava temporalmente em um momento e buscava soluções de acordo com as referências de que dispunha naquele momento tanto em relação ao método em si, quanto em relação aos aspectos pedagógicos envolvidos na aplicação prática do método.

Presumo que pelo motivo de Francisco Vianna não ter tido uma convivência mais sistemática e perene com os professores primários que pudesse ter-lhe auxiliado no aperfeiçoamento de seus livros de acordo com as necessidades que surgiam, seus livros se tornaram menos adequados ao método analítico adotado oficialmente nas escolas públicas paulistas em comparação aos livros de Theodoro de Moraes, Arnaldo de Oliveira Barreto, Carlos Alberto Cardim e Mariano de Oliveira, por exemplo, que estavam em maior consonância e sintonizados às necessidades dos professores primários no momento em que foram publicados.

No *Anuário do ensino do Estado de São Paulo*, publicado no ano de 1918, está apresentado relatório contendo avaliação de livros didáticos o qual foi elaborado por Antonio Sampaio Dória, Americo de Moura e Plínio Barreto. No parecer, Americo de Moura apresenta suas avaliações a respeito

das cartilhas da Série “Leituras Infantis”, de Francisco Vianna, quando aborda a questão das cartilhas destinadas ao ensino da leitura:

Nas actuaes condições das boas escolas publicas de S. Paulo, em que se reflectem os mais recentes progressos pedagógicos, o primeiro problema, a questão fundamental da mecânica da leitura, o primeiro e agigantado passo da sua aprendizagem consiste na integração de cada um dos núcleos de representações verbaes já existentes no espírito da criança pelo domínio da forma escripta do seu vocabulário oral, escoimado, entende-se, de grosseiras imperfeições. Por ser principalmente de assumpto e de linguagem esse problema não o discutirei aqui, embora elle seja capital para o methodo, quer se applique á analyse, quer á synthese, tanto nos processos da sentença e da palavra como nos de base phonetica. Todavia, creio que poderei dar solução parcial ao problema, adoptando de preferênciã a marcha analytica, exigindo que o ponto de partida sejam phrases ou palavras oralmente familiares. E como não preenchem essa condição, entendo, que são rejeitáveis as seguintes cartilhas:

- N.º 49. Francisco Vianna, PRIMEIROS PASSOS
- N.º 64. Thomaz Galhardo, CARTILHA DA INFÂNCIA
- N.º 83. L. Cardoso, ARTE DE LEITURA
- N.º 84. N. Martins LIVRO DOS PRINCIPIANTES
- N.º 198. Locio E. Seilbiz, CARTILHA BRASILEIRA
- N.º 236. Sylvio Teixeira, CARTILHA MODERNA.

Menos condemnavel, aparentemente é o processo da “Cartilha” da série “Leituras Infantis” (N.º 50) em que se encontra em forma destinada á analyse o mesmo texto dos “Primeiros passos”; mas se me fosse licito admitir a conciliação de processos numa forma tão accentuadamente phonetica, sem duvida eu preferiria a “Cartilha das Mães”, de Arnaldo Barreto (N.º 18) a qual francamente envereda pela syllabação, ou as cartilhas de palavração de Ramon Roca (N.º 32, Cartilha Moderna) e de Marianno de Oliveira (N.º 27, Nova Cartilha, Ensino Rapido). (Anuário Do Ensino..., 1918, p. 178-179).

Para o ensino da escrita, também no *Anuário de ensino* do ano de 1918, Americo de Moura propõe dentre diversos livros, que seja eliminado o caderno de caligrafia americana de Francisco Vianna, a seu ver, incompatível com

os processos de ensino adotados oficialmente nas escolas paulistas.

A partir desses aspectos, pude presumir que apesar de terem circulado e sido reeditados durante várias décadas após a publicação das primeiras edições, os livros da Série “Leituras Infantis”, especialmente os destinados ao ensino inicial da leitura, como *Primeiros passos na leitura* não tiveram plena aprovação por parte desta comissão de avaliação dos livros didáticos que apresentei, cuja publicação se deu no *Annuário do ensino* referente ao ano de 1918.

Além desses aspectos, também no “segundo momento crucial” da história do ensino da leitura no Brasil, segundo Mortatti (2000, p. 123, 133, 134), aliado à “[...] busca pela cientificidade e pela racionalidade em educação”, mediante a defesa da utilização do método de ensino intuitivo¹¹³ e da “institucionalização do método analítico para o ensino da leitura”, o “grupo de intelectuais republicanos responsáveis pela instrução pública paulista” tomou outra medida visando à renovação educacional: a criação dos grupos escolares no ano de 1893.

Como analisa Souza (1998), os grupos escolares surgiram como grande inovação na organização do ensino primário, que, segundo Souza (1998), introduziu uma série de modificações nesse ensino e agiu na atribuição de sentidos simbólicos para a população, dentre eles, a “consagração da República” (Souza, 1998, p. 30).

Souza (2006) afirma que:

Os grupos escolares foram criados no estado de São Paulo em 1893, a partir da reunião de escolas isoladas agrupadas pela proximidade, ficando obrigados a adotar o tipo de organização e método de ensino das escolas-modelo do estado. À medida que tais escolas-modelo foram consolidando-se e os grupos escolares começaram a funcionar nos centros urbanos, eles foram diferenciando-se cada vez mais das outras escolas primárias existentes no estado. Nesse processo, a construção de uma representação exaltadora das vantagens dos grupos escolares, considerando-os escolas modelares, ocorreu sobre uma representação negativa das escolas isoladas e escolas reunidas. As primeiras como representantes do passado e as segundas como uma modalidade transitória, ambas medíocres e fadadas ao desaparecimento. (p. 113-114).

¹¹³ Abordarei a questão do método de ensino intuitivo no tópico seguinte deste capítulo.

Essa organização da escola primária paulista em grupos escolares, segundo Souza (2006), ao congregar aspectos do modelo de organização da “[...] escola graduada em países europeus e nos Estados Unidos utilizados como meio de difundir a educação popular” (Souza, 2006, p. 113), ganhou muitos adeptos paulistas justamente pelo motivo de ter reunido diversos aspectos do ensino graduado, os quais eram considerados “modernos e cientificamente adequados” (Souza, 2006, p.113). Segundo Souza (2006):

A escola graduada fundamentava-se essencialmente na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, implicando a constituição de classes. Pressupunha, também, a adoção do ensino simultâneo, a racionalização curricular, controle e distribuição ordenada dos conteúdos e do tempo (graduação dos programas e estabelecimento dos horários), a introdução de um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. O modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos da racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor. (p. 114).

A respeito da escola graduada e do processo de gradação para o aprendizado da leitura, Francisco Vianna informa em outra nota de rodapé no livro *Leitura preparatória*:

Em cada um dos livros desta série — *Leituras Infantis* — procurou-se atender ao desenvolvimento progressivo dos alunos. Por isso, êles apresentam pequenas diferenças, devidas á desigual intensidade das funções cerebrais da criança, segundo a idade.

Assim, enquanto este livro é essencialmente banal, referindo-se quase exclusivamente á vida dos mais verdes anos, os outros já se preocupam de desenvolver, sempre sob a forma de histórias, os sentimentos propriamente sociais, em relações que se vão tornando cada vez menos restritas.

No 4º. livro, finalmente, são cultivados, por meio de exemplos históricos bem característicos, os sentimentos cívicos e de fraternidade universal em sua quasi plena generalidade. (Viana, 1937, apud Viana; Carneiro Júnior, 1937a, p. 5).

Mediante os aspectos que apresentei, foi possível constatar as relações que Francisco Vianna estabeleceu em seu momento histórico, movido

presumivelmente pelo propósito de contribuir para a educação das crianças brasileiras e para a construção e o aperfeiçoamento da República.

Apesar de ter sido publicada no “segundo momento crucial” da história do ensino da leitura no Brasil, os livros da Série “Leituras Infantis” continuaram a ser reeditados também no “terceiro momento crucial”. Segundo analisa Mortatti (2000):

Embora o método analítico continue a ser considerado o “melhor” e “mais científico”, sua defesa apaixonada e ostensiva vai-se diluindo, à medida que se vai secundarizando a própria questão dos métodos de alfabetização, em favor dos novos fins, para a consecução dos quais, se respeitadas tanto a maturidade individual necessária na criança quanto a necessidade de rendimento e eficácia, podem ser utilizados outros métodos, em especial o método analítico-sintético – misto ou eclético –, e se obterem resultados satisfatórios. (p. 145).

3.2 Método de ensino intuitivo nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX

Tendo sido elaborado nas décadas finais do século XIX como uma proposta de tornar o ensino menos “abstrato e mnemônico” (Valdemarin, 2006a), o método de ensino intuitivo surgiu especialmente em países europeus e nos Estados Unidos, como uma renovação educacional que acompanhou movimento correlato de expansão gradativa da escola à população e vinculação direta entre a escola e a formação do cidadão para a república.

Segundo Valdemarin (2006a), o método de ensino intuitivo se situou em um ambiente de intensa defesa em favor de práticas pedagógicas mais renovadas, tendo sido apresentado como conjunto de conhecimentos aos professores e veiculado, especialmente sob a forma de manuais de ensino. No Brasil, dentre os manuais que circularam, o mais divulgado e utilizado na formação de professores foi *Primeiras lições de coisas*, escrito pelo norte-americano Norman Allison Calkins e publicado no ano de 1861. Esse manual, segundo Valdemarin (2006a), foi “[...] apresentado na Exposição Universal

de Filadélfia¹¹⁴ em 1876, sendo recomendado por Ferdinand Buisson em seu relatório ao governo francês como a melhor coleção de lições de coisas já elaborada, motivando inúmeras traduções [...]” (p. 89). A tradução deste manual para o português foi elaborada por Rui Barbosa, tendo sido publicada no ano de 1886.

Com o método de ensino intuitivo é proposto o desenvolvimento do “espírito da criança” (Bianco, 1999, p. 50) por meio da observação que exercita os sentidos da visão, audição, tato, paladar, olfato. Por esse motivo, com esse método foram propostos novos materiais didáticos, que compreendiam caixas para o ensino de cores e formas e livros didáticos com gravuras e conteúdos articulados a essa forma de conhecer a partir da observação. Sobre esse aspecto, Valdamarin (2006a) afirma: “[...] a chave para desencadear a pretendida renovação é a adoção de um novo método: concreto, racional e ativo, denominado *ensino pelo aspecto, lições de coisas* ou *ensino intuitivo* [...]” (p. 91, grifos da autora).

Ainda segundo Valdamarin (2006a), em *Primeiras lições de coisas*, Calkins considera que:

[...] todas as noções do espírito têm sua origem na percepção da existência de semelhanças e diferenças entre os objetos proporcionada pelos sentidos, e a atividade educativa consiste justamente na sugestão de exercícios para aprimorar essas faculdades, adequados às sucessivas etapas do desenvolvimento humano. Dada a peculiaridade da infância, essas atividades devem ser associadas à recreação e ao prazer, estratégias para obter a atenção e o aguçamento da curiosidade conseguindo-se assim formar o hábito de atenção firme, necessário à educação intelectual. (p. 101).

Dada a importância da observação, os sentidos, nessa perspectiva, são “as janelas e portas do espírito” (Calkins, 1950, apud Valdamarin, 2006a, p. 102) e

[...] permitem a comunicação com o mundo, produzindo sensações geradoras de percepções que, por sua vez, produzem concepções que são

¹¹⁴ Segundo Valdamarin (2006a), as exposições universais pedagógicas podem ser compreendidas no âmbito desse movimento de renovação pedagógica, como meio de divulgar práticas, materiais e aplicações renovados para o ensino. Essa autora informa também os locais e datas nos quais foram realizadas essas exposições: Londres (1862); Paris (1867), Viena (1873); Filadélfia (1876); e no Brasil (1883) (Valdamarin, 2006a).

retidas pela memória. É sobre esse material que operam o raciocínio e a imaginação, produzindo juízos. A atenção sobre as percepções possibilita a observação acurada que, aliada à comparação e à classificação das experiências e dos fatos, produz o conhecimento, decorrendo daí a proposição de que a escola elementar deve dedicar-se ao cultivo do hábito da observação cuidadosa. (Valdemarin, 2006a, p. 102).

Considerando o desenvolvimento da criança, Valdemarin (2006a) explica que no manual de Calkins, o ensino está prescrito gradualmente e mediado pela linguagem, de forma que

Durante os dois anos iniciais de escolaridade, são praticados exercícios destinados a formar o hábito de pensar e dizer com “desembaraço e correção”, descrevendo as sensações experimentadas no contato com objetos existentes, isto é, traduzindo por meio da linguagem as sensações provenientes da visão, da audição, do paladar, do olfato e do tato, com o objetivo de garantir que as idéias adquiram um símbolo falado, a palavra que as designa. Esses exercícios são também utilizados para nomear ações, lugares, modos, desejos, roupas etc., devendo ser praticados diariamente para exercitar a atribuição de significados àquilo que já é conhecido, mas não era até então adequadamente qualificado. (Valdemarin, 2006a, p. 103).

A linguagem, nesse sentido, é o meio em torno do qual o ensino é efetivamente organizado:

No início do programa escolar, o estudo da língua confunde-se com as lições de coisas e as regras gramaticais só devem ser estudadas após os exercícios práticos de expressão e redação do pensamento, de composição e estilo, levando o aluno a adquirir o hábito da enunciação pronta, clara, apropriada e fiel. Todos os trabalhos escolares confluirão para o ensino da língua, evitando-se as abstrações e as definições, que sucederão o conhecimento ao invés de precedê-lo, transformando-se a observação e a experimentação em práticas produtivas, voltadas para a descrição dos fenômenos numa linguagem precisa e clara, que evidencia a compreensão. (Valdemarin, 2006a, p. 104).

Quando explica os fundamentos das “lições de coisas”, Valdemarin (2006b) apresenta também a definição de Ferdinand Buisson contida no

Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'insstruction primaire (1911, apud Valdamarin, 2006b), em que estão abrangidos três aspectos:

[...] a) colocar um objeto concreto aos olhos do aluno a título de exemplo, a fim de levá-lo a adquirir uma idéia abstrata; b) fazer ver, observar, tocar e discernir as qualidades de certos objetos por meio dos cinco sentidos (educação dos sentidos) e c) conhecer objetos e fatos através da natureza e da indústria, de modo que sejam aprendidos uma coisa e seu nome, um fato e sua expressão, um fenômeno e o termo que o designa.

Nas três acepções, evidencia-se que as lições de coisas ou método de ensino intuitivo têm os objetos como suporte didático e os sentidos como os atributos humanos que possibilitam a produção de idéias – a princípio concretas e que ascendem à abstração – e que a educação deve focalizar elementos presentes no dia-a-dia, próximos à criança, para levá-la à compreensão das coisas comuns, unindo-se, na mesma definição, proposições sobre o que ensinar e como ensinar.

As lições de coisas têm por objetivo educar os sentidos para a obtenção do conhecimento, de modo que passe para a intuição intelectual fazendo uso de objetos comuns, conhecidos pelas crianças que freqüentam a escola, lançando mão também de outros objetos criados especificamente para o ensino, os objetos didáticos. (Valdamarin, 2006b, p. 173, grifos da autora).

No caso brasileiro, especialmente o paulista, como afirma Bianco (1999) foi na Escola Normal que os professores aprenderam os fundamentos do método de ensino intuitivo e, quando assumiram cargos como professores e/ou diretores de escolas primárias, passaram a divulgá-lo e aplicá-lo.

Como afirma Valdamarin (2006b), as lições de coisas conforme proposta por Calkins (1950, apud Valdamarin, 2006b) são exemplos

[...] do pensamento caracterizador do século XIX, “o tempo das certezas”, que, em conformidade com a filosofia moderna, chega à escola, instituição também moderna, para ser difundido às gerações mais jovens na forma de conteúdos, exercícios e atividades. O conteúdo escolar é estabelecido em continuidade com episódios cotidianos, tendo a natureza como objeto a ser compreendido; pauta-se por objetos que pretendem descrever exata e facilmente os fenômenos; parte-se dos fatos e objetos para compreender as razões e as causas não evidentes; a generalização é buscada a todo custo, pois só ela permite o estabelecimento de ligações entre os

fatos e, portanto, a compreensão universalizante e segura. A preocupação com a linguagem e com as palavras intenta, ao mesmo tempo, torná-la expressão de idéias claras e vinculadas aos fatos cotidianos, que são, assim, explicados. O método e o conteúdo de ensino apresentados nessas *lições de coisas* soa primordialmente classificatórios, já que são baseados numa concepção de natureza homogênea e harmônica cujas leis se aplicam do maior ao menor, aos reinos animal, vegetal e mineral. Mas são acima de tudo uma concepção utilitária da ciência que estabelece similaridade entre encontrar uma utilidade e encontrar uma razão. (Valdemarin, 2006b, p. 181, grifos da autora).

De modo geral, os encaminhamentos metodológicos propostos neste manual de ensino

[...] priorizam a aquisição de algo que poderíamos chamar de raciocínio científico típico do século XIX, isto é, a preocupação incide mais sobre a passagem do raciocínio concreto (proveniente dos próprios objetos) para o raciocínio abstrato, que é a generalização dos objetos particularmente conhecidos. Toda a seqüência das lições está voltada para a passagem de um raciocínio a outro, pois ele se detém nas diferentes mediações que vão do objeto conhecido, sua classificação e diferenciação até chegar, em último lugar, à definição ou ao conceito, que consiste numa interferência de todos os dados aprendidos. (p. 180).

A esse respeito, em *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura*, para fundamentar a sua argumentação em favor da sentencição, Francisco Vianna (1925) cita o estudo de Augusto Comte, considerado por ele “[...] o maior philosopho de todos os tempos, o imortal [...]” (p. 2), contendo a “[...] extraordinaria analyse das funcções cerebraes, a decomposição da alma humana em seus elementos irredutíveis [...]” (Vianna, 1925).

A partir da apresentação de quadro contendo estudo de Augusto Comte sobre a alma humana, intitulado “Classificação positiva. Das 18 funcções interiores do cérebro ou quadro systematico da alma”, Francisco Vianna (1925) argumenta:

Com relação ás funcções do espírito, todos verificam facilmente que a creança em seu raciocino segue a mesma marcha que o adulto, isto é,

contempla primeiramente, adquirido idéas sobre os seres e seus phenomenos e depois medita, isto é, pensa, induzindo (adquirindo princípios) e deduzindo (tirando consequências), tendo depois a tendência de comunicar os resultados de suas concepções intellectuaes. (p. 3).

Para Francisco Vianna, portanto, a capacidade de compreensão do ser humano e, especialmente da criança, segue uma sequência que é encaminhada a partir da observação de seres e de fenômenos, o que permite elaborar idéias sobre o que se observou (induz o que seria e pensa sobre após a exposição ao fenômeno) e deduz (elabora suas idéias sobre o observado), o que, por sua vez, tem de ser comunicado, exposto de algum modo.

A partir dessa constatação, Francisco Vianna (1925) complementa:

No emtanto, constatamos que nella [na criança] a contemplação é incomparavelmente muito mais intensa que a meditação, que a primeira se exerce mais com relação aos seres do que com os phenomenos, isto é, que sua contemplação é mais concreta do que abstracta, mais synthetica do que analytica e que, com relação á meditação, ella apresenta mais tendência para as generalizações do que para as systematizações. (p. 5).

Constatarei, portanto, que os princípios nos quais Francisco Vianna se baseou quando elaborou os livros da Série “Leituras Infantis” se articulam ao método de ensino intuitivo divulgado no Brasil e, especialmente, na Escola Normal da Capital paulista, local onde presumo que Francisco Vianna conheceu os fundamentos do método.

Além desse aspecto, nas “Orientações aos professores” contidas em *Cartilha: leituras infantis*, Francisco Vianna apresenta as “fases” (Vianna, 1945), que, a seu ver, deveriam ser seguidas para o ensino da leitura às crianças com a utilização da cartilha.

Sobre a 1.^a fase, Francisco Vianna (1945) propõe:

1.^a FASE. — Sucessivamente da 1.^a á 6.^a lição o professor mostrando a gravura que encima cada uma, entabolará com seus alunos uma conversa pela qual, com paciência e habilidade, levará os mesmos a não só compreenderem o texto, com até a ficarem com as respectivas sentenças quasi decoradas. (p. II).

A partir da elaboração oral das sentenças, o professor passará para a 2ª. fase:

2.ª FASE. — Depois de recordá-las oralmente, o professor irá escrevendo as sentenças da 1.ª lição, com maiúsculas, minúsculas e respectiva pontuação. Lendo-as clara e lentamente, á proporção que as grafar no quadro, procurará fazer com que os discípulos as reconheçam. [...] Nesta fase, depois do tipo de impressão, dar-se-á, no quadro-negro, o manuscrito, começando por escrevê-lo abaixo do primeiro sentenças manuscritas da lição, irá acompanhando o da leitura. Quando estiver a turma estiver mais ou menos apta a reconhecer a maioria das sentenças das seis primeiras lições, e depois de feita uma ligeira recapitulação, passar-se-á á terceira fase. (Viana, 1945, p. III).

Por fim, a 3ª. fase, Francisco Vianna (1945) indica que:

3.ª FASE. — Por ocasião de ser iniciada cada aula de leitura, o professor entregará as cartilhas, que então haviam ficado guardadas. Pedirá que eles examinem a primeira lição dando-lhe o tempo necessário para que a percorram. Indagará qual será capaz de lê-la. Alguns conseguirão realmente ler; outros, porém, mesmo dos que se hajam julgado capazes, manifestarão ainda um estado de grande confusão. Não desanime o mestre e de preferência a lêr-lhe, êle próprio, a sentença procure lembrar-lhes o assunto, resolvendo depois qualquer dificuldade encontrada no quadro-negro, mediante a decomposição das sentenças em vocábulos. A escolha adequada dêstes, especialmente dos monossílabos, permitirá não só o conhecimento das vogais, como, sem que seja preciso mencionar os nomes das letras ou mesmo pretender ensinar a articulação respectiva, o valor de cada novo elemento fônico introduzido. Recorrendo quando possível á decomposição do mesmo vocábulo para cada lição, como *vovô, dado, moeda, viola*, etc., obterá facilmente que os discípulos leiam quaisquer outras frases ou mesmo palavras isoladas.

Atingida á sexta lição, em vez de passar adiante, o mestre procurará fazer lêr no quadro-negro, á proporção que as fôr grafando [...]. (p. III-IV).

Na [fase] do diálogo já não deve levar o aluno á decoração das frases, mas tão-somente á compreensão do texto. Para isso, o mestre, conquanto utilizando-se de seus vocábulos e muito especialmente dos que contiverem a consoante introduzida nessa lição, enunciará as sentenças de fôrma um pouco diversa da do texto. [...] No mesmo dia o mestre já escreverá no quadro-negro algumas das sentenças da lição, fará com que as leiam

tentando quanto possível lêr as palavras formadas pelos elementos que figuram nas lições anteriores, decompô-las-á e dará frases e mesmo palavras novas. No dia imediato fará lêr no próprio livro, dando, em seguida a respectiva duplicata. (p. IV).

As indicações desse autor são para que ao final do conjunto das seis primeiras lições, as três fases devam ser utilizadas em cada uma das lições: “[...] em vez de as aplicar [as três fases do ensino] a um novo grupo de seis lições, devermos aplicá-las a cada lição de per si.” (p. IV). As formas de utilização das três fases do ensino, porém, a partir da 7ª lição, segundo Francisco Vianna (1945), são diferentes.

Na [fase] do diálogo já não deve levar o aluno á decoraçáo das frases, mas tão-somente á compreensão do texto. Para isso, o mestre, conquanto utilizando-se de seus vocábulos e muito especialmente dos que contiverem a consoante introduzida nessa lição, enunciará as sentenças de fórmula um pouco diversa da do texto. [...] No mesmo dia o mestre já escreverá no quadro-negro algumas das sentenças da lição, fará com que as leiam tentando quanto possível lêr as palavras formadas pelos elementos que figuram nas lições anteriores, decompô-las-á e dará frases e mesmo palavras novas. No dia imediato fará lêr no próprio livro, dando, em seguida a respectiva duplicata. (p. IV).

As indicações de Francisco Vianna são de que à medida que as lições forem avançando e os diálogos do professor forem sendo reduzidos, as crianças iriam observando que em cada lição há um aspecto novo, “[...] um novo som cuja representação lhe compete descobrir, sem que tenha sido preciso explicar-lhe isto explicitamente.” (Viana, 1945, p. V).

A partir desses aspectos, compreendi que os encaminhamentos metodológicos propostos por Francisco Vianna, especialmente para a utilização de *Cartilha: leituras infantis* e também de *Primeiros passos na leitura*, indicam sua articulação com o método de ensino intuitivo, que se fundamenta nas lições de coisas. No que se refere às lições de coisas, Valdemarin (2006b) afirma que “[...] a atividade do aluno é falar, responder perguntas, desenhar, pintar, expressar-se oralmente e por escrito, emitindo sua compreensão da atividade proposta e esperada pelo professor.” (Valdemarin, 2006b, p. 194, grifos da

autora). Considerando as afirmações de Valdamarin (2006a) a respeito das lições de coisas, pude compreender que as “fases” indicadas por Francisco Vianna, como mencionei anteriormente, apresentam a proposta desse autor como “concretização” (Mortatti, 2000) metodológica do método de ensino intuitivo nos livros da Série “Leituras Infantis”.

Outro aspecto que destaco é a opção de Francisco Vianna pelo método analítico para o ensino da leitura. Segundo Valdamarin (2004), o ensino da leitura de acordo com o método de ensino intuitivo, especialmente considerando as proposições de Calkins (1950, apud Valdamarin, 2004), tem nas palavras

[...] a unidade da linguagem e das idéias nelas simbolizadas, já que a aprendizagem engloba a idéia, o som ou palavra falada e sua forma escrita e, portanto, aprender a ler implica o conhecimento sobre os sons ouvidos, falados e o reconhecimento das letras usadas em sua escrita. (p. 141).

Valdamarin (2006a) complementa descrevendo, sinteticamente, a sequência dos procedimentos metodológicos propostos por Calkins (1950, apud Valdamarin, 2006a) para o ensino da leitura:

A aprendizagem deve caminhar do concreto para o abstrato, do simples para o complexo, dos fatos para as regras. A sequência das lições, portanto, deve estar voltada para o reconhecimento de palavras, frases e sentenças pela audição; para seu uso ou significado na fala e na escrita, considerando, portanto, a idéia, o som ou a palavra falada e sua forma escrita. Para aprender as palavras grafadas a criança precisa reconhecer os sons que ouve quando fala e reconhecer as letras que usa quando as escreve, distinguindo umas das outras. Assim, os processos mentais envolvidos na atividade de aprendizagem da leitura englobam o reconhecimento da forma visível das palavras, a descoberta do que as palavras expressam em sua combinação de letras ou como componente de um grupo de palavras e a associação delas às idéias, síntese do que se pretende atingir tanto com a leitura quanto com a escrita. (p. 142).

Segundo Valdamarin (2006a), portanto, a forma com que o método intuitivo foi proposto e divulgado no Brasil e, principalmente no estado de São Paulo, nas décadas finais do século XIX e iniciais do XX, fornece os referenciais necessários para justificar a importância do método analítico para o

ensino da leitura e sua articulação direta com o “movimento de renovação educacional” (Valdemarin, 2006a) que encontra em São Paulo o terreno adequado para a disseminação da “modernidade pedagógica” (Valdemarin, 2006b).

3.3 Método analítico para o ensino da leitura nos livros da Série “Leituras Infantis”

Como informei, os livros da Série “Leituras Infantis” foram publicados no que Mortatti (2000) considera “segundo momento crucial” na história do ensino da leitura no Brasil. No âmbito desse momento, destacaram-se as “normatizações”, “tematizações” e “concretizações” (Mortatti, 2000) em relação a esse ensino por meio do método analítico.

Caracterizaram esse momento, a “institucionalização do método analítico para o ensino da leitura” (Mortatti, 2000) e a publicação dos documentos *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos anos do curso preliminar* (Directoria..., 1911, apud Mortatti, 2000) e *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico – modelos de lições* (Directoria..., 1915, apud Mortatti, 2000), com a finalidade de orientar os professores na utilização do método analítico em sala de aula.

Nos livros da Série “Leituras Infantis”, Francisco Vianna “concretizou” sua proposta para o ensino da leitura por meio do método analítico. Constatei as indicações de Francisco Vianna em relação a esse método especialmente em *Cartilha*: leituras infantis tanto nas orientações aos professores, quanto na forma com que as lições estão organizadas.

Situado nesse “segundo momento crucial” (Mortatti, 2000), Francisco Vianna elaborou sua proposta para o ensino da leitura por meio do método analítico e disputou espaço com outras propostas de professores que tiveram seus livros didáticos publicados. Em relação à forma com que *Cartilha*: leituras infantis está organizada, a partir dos resultados da análise que localizei em Mortatti (2000), Pasquim (2009), Bernardes (2006), Pereira (2009), Sobral (2007) e Gazoli (2010), compreendi que se assemelha em muitos aspectos às outras cartilhas publicadas no mesmo momento histórico, como por exemplo: *Cartilha infantil* (1908), de Carlos Gomes Cardim; *Cartilha analytica* (1909?), de Arnaldo de Oliveira Barreto; *Meu livro* (1909), de Theodoro de Moraes;

Nova cartilha analítico-sintética (1916), de Mariano de Oliveira; *Cartilha Proença* (1927), de Antonio Firmino de Proença.

Além desse aspecto, a forma com que os livros da Série “Leituras Infantis” estão organizados, indica certa semelhança com as séries graduadas de leitura publicadas naquele momento. Um dos aspectos que a diferencia das demais é a quantidade de livros: na série de Francisco Vianna há sete livros, dos quais dois são cartilhas, um é livro intermediário e quatro são livros de leituras. De modo geral, as séries graduadas eram compostas por quatro livros, uma cartilha e três livros de leituras, considerando que um livro correspondia e era utilizado em um ano da escola primária. É possível questionar, portanto, qual o motivo de a Série “Leituras Infantis” ter uma grande quantidade de livros; seriam utilizados mais de um livro por ano?

Além desses aspectos, os livros da Série “Leituras Infantis” foram publicados durante um período de praticamente sete décadas e editados em formato, medida e custo adequados ao público escolar ao qual se destinavam. A forma com que a série, os livros e as lições estão organizados indica certa gradação para o ensino da leitura, decorrente da adequação dessa série ao ensino primário graduado e, também, da concepção teórica na qual Francisco Vianna se fundamentou quando da elaboração dos livros.

A respeito da sequência dos livros, problematizo o grau de “autonomia” de cada um dos livros: teriam eles sido utilizados apenas no conjunto da série de livros, de modo sequencial, ou teriam sido utilizados isoladamente, e, por esse motivo que alguns dos livros tiveram mais edições publicadas do que outros?

Além disso, as poucas edições que pude localizar até o momento de *Quarto livro de leituras infantis...* podem ser atribuídas à distância temporal de 11 anos de sua publicação em relação à *Terceiro livro de leituras infantis*, o que teria deslegitimado a importância desse último livro, considerando que os professores primários tiveram que improvisar um livro didático para o ensino da leitura, enquanto não havia sido publicado o dessa série que se destinava a essa classe mais adiantada; ou então, nessas classes mais adiantadas, os livros de séries de leitura não eram mais utilizados, mas sim outros tipos de livros didáticos ou materiais para o ensino?

Considerando, também, os livros cujas edições foram modernizadas pelos filhos de Francisco Vianna ficam questões para reflexão, especialmente

a respeito da relação de Euclides e Paulo Mendes Vianna com as questões relativas à educação: pelo fato de seus também serem da área da educação, compreendiam a importância dos livros que o pai teve publicados e conseguiram se situar no âmbito pedagógico, de modo a modernizar os livros da série? A opção por publicar essa edição modernizada partiu de uma iniciativa dos filhos do autor, ou foi uma proposta da editora a qual foi aceita pelos filhos? Teriam sido modernizados apenas alguns dos livros da série, cujos exemplares localizei, ou todos os livros da série?

Outro aspecto que a diferencia das demais é o título da série; de modo geral, as séries graduadas de leitura eram intituladas pelos nomes de seus autores: Série “Puiggari-Barreto”, de Romão Puiggari e Arnaldo de Oliveira Barreto; Série “Thomaz Galhardo”, de Thomaz Galhardo; Série “Oliveira e Dordal”, de Mariano de Oliveira e Ramon Roca Dordal.

A série escrita por Francisco Vianna, porém, se intitula “Leituras Infantis”, o que pode ser compreendido também como decorrente do desconhecimento dos professores primários a respeito de Francisco Vianna. Enquanto Romão Puiggari, Arnaldo de Oliveira Barreto, Mariano de Oliveira, Ramon Roca Dordal e Thomaz Galhardo dispunham, segundo Mortatti (2000, p. 78, 134), de “carreiras prestigiosas” e ocupavam “cargos na administração da instrução pública”, especialmente paulista ou no interior deste estado, o que fazia com que esses professores fossem conhecidos, as séries de livros de leitura eram legitimadas à medida que eram intituladas com seus nomes. Francisco Vianna, todavia, não ocupou cargo de liderança no estado de São Paulo, o que presumivelmente não o tornou conhecido entre os professores primários, e, por esse motivo a opção por não indicar seu nome como título da série tenha sido tomada, considerando que esse aspecto poderia não legitimar e tornar vendável os livros da série escrita por esse professor.

A questão do título da série foi um aspecto do qual Francisco Vianna participou na decisão ou foi uma decisão editorial que não teve participação desse autor. Destaco, porém, que o livro que localizei que presumo se tratar de uma 1ª. versão de *Terceiro livro de leituras infantis*, publicada pela N. Falcone Editora se intitula *Leituras Infantis*, o que permitiu que eu presumisse que quando a Livraria Francisco Alves comprou a N. Falcone Editora e adquiriu os direitos desse livro de Francisco Vianna optou, juntamente com

Francisco Vianna, por manter o título “Leituras Infantis” para os livros da série e, também, para a série.

Especificamente no que se refere à compreensão de Francisco Vianna a respeito do método analítico para o ensino da leitura, nas orientações aos professores contidas em *Cartilha: leituras infantis*, esse professor afirma que:

Todas as fôrmas de ensinar a lêr podem ser classificadas em dois tipos, conforme a preocupação dominante é a simples tradução fônica ou a compreensão. As do primeiro se reduzem fundamentalmente á soletração e á silabação e as do segundo á palavração e á sentençação. A análise de tais processos conduz fáclmente á convicção de que só são de fato racionais a silabação e a sentençação. A vantagem desta sobre a pura silabação consiste em instituir na criança, desde cedo, o habito de procurar entender o texto. Mas sendo as sentenças constituídas por vocábulos e estes por puros agregados de sílabas, é insispensável que se encaminhe finalmente o discípulo para o conhecimento da relação entre as fôrmas gráficas e os sons, o que só pôde ser obtido mediante a sílaba, único elemento fônico que têm existência distinta. (p. I).

Francisco Vianna complementa, argumentando que:

Na sentençação, por muitos impropriamente denominada *método analítico*, vários autores iniciam o ensino por sentenças em que aparecem simultaneamente grande número de consoantes e de que os vocábulos, depois de bem repetidos e decorados, só muito mais tarde são decompostos em sílabas. Essa fôrma, originária de traduções estreitamente literais de cartilhas americanas, tem, a meu vêr, o grave defeito de deixar o espírito da criança, durante largo trato da aprendizagem, sem perceber que a leitura resulta fundamentalmente da existência de sinais fixos (letras) para determinados sons. Além disto, o ensino se torna por demais árduo e moroso. (p. I, grifos do autor).

Considerando esses aspectos, o autor indica que

[...] ao organizar esta Cartilha, não tive por objetivo ensinar depressa a leitura, porém o de ensiná-la bem, pois só com esta preocupação se virá a não perder tempo, cuidei e muito de tornar a marcha, a mais lógica e racional possível, adaptando-a ás condições da língua portuguesa cuja

grafia, fundamentalmente fonética, permite reduzir sobremaneira as dificuldades, mediante a introdução de mais de um som a cada lição. [...] Todavia, mesmo coordenando as lições segundo a introdução gradual das consoantes, não é necessária a decoração prévia de sílabas isoladas ou mesmo a silabação explícita dos vocábulos. (p. I, grifos do autor).

Para tanto, o autor adverte os professores

A princípio poderá parecer um pouco mais difícil (se é que ha dificuldade em aplicar marcha tão simples) *ensinar* pela sentencição, mesmo subordinada á introdução gradual das consoantes, do que pela silabação ou pela soletração. Em compensação, *para quem aprende*, isto é, para o elemento que deve ser preponderante na escolha do processo a aplicar é *exatamente o inverso que se dá*. Além disto, o aluno que aprender pela sentencição, sempre forçado a preocupar-se mais com o sentido do que com os meios intermediários de interpretá-lo, lê sempre com grande expressão e vivacidade. (p. II, grifos do autor).

O processo inicial de ensino da leitura, portanto, conforme proposto por Francisco Vianna em *Cartilha: leituras infantis* tem como “marcha” (Viana, 1945, p. II) a observação das gravuras, acompanhada dos questionamentos do professor, leitura e escrita das sentenças das lições no quadro-negro e também na cartilha, seguidas de decomposição das sentenças em palavras e destas em sílabas. Nesse âmbito, destacam-se também as atividades de leitura e escrita no quadro-negro. Sobre esse aspecto, conforme Francisco Vianna (1945)

A verdadeira aprendizagem, isto é, a assimilação de novos elementos para a leitura deverá, para que aproveite toda a classe, ser sempre feita por meio do quadro-negro, pelas razões seguintes: 1.º cada sentença póde ir surgindo gradativamente; 2.º as sentenças podem ser escritas, apagadas e reescritas tantas vezes quanto convier; 3.º. Podem ser colocadas em todas as ordens imagináveis, afim de que as crianças não as decorem pela situação; 4.º as várias palavras de cada sentença podem ser dispostas em linha horizontal ou em coluna vertical; 5.º as sentenças podem ser colocadas em face para que as crianças descubram a sua dissemelhança ou a sua identidade ou ainda das palavras que as compõem; 6.º finalmente, só nele poderemos proceder com vantagem á decomposição das sentenças em palavras e ao conhecimento destas. (p. IX).

Sobre a utilização desses procedimentos, Francisco Vianna (1958) orienta:

Começaremos, em relação a cada lição, por levar o aluno a observar a gravura e, por meio de perguntas adequadas, daremos em palestra, quase da mesma forma por que se acham no texto, as sentenças que a constituem. Destacaremos a sentença do alto da página e a escreveremos no quadro-negro, fazendo com que os alunos (nunca em côro) a leiam e, pouco a pouco, a decomponham em palavras. Uma vez reconhecidas as palavras que contenham o fonema novo, tiraremos por elas o valor das sílabas, convido principalmente as que constituem por si só um vocábulo. Não desceremos, porém, além dos monossílabos, visto como não há necessidade de obrigar a criança ao conhecimento dos fonemas isolados, ainda mesmo que eles sejam apenas dados como meras articulações, sem a denominação das letras correspondentes. (p. III-IV).

Sobre esse aspecto, Francisco Vianna argumenta:

À medida que o ensino avança, as indecisões vão desaparecendo e o trabalho se torna gradativamente mais fácil, já porque as palestras podem ser muito resumidas, já porque, na maioria dos casos, o sentido e a quantidade de letras conhecidas permitem ao aluno descobrir por si só e rapidamente o novo fonema introduzido.

Irá, assim, se desfazendo de toda a impressão (inevitável em quantos pela primeira vez aplicam o sistema, especialmente, quando adotam a sentenciação pura), de que os alunos nada aprendem, impressão que irá sendo substituída pela do grande interesse que as lições novas provocam. E logo se manifestarão ao mestre não só a maior compreensão da leitura, como também, em consequência, a vivacidade e a propriedade da expressão. (1958, p. V).

Nas orientações aos professores contidas em *Leitura preparatória*, Francisco Vianna (1937 apud Viana; Carneiro Júnior, 1937a) define que, a seu ver, “Ensinar a ler é, sobretudo, ensinar a *compreender*.” (p. 3, grifo do autor) e que, independentemente do processo adotado no ensino inicial da leitura, durante o período em que está sendo utilizada a cartilha:

[...] por maior que seja o empenho do professor em não dar [...] nenhum vocábulo sem a respectiva significação, as dificuldades que a criança

encontra para estabelecer a correlação entre o *elemento fônico*, que corresponde à idéia, e o *elemento gráfico*, que a representa, são tais, que absorvem em grande parte a atividade mental da mesma. (Vianna, 1937, apud Viana; Carneiro Júnior, 1937a, p. 3, grifos do autor).

Dessa compreensão do autor, decorre a sua forma de encaminhar sua proposta “concretizada” (Mortatti, 2000) nos livros da leitura.

[...] o *verdadeiro ensino da leitura corrente* só começa depois que a criança deixa a cartilha e quando em seu espírito já se tenha definitivamente estabelecido uma íntima e perfeita conexão entre o elemento fônico e o elemento gráfico que o representa. Desde que a criança não encontre dificuldade na *leitura de palavras* ela não se preocupa mais com a representação gráfica e pôde atender principalmente ao sentido. (Vianna, 1937, apud Viana; Carneiro Júnior, 1937a, p. 3, grifos do autor).

A leitura “verdadeira” para Francisco Vianna ocorre quando não é tão marcante, no processo de leitura, a preocupação excessiva com os sinais representados, o que ocorre no período de utilização da cartilha. A transição entre esses períodos — passagem do momento em que a criança se detém na “forma” gráfica representada e não na “leitura de idéias” (Viana, 1937, apud Viana; Carneiro Júnior, 1937a) — deve ser considerada com bastante cuidado, quando da escolha do livro a ser utilizado, pois a leitura, antes de assumir a função a qual esse autor compreende como adequada, pode se tornar “mecânica” (Viana, 1937, apud Viana; Carneiro Júnior, 1937a) e a finalidade da leitura — a compreensão da ideia — pode ser eliminada do processo.

Considerando esse período de transição, Francisco Vianna explica aos professores que, além de utilizar o livro de leituras, é preciso considerar o encaminhamento do ensino da leitura a partir de cinco etapas:

- a) **Explicação prévia do professor.** — Antes de iniciar a lição de leitura, o professor deve explicar cuidadosamente a significação de todas as palavras que os alunos possam desconhecer, bem como o sentido próprio ou figurado das diversas expressões e sentenças do texto.
- b) **Leitura prévia pelo professor.** — Desde que os alunos estejam, por uma explicação prévia, aptos a compreender o sentido, o professor deve ler, para eles ouvirem, a história que vai servir de assunto para a lição do

dia. Esta leitura tem uma importância capital, pois só por ela é que o aluno pode aprender a dar a intonação e a fazer as pausas exigidas pelo assunto e pela pontuação. Assim, as crianças aprendem a dar á leitura a *expressão* conveniente.

c) **Leitura pelos alunos.** — Depois da leitura pelo professor, os alunos devem ler por pequenos trechos. O professor exigirá pronúncia clara e correta e intonação de voz correspondente ao assunto e aos sinais de pontuação.

d) **Exposição socrática.** — Lida a lição várias vezes, o professor fará com que os alunos exponham parcialmente cada trecho, interrogando-os sobre o assunto respectivo e encaminhando sua inteligência para a mais perfeita compreensão do mesmo. Fará, em suma, a interpretação resultar, tanto quanto possível, de uma elaboração mental dos próprios alunos.

e) **Reprodução da história pelos alunos.** — Feita a exposição socrática, o professor, mandando fechar os livros, deve exigir, por um ou mais alunos, a reprodução completa da história lida. Neste caso os alunos farão uma exposição *conciente, compreendida, própria*, e não uma pura repetição de palavras quase decoradas. Somos mesmo de parecer que, nesta exposição, o professor só deve exigir as minúcias que forem indispensáveis á compreensão da história. (Viana, 1937, apud Viana; Carneiro Júnior, 1937a, p. 4-5).

Na sequência, Francisco Vianna explica o processo de elaboração de *Cartilha*: leituras infantis:

O processo de sentencição é, a meu ver, o mais racional, o mais atraente para a criança e o único que lhe permite desde logo apreender o verdadeiro objetivo da leitura e que nunca se afasta d'ele. Além de tudo, bem considerada a questão de tempo, vem a ser também o mais rápido.

A *Cartilha* desta série, cuja ilustração e composição eu mesmo superintendi em Paris, contém cerca de 70 páginas de lições muito acessíveis e curtas, mas que, bem estudadas, permitirão ai aluno passar sem dificuldade para este livro. Escrevendo-a nada tive a modificar no prefácio que se vai ler, vindo a lume com a 1ª. edição e escrito em plena comunhão de idéias com o Sr. Carneiro Júnior, o competente inspetor escolar do Estado de S. Paulo, a cuja colaboração deve este livro grande parte das qualidades que se dignam apontar-lhe. (Viana, 1937, apud Viana; Carneiro Júnior, 1937a, p. 4).

A partir desses aspectos, portanto, compreendi que para Francisco Vianna a “leitura corrente” sucede a etapa inicial do ensino da leitura e que

se caracteriza como uma leitura em que a criança lê as ideias contidas na história e não as palavras ou “sinais gráficos” (Viana, 1945) nela contidos. Considerando esse aspecto, a “leitura corrente” na concepção de Francisco Vianna seria a finalidade principal do ensino da leitura na escola primária; era antecedida por um ensino inicial no qual a criança aprendia a decifrar as sentenças, as palavras e os vocábulos para, com isso, compreender que tais elementos constituíam e representavam uma ideia. Na proposta desse professor para o ensino da “leitura corrente”, a criança estaria “verdadeiramente” (Viana, 1937) lendo à medida que fosse capaz de conseguir ler uma história sem a necessidade de decifrar os sinais gráficos, mas compreendendo as ideias nela representadas.

A partir do que compreendi, para Francisco Vianna, o método analítico era o mais adequado e racional para o ensino da leitura e no processo inicial desse ensino “concretizado” nas cartilhas da Série “Leituras Infantis”, a leitura era aprendida como “decifração”, para o que utilizava a sentencição como forma de processar o método analítico. O ensino da leitura, conforme proposto por Francisco Vianna, em continuidade ao término das cartilhas e “concretizado” nos livros de leitura tinha por finalidade ensinar a “leitura corrente”, para o que as questões relativas ao método não eram mais tão visíveis, considerando que a leitura deveria permitir a compreensão das ideias contidas nas lições.

3.4 Francisco Vianna: formação, atuação profissional e produção escrita no entre séculos

Tendo-se diplomado como professor pela Escola Normal da capital do Estado de São Paulo no ano de 1895, com 19 anos de idade, Francisco Vianna iniciou suas atividades no magistério na Escola Modelo em 1895; atuou como diretor de Grupo Escolar na cidade de Botucatu; foi professor no ginásio do estado em Campinas; e inspetor distrital e supervisor de ensino no então Distrito Federal.

A atuação de Francisco Vianna indica certa consonância com o que, segundo Mortatti (2000), era comum a grande parte dos professores paulistas ou que atuavam neste Estado naquele momento histórico. Além da atuação profissional, também é o grupo de professores com que Francisco Vianna

se relacionou que indica com quem esse professor dialogou: René Barreto, Carlos Alberto Gomes Cardim, Miguel Carneiro Júnior, Arnaldo Barreto e Theodoro de Moraes, conforme localizei menções nos livros de autoria de Francisco Vianna e conforme Paulino (2019) também destaca.

Concomitantemente às atividades como professor, ele teve publicados artigos no periódico pedagógico *Revista de ensino*, assim como livros para o ensino de Matemática e de História e cadernos de caligrafia e livros destinados ao ensino inicial da leitura.

Quando em 1908, com 32 anos, Francisco Vianna teve publicada a série de livros de leituras que elaborou já havia adquirido experiência profissional a partir da atuação no âmbito escolar, o que conferiu conhecimento filosófico e pedagógico necessários para a elaboração dos livros e certo *status* e credibilidade aos livros de leitura por ele escritos, conquistados mediante carreira construída no magistério¹¹⁵.

A formação que Francisco Vianna recebeu de seu tio, a Escola Normal na qual se formou como professor, o grupo de professores com os quais se relacionou, direta ou indiretamente, são indicativos do diálogo que esse professor estabeleceu com seus contemporâneos os quais, assim como ele, estavam movidos pela necessidade de oferecer soluções aos problemas relacionados, principalmente, ao ensino inicial da leitura neste país.

A partir das experiências que vivenciou como sobrinho de um positivista bastante “ortodoxo”, segundo Monarcha (1999), e como normalista da Escola Normal na capital paulista – ambiente no qual, segundo Mortatti (2000, p. 83, 85, 101), as influências das discussões em torno do método analítico como o mais adequado para o ensino da leitura foram mais representativas –, Francisco Vianna agregou e “concretizou” o método analítico

¹¹⁵ A título de comparação, ao considerar as idades dos outros professores que elaboraram suas propostas de livros para o ensino da leitura no mesmo período em que Francisco Vianna, tem-se: segundo Pereira (2009), Theodoro de Moraes contava 32 anos quando teve publicado *Meu livro: primeiras lições de accôrdo com o methodo analytico* (1909); segundo Bernardes (2006), Arnaldo de Oliveira Barreto contava 40 anos quando teve publicada *Cartilha analytica* (1909), segundo Pasquim (2009), Carlos Alberto Gomes Cardim contava 33 anos quando teve publicada *Cartilha infantil pelo método analítico* (1908); segundo Sobral (2007), Mariano de Oliveira contava 46 anos quando teve publicada *Nova cartilha analytico-synthetica* (1915); segundo Gazoli (2010), Antônio Firmino de Proença contava 46 anos quando teve publicada *Cartilha Proença* (1926).

que considerava o mais adequado para o ensino inicial da leitura nos livros da Série “Leituras Infantis” e, mais especificamente, em *Cartilha: leituras infantis* e em *Primeiros passos na leitura*.

Apesar de não ter participado visivelmente da discussão em torno dos métodos para esse ensino, assim como foi comum para outros professores com os quais se relacionou, Francisco Vianna se situou nesse ambiente de disputas, no qual elaborou sua proposta. Ainda que esse professor não tenha participado de um embate mais “acirrado” quando defendia o método analítico para ensino da leitura, sua constatação era de que, apesar de pertinentes, as propostas de aplicação desse método nas cartilhas disponíveis naquele momento, não apresentavam solidamente o que ele considerava como a verdadeira aplicação do método, para o que justificava e legitimava sua série de livros de leitura como singular e concisa proposta de ensinar leitura para as crianças por meio do método analítico.

Por esse motivo a atuação de Francisco Vianna, como professor e autor de livros didáticos, é representativa no que Mortatti (2000) considera como “segundo momento crucial” na história da alfabetização neste país. Francisco Vianna se situou em um meio, no qual se entrecruzaram, segundo Mortatti (2000, p. 78, 82, 83, 133, 134): a “[...] formação de professores baseada em princípios do ‘ensino moderno’ [...] que tinha como defesa o método analítico para o ensino da leitura [...]”; uma “[...] ocupação gradativa dessa geração de professores de cargos tanto na administração da instrução pública brasileira, quanto em escolas primárias, secundárias e normais na capital e no interior paulista [...]”; e a publicação de livros didáticos escritos por esses professores, “[...] nos quais estavam ‘concretizadas’ as tentativas de soluções por eles apresentadas para o ensino inicial da leitura”.

Especialmente mediante a atuação de Francisco Vianna como autor de livros didáticos – os quais foram reeditados praticamente após sete décadas da publicação da 1ª edição – foi possível conhecer a atuação desse professor. Apesar de ter estado envolvido direta ou indiretamente no âmbito da instrução pública, Francisco Vianna é pouco conhecido no estado de São Paulo se comparado aos outros professores autores de cartilhas de alfabetização que foram publicadas no mesmo momento histórico, mas seus livros são conhecidos, especialmente ao considerar as sentenças da 1ª. lição de *Cartilha: leituras*

infantis: “Eva vê a uva. Vovô vê o ovo. Vovô viu a ave. A ave voa. O Ivo viu a uva.” (Vianna, 1945).

Apesar do “silenciamento” dos aspectos relativos à sua vida e atuação profissional, os livros que esse professor teve publicados continuaram a circular durante muitas décadas e a partir deles que esse professor pôde ser conhecido assim como a partir da menção pioneira de Mortatti (2000) à produção desse professor relativa ao ensino da leitura.

Em síntese, pelo motivo de Francisco Vianna ter-se diplomado como professor nas décadas finais do século XIX e ter tido influência de uma formação mais positivista, cujas ideias haviam sido apresentadas pelo seu tio, Godofredo José Furtado, a compreensão desse professor a respeito do método analítico para o ensino da leitura se situava nesse âmbito, considerando que naquele momento essas questões eram vistas, sobretudo a partir dessa fundamentação.

Ainda segundo Mortatti (2000), a partir das décadas iniciais do século XX, as questões relativas ao método analítico para o ensino da leitura passaram a ser pensadas especialmente do ponto de vista pedagógico. Tanto os professores que se formaram nesse momento, quanto as discussões que circulavam entre os professores primários a esse respeito, tinham tom marcadamente procedimental como uma tentativa de auxiliar tecnicamente o trabalho pedagógico dos professores primários que buscavam compreender o método analítico em suas aplicações nas salas de aula.

Considerando, portanto, que Francisco Vianna se formou no século XIX, mas atuou como professor e teve seus livros publicados no século XX, é possível problematizar se Francisco Vianna ao “concretizar” sua proposta para o ensino da leitura, teria conseguido situá-la no âmbito pedagógico.

Ainda em relação a isso, considero-o concomitantemente aos seguintes aspectos: na Série “Leituras Infantis” há duas cartilhas destinadas ao ensino inicial da leitura, as quais foram publicadas com um intervalo de três anos; e *Primeiros passos na leitura* é idêntica à *Cartilha: leituras infantis*, tendo sido acrescido apenas a proposta de aplicação detalhada do método analítico em cada uma das lições.

A partir desses aspectos, é possível problematizar se *Cartilha: leituras infantis* foi criticada ou não-aceita pelos professores primários, os quais alegaram que ela apresentava lições de forma menos explicativas em relação ao

método, para o que Francisco Vianna elaborou nova proposta de cartilha, idêntica à anterior, mas na qual incluiu explicações didáticas e exercícios nas lições de modo a apresentar estruturadamente a operação e o “funcionamento” do método nas lições da cartilha? Teria sido proposta de Francisco Vianna elaborar outra cartilha ou teria sido uma estratégia editorial? Além disso, com qual objetivo o título de *Primeiros passos na leitura* não indica o termo “cartilha”, apesar de apresentar que se trata dos primeiros passos, por qual motivo esse termo teria sido suprimido deste livro?

Como se constata, mesmo alguns anos após a publicação da dissertação que resultou neste livro e de outra pesquisa ter sido desenvolvida a respeito de Francisco Vianna, como a de Paulino (2019), há ainda mais perguntas do que respostas sobre as suas escolhas e opções ao publicar seus materiais destinados ao ensino da leitura.

FRANCISCO VIANNA ENTRE CARTILHAS E LIVROS DE LEITURA

Este livro resulta de minha dissertação de mestrado, a qual defendi em 2010. Nos quase 14 anos que separam a defesa e a publicação deste livro, muito se produziu historicamente a respeito do ensino da leitura e da alfabetização no Brasil. O investimento de pesquisadores no desenvolvimento de investigações que versam sobre cartilhas, livros de leituras, materiais didáticos e outros elementos da cultura material da escola tem evidenciado que são muito férteis os caminhos para aqueles que olham para a escola e a educação em uma perspectiva histórica.

Neste livro o destaque foi dado à produção escrita de um professor que atuou em São Paulo e no Rio de Janeiro. Dos materiais que ele publicou, selecionei a sua série de livros destinada ao ensino da leitura, com o objetivo de compreender a sua proposta para esse ensino por meio do método analítico.

Para entender seus escritos, reuni e analisei informações acerca de sua formação e atuação profissional, bem como perscrutei as diferentes edições dos livros da Série “Leituras Infantis” a que tive acesso. O movimento de olhar para as atualizações da ortografia, as tecnologias empregadas no material e modificações nos objetos retratados nos livros e nas lições ajudou a constatar as interpretações de Francisco Vianna acerca da leitura, da alfabetização e de sua proposta sobre o método analítico.

Cotejando a análise dos livros da Série com as discussões que já foram produzidas até o momento sobre a história da alfabetização ou do ensino da leitura, tais como as discussões de Mortatti (2000); Frade (2001); Trindade (2001); Ribeiro (2001); Batista (2002); Batista; Galvão; Klinke (2002); Bernardes (2003); Boto (2004); Bittencourt (2004); Frade e Maciel (2006);

Razzini (2006); Sobral (2007); Amâncio (2008); Peres (2008); Pereira (2009), Regina (2017) e Paulino (2019) apenas para citar alguns exemplos, permitiu entender a singularidade dessa coleção. Ao mesmo tempo, foi possível identificar que o status de que esse professor gozava enquanto inspetor de ensino e sujeito bem relacionado com outros intelectuais que ocupavam cargos de destaque no que se refere à administração da educação pode ter sido um dos motivos que ajudaram no processo de produção, divulgação e circulação de seus escritos. Apesar da perenidade na publicação de seus livros, a Série “Leituras Infantis” teve menos repercussão se comparada a outras séries. Do mesmo modo, o nome de Francisco Vianna foi mais desconhecido.

Em diversos momentos neste livro, tal como na dissertação, deixei indicadas questões para reflexões posteriores e problematizações. Apesar de não elaborar possíveis respostas a essas questões, pois não integravam os objetivos da pesquisa, considereei pertinente deixá-las registradas como indicação de problematizações pertinentes que podem servir para elaborar outras reflexões sobre o *corpus* da pesquisa.

Devo destacar também, que durante o desenvolvimento da pesquisa me deparei com diversas dificuldades tanto relativas à localização e recuperação de fontes documentais e de informações a respeito desse professor. Os acessos a acervos e bases de dados, sem dúvidas, ganharam mais acessibilidade nos últimos anos e os desafios que enfrentei, como pesquisadora em formação, foram inúmeros. Assim como o próprio acesso a equipamentos tecnológicos visando a digitalização e preservação das imagens feitas nos acervos.

Por fim, este livro trata-se de apenas uma versão da atuação de Francisco Vianna na história do ensino da leitura no Brasil; há diversas outras possibilidades investigativas que podem aprofundar a questão, bem como as várias lacunas que ficaram sem preenchidas podem propiciar a elaboração de outras questões, as quais certamente contribuirão para o tema em questão. Fica registrado o desejo de que este livro instigue em seus leitores o interesse por dar continuidade às reflexões aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. *Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso 1910-1930*. Cuiabá: Editora UFMT, 2008.

AMPARO NEWS. Disponível em: <http://amparonews.spaceblog.com.br/r5682/Tunel-do-Tempo/>. Acesso em: 25 jun. 2010.

ANA LUIZA BUSTAMANTE SMOLKA. *Currículo Lattes*. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=B6245>. Acesso em: 28 jun. 2010.

ANUARIO DO ENSINO do Estado de São Paulo. Livros Didacticos. São Paulo: Typographia do “Diário official”, 1908.

_____. _____. Typographia do “Diário official”, 1918.

ANTONIO BANDEIRA TRAJANO. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/10291.html>. Acesso em: 18 jun. 2010.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Normas Técnicas. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2002.

AUGUSTO COMTE. *Biografia*. Disponível em: <http://www.culturabrasil.pro.br/comte.htm>. Acesso em: 17 mai. 2010.

BARRETO, René. Elementos de trigonometria. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno II, n. 1, p.66-67, abr. 1903, São Paulo.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Leituras de formação. CORAÇÃO, de Edmundo de Amicis (1886). In: SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos....* Rio de Janeiro: Lihed – Núcleo de Pesquisa sobre livro e história editorial no Brasil, 2009b. p. 1-21. Disponível em: <http://www.uff.br/lihed/primeiroseminario/pdf/mariahelenacoracao.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2010.

_____. *Pro Patria Laboremus*: Joaquim José de Menezes Vieira

(1848-1897). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 529-575.

_____. Um gênero de manual escolar: os paleógrafos ou livros de leitura manuscrita. In: MEMÓRIA DA LEITURA. Campinas, 2002. p. 1-10. 2002. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/3127.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2010.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 20, p. 27-47, Maio/Jun./Jul./Ago. 2002. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20_04_ANTONIO__ANA_MARIA_E_KARINA.pdf. Acesso em: 25 mar. 2010.

BENJAMIN CONSTANT. *Biografias*. Disponível em: http://www.e-biografias.net/biografias/benjamin_constant.php. Acesso em: 15 mai. 2010.

BERNARDES, Vanessa Cuba. Um estudo sobre *Cartilha analítica*, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1969-1925). *Revista de Iniciação Científica da FFC*. Marília, v. 8, n. 1, p. 1-17, 2008. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/181/166>. Acesso em: 17 mar. 2010.

_____. _____. 2003. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do povo e da Upa, cavalinho!*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

_____. *Cartilha do povo e Upa, cavalinho!: o projeto de alfabetização de Lourenço Filho*. 1997. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 1997.

BIANCO, Judite Elide Romero. *As lições de coisas no projeto republicano paulista (1890-1920)*. 1999. 132f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1999.

BIOGRAFIA DE JÚLIO CÉSAR DE MELO E SOUZA. Disponível em: <http://www.tutomania.com.br/artigo/biografia-de-julio-cesar-de-mello-e-souza-pseudonimo-malba-tahan>. Acesso em: 18 jun. 2010.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 475-491. set./dez. 2004. Também disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a08v30n3.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2010.

_____. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. 383 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BOTO, Carlota. Nova história e seus velhos dilemas. *Revista USP*. São Paulo, n.23, p. 23-33. set./nov. 1994.

_____. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 493-511, set./dez. 2004. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diaadia/arquivos/File/conteudo/veiculos_de_comunicacao/EDP/EDP30N3/EDP30N3_07.PDF. Acesso em: 25 mar. 2010.

BRASLAVSKY, Berta P. de. *Problemas e métodos no ensino da leitura*. Tradução Agostinho Minicucci; Prefácio: Lourenço Filho. [São Paulo]: Melhoramentos; editora da USP, [1971].

CAMPOS, Dulcinéia. As práticas de alfabetização no Espírito Santo na década de 1950. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPED, 25., Caxambu, Minas Gerais. *Anais...*, 2009. p. 1-18. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT10-5664--Int.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2010.

CATANI, Denice Bárbara. *Educadores à meia-luz*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

CEALE. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/index.php>. Acesso em: 25 jun. 2010.

CHARTIER, Anne-Marie. Dos abecedários aos métodos de leitura: gênese do manual moderno antes das leis Ferry (1881). In: _____. *Práticas de leitura e escrita: história e atualidade*. Tradução Ana Maria de Oliveira Galvão; Ceres Leite Prado; Flávia Sarti; Maria Rita Toledo; Ricardo Casco; Ruth Siliviano Brandão; Teresa Van Acker. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica,

2007, p. 67-119.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Tradução Maria Manuela Galhardo. Portugal: Difel, 2002.

CHOPPIN, Alain. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. *História da educação*, Pelotas, v. 13, n. 27, jan./abr. 2009. p. 9-75.

_____. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, set./dez. 2004. p. 549-566.

COELHO NETTO. Disponível em: <http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/glossario/c/coelho-neto.htm>. Acesso em: 17 jun. 2010.

COLÉGIO CULTO À CIÊNCIA. In: *Centro de Referência em Educação "Mário Covas"*. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1874_Colegio_Culto_a_Ciencia.pdf. Acesso em: 15 fev. 2010.

COSTELLA, Antonio. *Introdução à gravura e história da xilografia*. São Paulo: Mantiqueira de Ciência e Arte Ltda., 1984.

DONATO, Hernâni. *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

ESCOLA COMPLEMENTAR DE GUARATINGUETÁ. In: *Centro de Referência em Educação "Mário Covas"*. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18971903/1903Escola_Complementar_de_Guaratingueta.pdf. Acesso em: 17 mai. 2010.

ESCOLA MODELO DA LUZ. In: *Centro de Referência em Educação "Mário Covas"*. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18251896/1895_Escola_Modelo_da_Luz.pdf. Acesso em: 5 ago. 2009.

ESPÓSITO, Yara Lúcia. Alfabetização em revista: uma leitura. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 80, p. 21-27, fev. 1992. Também disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/312.pdf>

FERNANDEZ, Rogerio. *Os caminhos do ABC: sociedade portuguesa e ensino de primeiras letras (do Pombalismo a 1820)*. Porto: Porto Editora, 1994.

FERREIRA, Orando da Costa. *Imagem e letra: introdução à bibliografia brasileira: a imagem gravada*. 2. ed. São Paulo: Editora USP, 1994.

FERRO, Maria do Amparo Borges. *Literatura escolar e a história da educação: cotidiano, ideário e práticas pedagógicas*. 2000. 278f. Tese (Doutorado

em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2000.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Livros de leitura de Abílio César Borges: ideário pedagógico, produção e circulação. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2008, Portugal. *Anais eletrônicos*. Disponível em: http://web.letras.up.pt/7clbheporto/trabalhos_final.aspx. Acesso em: 21 mar. 2010.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Isabel Pereira (Org.). *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.

FRAGO, Antonio Viñao. *Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Álvaro Moreira Hypolito; Helena Beatriz M. de Souza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRANCISCO VIANA. In: COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: 1882-1982*. São Paulo: Quiron, 1983.

FURET, François; OZOUF, Jacques. *Lire et écrire: l'alphabétisation des français de Calvin a Jules Ferry*. Paris: Minuit, 1977. 2v.

GAZOLI, Monalisa Renata. *O método analítico para o ensino da leitura em Série de leitura Proença (1926-1928), de Antonio de Firmino Proença*. 2010. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

GODOI, Lidiany Cristina de Oliveira. *Botucatu e a expansão do ensino na Primeira República: história do Grupo Escolar Dr. Cardoso de Almeida (1895-1920)*. 2009. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

GOMES, Sílvia Cunha. *A alfabetização na história da educação do Espírito Santo no período de 1924 a 1938*. 2008. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

GONÇALVES, Gisele Nogueira. *A trajetória profissional e as ações de Oscar Thompson sobre a instrução pública em São Paulo (1889-1920)*. 121f. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

GRAFF, Harvey J. *Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização*. Tradução Tirza Myga Garcia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GRISI, Rafael. O ensino da leitura: o método e a cartilha. *Educação*, São Paulo, v.32, 36-90, 1946. (Separata da revista *Educação*).

GRUPO DE PESQUISA ALFALE - Alfabetização e letramento escolar. *Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil*. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=03327085JKR5TU>. Acesso em: 15 mai. 2010.

GRUPO DE PESQUISA HISALES - História da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares. *Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil*. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0045708Z55FDDB>. Acesso em: 15 mai. 2010.

GRUPO ESCOLAR DR. MORAES BARROS. In: *Centro de Referência em Educação "Mário Covas"*. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1900-Segundo_Grupo_Escolar_de_Piracicaba.pdf. Acesso em: 15 fev. 2010.

HALLEWELL, *O livro no Brasil: sua história*. Tradução Maria da Penha Villalobos e Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

HEITLINGER, Paulo. A evolução da escrita escolar: manuais e outras propostas. *Cadernos de tipografia e design*. Escolar: uma fonte contemporânea para aprender a escrever e a ler. [S. l.], n. 14, mar. 2009, p. 30-48. Disponível em: <http://tipografos.net/cadernos/CT14-Escolar.pdf>.

HÉRBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares na época moderna, *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 65-110, 1990.

HISTÓRIA da ortografia do Português. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=acordo-historia>. Acesso em: 20 nov. 2010.

INFORMAÇÕES SOBRE CAMPINAS, SÃO PAULO. Disponível em: http://www.mapasruasestradas.com/S%C3%A3o_Paulo/Campinas/. Acesso em 28 jun. 2010.

INSTITUTO CAETANO DE CAMPOS. *Atas das reuniões da Congregação (1894-1919)*. São Paulo, [1919]. (Manuscrito).

INSTRUÇÃO PÚBLICA: nomeações de professores (provisórios, adjuntos, nocturnos, preliminares) 1894-1895, São Paulo, [1896]. (Manuscrito).

JOÃO DO RIO. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/joao-do-rio/joao-do-rio.php>. Acesso em: 18 jun. 2010.

JOAQUIM OSÓRIO DUQUE ESTRADA. Disponível em: http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_SP/Barra_Escolha/B_DuqueEstrada.htm. Acesso em: 19 jun. 2010.

JÚLIO CÉSAR RIBEIRO VAUGHAN. Disponível em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JulioCRV.html>. Acesso em: 12 jun. 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et. al.]. 5.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES. Editôra Paulo de Azevedo Ltda. 1854-1954. Rio de Janeiro. 1954. Disponível em:

http://issuu.com/lihed/docs/lihed_cat_logo_do_centen_rio_1954?mode=embed&layout=http%3A//skin.issuu.com/v/light/layout.xml&showFlipBtn=true. Acesso em: 15 mar. 2010.

LORENZ, Karl. Inovações no ensino de ciências na escola primária brasileira na década de 1880: Rui Barbosa e a biblioteca do ensino intuitivo. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., [S. l.]. 2006. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/445KarlLorenz.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2010.

LOUIS MAÎTREJEAN. Disponível em:

<http://www.bookinerie.com/pages/goodrech.php3?titres=illustrateur&Tri=Jour&Ordre=DESC>. Acesso em: 17 mar. 2010.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. *Lúcia Casasanta e o método global de contos: uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais* 2001. 179f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

MAGALHÃES, Basílio. *O estado de S. Paulo e o seu progresso na actualidade* (Notas históricas, estatísticas e críticas sobre a organização político-administrativa e os principais factores da prosperidade, material, intellectual e moral, dados bandeirantes terra). Rio de Janeiro: Typographia do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & Comp., 1913.

MAGALHÃES, Justino Pereira. *Alquimias da escrita: alfabetização, história, desenvolvimento no mundo ocidental do Antigo Regime*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

_____. Linhas de investigação em História da Alfabetização em Portugal: um domínio do conhecimento em renovação. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, n. 2, p. 42-60, 1996. Também disponível em: <http://>

www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE02/RBDE02_06_JUSTINO_PEREIRA_MAGALHAES.pdf. Acesso em: 17 mai. 2008.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Os sentidos da alfabetização: a “questão dos métodos” e a constituição de um objeto de estudo* (São Paulo: 1876/1994). 1997. 389f. Tese (Livre-Docência em Metodologia do Ensino de 1º Grau: Alfabetização) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1997.

MELLO, Luis Correa. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: [s.n], 1954. (Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo).

MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. *O ideário republicano e a educação: uma contribuição à história das instituições*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*: São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e letramento*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

NEPALES - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo. Disponível em: <http://www.ce.ufes.br/nucleos/nepales.asp>. Acesso em: 16 mai. 2010.

NERY, Ana Clara Bortoleto. *Em busca do elo perdido: a ação reformadora de Oscar Thompson e a formação de professores (1911-1923)*. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2009.

NORFINI, Alfredo. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/wiwimod/index.php?page=NORFINI,+Alfredo>. Acesso em: 16 jun. 2010.

OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio de; SOUZA, Rosa Fátima de. As faces do livro de leitura. *Cadernos Cedes*, São Paulo, ano 20, n.52, p.26-40, nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a03v2052.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2008.

OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio de. *As séries graduadas de leitura na Escola Primária Paulista (1890-1940)*. 2004. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade e Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

OLIVEIRA, Itamar Freitas de. História do Brasil para crianças: o livro escolar nos primeiros anos da República e a iniciativa de Joaquim Maria de Lacerda. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, n. 6, jan./dez. 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/viewFile/277/284> Acesso em 7 maio 2010.

ORIANI, Angélica Pall. Considerações sobre a história da alfabetização no Brasil: a produção acadêmico-científica e a constituição do campo de pesquisas. *ETD – Educ. temat. digit.* Campinas, SP v.14 n.2 p.94-112 jul./dez. 2012.

OS TRIÂNGULOS ESFÉRICOS. Disponível em: <http://www.mat.ufrgs.br/~portosil/passa2a.html>. Acesso em: 15 jun. 2010.

PAULA, Carlos Francisco de. *Monografia histórica do Colégio Culto à Ciência*. Campinas, 1946. 58f. Disponível em: http://www.francisco.paula.nom.br/Culto/pag_monografia.htm. Acesso em: 15 fev. 2010.

PAULINO, Alessandra Secundo. “*Um mundo de pura manifestação dos sentimentos*”: A trajetória de Francisco Vianna e a representação de infância em suas obras (1876-1935). 226f. Dissertação (Mestrado em Educação) -Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

PEREIRA, Bárbara Cortella. *Theodoro de Moraes (1877-1956): um pioneiro no ensino da leitura pelo método analítico no Brasil*. 2009. 219f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

PERES, Eliane. Autoras de obras didáticas e livros para o ensino da leitura no Rio Grande do Sul: contribuições à história da alfabetização (1950-1970). *Educação Unisinos*, Rio Grande do Sul, v. 12, n., 2, p. 111-121, maio/ago. 2008. Disponível em: http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_educacao/vol12n2/05.pdf. Acesso em: 25 mar. 2010.

PFROMM NETO, Samuel; DIB, Carlos Z.; ROSAMILHA, Nelson. Cartilhas, gramáticas, livros de texto. In: _____. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974. p. 153-204.

PIETRARÓIA, Cristina Casadei. A importância da língua francesa no Brasil: marcas e marcos dos primeiros períodos de ensino. *Estudos linguísticos*, São Paulo, n. 37, v. 2, p. 7-16, maio-ago. 2008. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_01.pdf. Acesso em: 28 jun. 2010.

PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS. In: *Centro de Referência em Educação “Mário Covas”*. Disponível em: http://www.crma-riocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18971903/1897Primeiro_Grupo_Escolar_de_Campinas.pdf. Acesso em: 15 mar. 2010.

PROFESSORA ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA... Disponível em: <http://www.ufmg.br/online/arquivos/004615.shtml>. Acesso em: 19 jun. 2010

PROFESSOR JOSÉ LOURENÇO DE OLIVEIRA. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/lourenco/banco/EH03.html>. Acesso em 21 jun. 2010.

PROFESSOR MENDES VIANNA. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado público de São Paulo*, anno V, n. 1, p. 38, jul. 1906, São Paulo.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. A Livraria Francisco Alves e a expansão da escola pública em São Paulo. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2004, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marciadepaulorazzini.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2009.

_____. Produção de livros didáticos e expansão em São Paulo (1889-1930). In: JORNADAS ARGENTINAS DE HISTORIA E LA EDUCACIÓN, 14., 2006, La Plata: Universidad Nacional de La Plata e Sociedad Argentina de Historia de la Educación, *Anais...*, 2006 1 CD-Rom. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo03/Marcia%20de%20Paula%20Gregorio%20Razzini%20-%20Texto.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2010.

REGINA, Maria Silvana Benevides. *A Representação De Infância Nas Obras De Arnaldo Barreto Educar, Civilizar E Modernizar O Cidadão Republicano*. 168f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Paulo, 2017.

RIBEIRO, Neucinéia Rizzato. Um estudo sobre “A leitura analytica” (1896), de João Köpke. *Revista de Iniciação Científica da FFC*. Marília, v. 5, n. 1/2/3, 2005, p. 12-29. Disponível em:

<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/135/126>. Acesso em: 17 mar. 2009.

_____. _____. 2001. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

SANTOS, LG. Cartilha da infância, de Thomaz Galhardo (1855-1904). In: MORTATTI, MRL., et al., orgs. *Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2015, pp. 23-33. ISBN 978-85-68334-36-2. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

SEGUNDO GRUPO ESCOLAR DE PIRACICABA. In: *Centro de Referência em Educação “Mário Covas”*. Disponível em: http://www.crma-riocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18971903/1900Segundo_Grupo_Escolar_de_Piracicaba.pdf.

SILVA, Ernesto. Francisco Furtado Mendes Viana. *Revista do professor*. Ano II, n. 11, mai. 1935.

SOARES, Flávia dos Santos. Seleção de professores de matemática no Colégio Pedro II durante o império. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30., 2007, Caxambu. *Anais* Rio de Janeiro: ANPED, 2007. Também disponível em: http://www.ufrj.br/emanped/paginas/conteudo_producoes/docs_30/selecao.pdf. Acesso em: 25 jun. 2010.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca. *Alfabetização*. Brasília-DF: MEC/INEP/COMPED., 2000. (Série Estado do Conhecimento nº. 1). Disponível em: www.mec.gov.br/inep/publicacoes. Acesso em: 05 abr. 2007.

_____. Apresentação. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*: São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 13-15.

SOARES, Magda Becker. *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*. Brasília: MEC/INEP/Reduc, 1989.

SOARES, Magda Becker. As muitas facetas da alfabetização. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n.52, 1985. p.19-24.

SOBRAL, Patrícia de Oliveira. *Um estudo sobre Nova cartilha analytic-sintética (1916), de Mariano de Oliveira*. 2007. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Em nome da raça: a propaganda eugênica e as idéias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 29-70. 2006. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path%5B%5D=322&path%5B%5D=216>. Acesso em: 7 maio 2010.

STAROBINSKY, Jean. A literatura: o texto e seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques. *História: novas abordagens*. Tradução Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 132-143.

TROUSSON, Raymond. J.P.G. Viennet : les romantiques au tribunal du dernier des classiques. *Académie royale de langue et de littérature françaises de Belgique*, Bruxelles. [S. d.] Disponível em: <http://www.arllfb.be/ebibliotheque/communications/trousson140505.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2010.

TRINDADE, Iole Maria F. *A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra: queres ler?*. 2001. 524f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pelotas, 2001.

VALDEMARIN, Vera Teresa. O método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. *O legado educacional do século XIX no Brasil*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006a, p. 86-132.

_____. Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. *O legado educacional do século XX no Brasil*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006b, p. 163-203.

_____. *Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino de intuitivo*. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. *Livros de leitura para a infância: fontes para a história da educação nacional (1866/1930)*. *Linhas* – Revista do Programa de Mestrado em Educação e Cultura, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 219-242, dez., 2004. Também disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1218/1032>. Acesso em: 25 mar. 2010.

VIANA, Francisco Furtado Mendes. *Exercícios de caligrafia vertical*. 90. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

_____. *Caligrafia vertical: livro ilustrado*. 69. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1973].

VIANA, Francisco Furtado Mendes; CARNEIRO JUNIOR, Miguel. *Histórias para pequeninos: leitura preparatória da série “Leituras Infantis”*. 97. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

VIANA, Francisco Furtado Mendes. *Primeiros passos na leitura*. 44. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1958a. (Série “Leituras Infantis”).

_____. *Primeiro livro de leituras infantís.* 62. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1958b. (Série “Leituras Infantís”).

VIANA, Francisco Furtado Mendes; CARNEIRO JÚNIOR, Miguel. *Histórias para pequeninos: leitura preparatória da série “Leituras Infantís”.* 95. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1957.

_____. *Cartilha: leituras infantís.* 48. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1945. (Série “Leituras Infantís”).

_____. *Segundo livro de leituras infantís.* 60. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1941a. (Série “Leituras Infantís”).

_____. *Terceiro livro de leituras infantís.* 44. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1941b. (Série “Leituras Infantís”).

VIANA, Francisco Furtado Mendes; CARNEIRO JUNIOR, Miguel. *Leitura preparatória.* 69. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937a. (Série “Leituras Infantís”)

VIANA, Francisco Furtado Mendes. *Terceiro livro de leituras infantís.* 42. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937b. (Série “Leituras Infantís”).

VIANNA, Francisco Furtado Mendes; VIANNA, Euclides Ribeiro Mendes. *Pequena historia do Brazil.* 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

VIANNA, Francisco Furtado Mendes. *Modernas directrizes no ensino primario: escola activa do trabalho ou nova.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930. 191p.

VIANA, Francisco Furtado Mendes. *Terceiro livro de leituras infantís.* 37. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1928a. (Série “Leituras Infantís”).

VIANNA, Francisco Furtado Mendes. *Quarto livro de leituras infantís (Apanhados e factos históricos).* 37. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1928b. (Série “Leituras Infantís”).

_____. *Segundo livro de leituras infantís.* 50. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926. (Série “Leituras Infantís”).

_____. *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura.* Complemento das indicações do prefácio “Aos Professores” da Cartilha da serie “Leituras Infantís”. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1925.

_____. *Quarto livro de leituras infantís: apanhados e factos históricos.* 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923. (Série “Leituras Infantís”).

_____. *Considerações geraes sobre a apprendizagem da leitura.* Complemento das indicações do prefácio “Aos Professores” da Cartilha da serie “Leituras Infantis”. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1912].

_____. *Primeiro livro de leituras infantis.* 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909a.

_____. *Segundo livro de leituras infantis.* 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909b. (Série “Leituras Infantis”).

_____. Para a reforma da instrução publica. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 1, p. 312-313, abr. 1904a, São Paulo.

_____. Para a reforma da instrução publica. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 3, p. 387-389, ago. 1904b, São Paulo.

_____. Para a reforma da instrução publica. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 5, p. 445-447, dez. 1904c, São Paulo.

_____. Conferencia. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 1, p. 138-149, abr. 1904d, São Paulo.

VIANNA, Francisco Furtado Mendes. O velho mestre. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 1, p. 320, abr. 1904e, São Paulo.

_____. O ninho das andorinhas. (Tradução de Viennet). *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno II, n. 6, p. 574, fev. 1904f, São Paulo.

_____. Dó infantil. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno II, n. 6, p. 573, fev. 1904g, São Paulo.

_____. Sem medico. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 1, p. 188, abr. 1904h, São Paulo.

_____. O bom collegial. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 5, p. 43, dez. 1904i, São Paulo.

_____. Physica e Chimica: phenomenos physicos e chimicos. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno II, n. 5, p. 449-452, dez. 1903a, São Paulo.

_____. Lei geral da divisibilidade. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno II, n. 2, p. 78-81, abr. 1903b, São Paulo.

_____. Physiologia: uma particularidade sobre a visão. Phenomeno desconhecido?. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno II, n. 5, p. 520-522, dez. 1903c, São Paulo.

_____. Lição infantil: a Arnaldo Barreto. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno I, n. 1, p. 1146-1148, abr. 1902a, São Paulo.

_____. Precoce. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno I, n. 5, dez. 1902b, São Paulo, p. 953.

_____. *Elementos de trigonometria*: compreendendo a resolução de triangulos esphericos. São Paulo: Typographia da Industrial de São Paulo, 1901.

_____. *Leituras infantis*. 2. ed. São Paulo: N. Falcone, [s. d.].

VIDAL, Diana; GVIRTZ, Silvina. O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 8, p. 13-30, Mai./Jun./Jul./Ago. 1998. Também disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE08/RBDE08_04_DIANA_E_SILVINA.pdf

VIDAL, Diana Gonçalves. Da caligrafia à escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30. *Revista da Faculdade de Educação*, v. 24 n.1, São Paulo, jan./jun. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000100009&script=sci_arttext&tlng=pt.

VIEIRA, Maria do P. de A.; PEIXOTO, Maria do Rosário da C.; KHOURY, Yara M. A. *A pesquisa em história*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

VIEIRA, R. A. Amaral. Redução dos custos gráfico-editoriais. In: MAGALHÃES, Aluísio; HOUAISS, Antônio; SILVA, Benedicto. *Editoração hoje*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 197

SOBRE O LIVRO

Catálogo

André Sávio Craveiro Bueno – CRB 8/8211

Normalização

Kamilla Gonçalves

Diagramação e Capa

Mariana da Rocha Corrêa Silva

Assessoria Técnica

Renato Geraldi

Oficina Universitária Laboratório Editorial

labeditorial.marilia@unesp.br

Formato

16x23cm

Tipologia

Adobe Garamond Pro

Este livro decorre da dissertação de mestrado intitulada *Série “Leituras Infantis” (1908-1919)*, de *Francisco Vianna*, e *a história do ensino de leitura no Brasil*, de 2010, a partir da qual a autora Angélica Pall Oriani se inseriu como pesquisadora no campo científico brasileiro, somando em contribuições, centralmente, à constituição da História da Alfabetização como um campo de conhecimento, a exemplo de outra/os pesquisadore/as que a antecederam. Neste seu livro, Oriani apresenta um dos autores que, do seu ponto de vista, participou da construção da história da alfabetização no Brasil, professor Francisco Furtado Mendes Vianna (1876-1935), ou como mais se tornou conhecido, Francisco Vianna, autor de *O Ivo viu a uva*, frase que integra uma das lições da *Cartilha: leituras infantis* e lida por boa parte das crianças que, no início do século XX no Brasil, teriam iniciado o mundo das letras. A autora traça um percurso metodológico, norteadas por questionamentos em torno do processo de ensino da leitura apresentado por Francisco Vianna na Série “Leituras Infantis” e suas contribuições para a história desse ensino no Brasil. Tanto esse percurso, quanto as possíveis respostas a tais questionamentos o/a leitor/a poderá compreender com a leitura deste livro, referência para a pesquisa em história da alfabetização no Brasil.

Rosane Michelli de Castro

Professora do Departamento de Didática, da FFC-UNESP-Marília

ISBN 978-65-5954-521-6



9 786559 545216